

R. ALBERT MOHLER, JR.

DEUS não está em SILÊNCIO

PREGANDO EM UM MUNDO PÓS-MODERNO



R. ALBERT MOHLER, JR.

DEUS não está em SILÊNCIO

PREGANDO EM UM MUNDO PÓS-MODERNO



Deus Não Está em Silêncio

Pregando em um Mundo Pós-Moderno Traduzido do
original em inglês God is not Silent – Preaching in a
Postmodern World por R. Albert Mohler Jr.
Copyright © 2008 by R. Albert Mohler Jr.



Esta obra foi impressa originalmente nos
Estados Unidos da América
Por Moody Publishers,
820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL, 60610



Copyright©2009 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2011
Todos os direitos em língua portuguesa reservados
por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
Proibida a reprodução deste livro por quaisquer
meios,
sem a permissão escrita dos editores,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.



Presidente: James Richard Denham III Presidente

Emérito: James Richard Denham Jr.

Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Francisco

Wellington Ferreira Revisão: Paulo Cesar Valle; Tiago

J. Santos Filho eBook: Heraldo Almeida

Capa: Edvânio Silva

ISBN: 978-85-8132-335-0



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

‘Onde estão os Spurgeons desta geração?’ Assim, R. Albert Mohler conclui sua chamada à pregação expositiva nos púlpitos contemporâneos. Somos gratos a Deus pelo fato de que o ocupante da posição de presidente do Southern Baptist Theological Seminary escreveu um livro como este. Profundamente teológico, preocupado e confiante, este livro foi escrito com uma mensagem importante sobre o assunto crucial para igrejas e pregadores de nossos dias.

MARK DEVER

*Pastor, Capitol Hill Baptist Church, Washington
DC,*

Fundador do Ministério 9 Marks

Este livro mostra um lado do Dr. Mohler que muitos não veem. Além de seus papéis como presidente de seminário, observador discernente da cultura e porta-voz evangélico, o Dr. Mohler é excelente pregador, apaixonado

pela Palavra de Deus e confiante no poder da Palavra para salvar. Este livro nos ensina e nos incute uma perspectiva da pregação que é profunda quanto à teologia, consciente da cultura, sensível no aspecto pastoral e espiritualmente edificante. Os pastores evangélicos necessitam desesperadamente do apelo claro, firme e urgente que emana destas páginas.

C. J. MAHANEY

Presidente, Sovereign Grace Ministries

Prego porque nada mais pode satisfazer a urgência e a paixão que Deus despertou em meu coração pela verdade e por seu povo. Isso também deve ser verdade a seu respeito. Mas, se você pode sair e vender carros ou negociar ações, em vez de ser um pastor, vá e faça essas coisas. Quanto ao restante de nós, sou grato por meu amigo e mentor Al Mohler, que nos desafia a pensar além dos esboços do seminário

e da homilética segura. Cuidado — este livro pode mudar seu ministério!

JAMES MACDONALD

*Pastor, Harvest Bible Church,
Professor da Bíblia, ministério Walk in the Word*

Albert Mohler é um dos mais distintos e perspicazes analistas americanos da cultura e do Cristianismo. Neste livro veemente, ele apresenta um argumento persuasivo em favor do tipo de pregação que nossa cultura precisa: a exposição fiel da Escritura Sagrada, pela qual o Deus trino comunica o seu evangelho que vivifica, para a salvação de pecadores e a santificação de seu povo.

PHILIP GRAHAM RYKEN

*Pastor, Tenth Presbyterian Church,
Professor da Bíblia, ministério Every Last Word*

Como presidente do Southern Baptist Theological Seminary, o Dr. Al Mohler treina milhares de pastores e ministros a proclamarem a Palavra de Deus com integridade e clareza. O livro que agora está em suas mãos é resultado de toda uma vida de desenvolver e desafiar pregadores bíblicos eficazes. Prenuncio que ele se tornará um clássico em benefício da preparação e apresentação de sermões que exaltam a Cristo e fortalecem a igreja de Deus para as gerações futuras.

DR. JACK GRAHAM

Pastor, Prestonwood Baptist Church, Plano (Texas)

“De acordo com a Bíblia, exposição é pregação. E pregação é exposição”. Essa afirmação do Dr. Mohler resume bem esta obra poderosa sobre teologia da pregação. Desejo

que todo homem chamado a pregar tenha uma cópia deste livro excelente sobre a necessidade de pregação expositiva. Ele pode transformar o ministério de pregação de qualquer pastor. Ler este livro não faria nenhum mal a pregadores de qualquer idade!

JERRY VINES

*Pastor emérito, First Baptist Church,
Jacksonville (Florida), presidente de Jerry Vines
Ministries Inc.*

Mohler em seu melhor. O capítulo 7 sozinho vale o preço do livro!

ALISTAIR BEGG

Pastor, Parkside Church, Cleveland (Ohio)

AOS PASTORES DE MINHA INFÂNCIA

T. Rupert Coleman
Southside Baptist Church Lakeland, Florida

Robert L. Smith

First Baptist Church
Pompano Beach, Florida

AO NOSSO PASTOR

Kevin Ezell
Highview Baptist Church Louisville, Kentucky

E A TODOS OS FIÉIS SERVOS DA
PALAVRA, QUE ESTÃO PREGANDO A
PALAVRA, QUER SEJA OPORTUNO,
QUER NÃO, CONHECIDOS E
DESCONHECIDOS DO MUNDO,
CONHECIDOS DOS FIÉIS E DE DEUS.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Depoimentos

Dedicatórias

Agradecimentos

Apresentação à Edição em Português

Apresentação

Introdução: O Estado da Pregação Hoje

Capítulo 1

A Pregação como Adoração: o Cerne do Culto
Cristão

Capítulo 2

O Alicerce da Pregação: : Nosso Deus Trino

Capítulo 3

A Pregação é Expositiva: Uma Teologia de
Exposição

Capítulo 4

Pregação Expositiva: Sua Definição e
Características

Capítulo 5

Uma Dispensação de Mistérios: Autoridade e o

Propósito do Pregador

Capítulo 6

“Não Nos ardia o Coração?”: Pregando a

Grande História da Bíblia

Capítulo 7

O Pastor como Teólogo: Pregação e Doutrina

Capítulo 8

Mais Estranho do que Costumava Ser:

Pregando a Uma Cultura Pós-Moderna

Capítulo 9

A Urgência da Pregação: Uma Exortação aos

Pregadores

Capítulo 10

Pregando a Ossos Secos: Um Encorajamento

aos Pregadores

Epílogo: Uma Paixão por Pregação: Charles

Haddon Spurgeon

Editora Fiel

Agradecimentos

Este livro surgiu de uma grande preocupação com o estado da pregação na igreja e tomou forma no decurso de muita consideração, reflexão, ensino e pregação. Em todo o processo, a obra foi enriquecida e fortalecida por inúmeras conversas e envolvimento com outros que partilham desse interesse, bem como de um senso da glória da pregação como a primeira marca de uma igreja autêntica.

Sou especialmente grato ao Dr. John MacArthur, Dr. Mark Dever, Dr. Ligon Duncan, Dr. John Piper, Dr. Hershael York, Dr. Danny Akin, Dr. Russell Moore, C. J. Mahaney, Dr. James Merritt, Dr. Robert Vogel, John Stott,

ao falecido Dr. James Montgomery Boyce e a outros pregadores que ficaram acordados até tarde da noite falando sobre a pregação expositiva.

Este projeto jamais teria a forma atual sem o serviço de Greg Gilbert em meu escritório, aplicando sua excelente habilidade editorial ao manuscrito e dedicando-se a ele por causa de seu próprio amor pela pregação bíblica. Minha tristeza por sua saída para assumir novas responsabilidades em outro lugar é superada apenas por meu orgulho no fato de que ele será um pastor — a mais sublime das vocações. Ele pregará com fidelidade; e pregará muito bem.

Um grupo de outras pessoas do Southern Seminary, mais notavelmente Jason Allen, Russel Moore, Doug Walker e Dan Dumas, torna possível minha dedicação a projetos como este. Também quero agradecer à grande equipe da Moody Publishers e a meu representante, Robert Wolgemuth, que acreditou

neste projeto desde o início.

Finalmente, escrevo com o pleno conhecimento de que não posso fazer nada, nesta vida, sem a grande contribuição de minha esposa, Mary, cujo amor a mim dedicado torna mais rico, melhor e mais fiel tudo que faço. Como sempre, nossos filhos, Katie e Christopher, contribuíram para que a vida se tornasse mais alegre, mais urgente, mais intensa, mais feliz. Quem pode atribuir preço a isso?

Apresentação à Edição em Português

Há um clamor geral no Brasil por reforma e avivamento espiritual. Eu sou um dos que clamam. Não pretendo dizer a Deus de que maneira Ele poderia atender essa oração que parte do coração de milhares de crentes, membros de igrejas, pastores e líderes, preocupados com a situação da igreja brasileira. Contudo, não posso deixar de lembrar, pensando na história da Igreja, que o instrumento costumeiramente usado por Deus para reformar Seu povo, salvar pecadores e trazer avivamento espiritual é a pregação fiel da Sua Palavra.

Assim, sem deixar de reconhecer a complexidade do assunto, não tenho medo de errar ao afirmar que a falta de pregadores fiéis, que exponham com clareza e eficácia as Escrituras Sagradas ao povo, é uma das causas pelas quais a igreja evangélica brasileira se encontra no atual estado de confusão, incerteza, fragmentação, superficialidade e ineficácia.

Por este motivo, saúdo com alegria e expectativa a chegada do livro *“Deus Não está em Silêncio”* de Dr. Albert Mohler, um apelo apaixonado em favor da pregação expositiva. Já existem outros livros no Brasil sobre pregação expositiva, mas eu gostaria de destacar os motivos pelos quais este, em particular, merece a atenção dos pastores, seminaristas e pregadores em geral.

Primeiro, este livro é escrito por um dos mais renomados líderes reformados do mundo, que alcançou posição de proeminência não somente por causa de sua função como

presidente do Southern Baptist Theological Seminary nos Estados Unidos, mas especialmente por causa de suas pregações e exposições bíblicas. Coerente com a fé reformada que defende, Mohler vem abençoando a Igreja em várias partes do mundo com suas exposições claras e profundas da Bíblia. Este livro é o resultado dos muitos anos de sua prática de pregação e das aulas e palestras que ele tem dado a líderes ao redor do globo.

Segundo, Mohler defende apaixonadamente o método expositivo de pregação, o qual considero como o mais apropriado e eficaz para produzir reforma e avivamento espiritual. Após estabelecer o Deus Triúno como a base da pregação expositiva, ele desenvolve uma teologia da exposição bíblica e define as suas características, esclarecendo de maneira fácil a diferença entre a exposição bíblica e outros estilos de pregação, e estabelecendo a superioridade da primeira

sobre as demais.

Terceiro, o autor trata não somente da pregação em si, mas também do pregador como despenseiro dos mistérios de Deus, cujo coração arde com mensagem da Bíblia. Para ele, não basta pregar expositivamente. O pregador tem que ter autoridade que provém de seu chamado e de sua vida.

Quarto, Mohler não deixa de abordar algumas questões mais polêmicas relacionadas com a pregação, como por exemplo, a sua relação com a doutrina e a teologia e os desafios de se pregar expositivamente num mundo pós-moderno, desacostumado com o conceito de discurso autoritativo e de verdades absolutas. O livro termina com palavras de exortação e encorajamento aos pregadores.

Este livro renovou meu compromisso com a pregação expositiva e meu desejo de pregar com fidelidade todo o conselho de Deus. Minha expectativa é que ele faça a mesma coisa com todos os pregadores que o lerem.

São Paulo, abril de 2011

AUGUSTUS NICODEMUS LOPES, PH.D.

*Pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo
Amaro*

*Professor do Centro Presbiteriano
de Pós-Graduação Andrew Jumper
Chanceler da Universidade Presbiteriana
Mackenzie*

Apresentação

Uma das lições mais nítidas que aprendemos da história da igreja é que a sólida pregação bíblica é absolutamente essencial à saúde e à vitalidade da igreja. Desde o nascimento da igreja do Novo Testamento até hoje, toda fase significativa de avivamento, reforma e expansão missionária autêntica ou de crescimento vigoroso foi, também, uma era de *pregação bíblica*.

A pregação da Palavra de Deus foi, sem dúvida, uma das marcas distintivas da era apostólica. Os mais influentes pais da igreja pós-apostólicos, incluindo todos os primeiros apologistas, também eram ousados e poderosos

pregadores das Escrituras. Teólogos como Tertuliano, Jerônimo e Agostinho eram, igualmente, pregadores habilidosos, bem como eruditos bíblicos excelentes. Os principais homens entre os lóardos, os reformadores magistrais e os puritanos foram alguns dos melhores e mais corajosos pregadores expositivos que o mundo já conheceu. Os grandes despertamentos, os avivamentos galeses e os primeiros movimentos missionários foram todos estimulados pelo poder da poderosa pregação da doutrina bíblica.

Não ficamos admirados. As Escrituras dizem que a pregação é o meio primário que Deus escolheu para salvar aqueles que creem (1 Co 1.21). A pregação é, também, o principal instrumento que Espírito Santo escolheu para, com ele, alimentar a igreja e instruí-la coletivamente (1 Co 2.1-16). Além disso, a própria Palavra de Deus provê o único conteúdo válido da mensagem de qualquer

pregador (2 Tm 4.2-4).

O fato de que a igreja nasceu e se expandiu até ao mundo do século XXI principalmente por meio da pregação não é uma casualidade. Na verdade, toda vez que Lucas relatou crescimento na igreja primitiva, ele se expressou em termos como estes: “Crescia a *palavra de Deus*” (At 6.7; cf. 12.24 e 19.20). Evidentemente, a pregação — a pregação *bíblica* — é a principal estratégia que Deus mesmo ordenou para o crescimento da igreja, para a direção e a nutrição de seu rebanho. A pregação bíblica é a única estratégia que ele sempre abençoou.

Portanto, é admirável que nos últimos cinquenta anos (ou mais) os evangélicos tenham dedicado vastas quantidades de energia e recursos à invenção de novas estratégias de crescimento de igreja que tendem a menosprezar a pregação bíblica. Esses novos métodos evitam, às vezes deliberadamente, qualquer referência à Bíblia

— em especial quando os incrédulos estão presentes. Seu alvo é atrair pessoas por meio de campanhas de marketing, entretenimento, atividades sociais e outros métodos semelhantes. Muitos dos líderes de igrejas contemporâneos formulam suas filosofias de administração com base no mundo das grandes corporações; importam suas dicas de moda da indústria de entretenimento; imitam os estilos de comunicação da mídia (favorecendo as frases de impacto, acima do conteúdo); e têm empregado vários recursos da tecnologia moderna principalmente para causar admiração e impressionar, em vez de ensinar e edificar. A igreja visível reflete o mundo em um grau preocupante. Grande porção da cristandade está espiritualmente faminta — e a pregação sã e bíblica se tornou um elemento bastante raro.

Há sinais encorajadores de que a maré está mudando. Cristãos famintos pela Palavra de Deus estão apelando a que suas igrejas

resgatem a prioridade da pregação e do ensino bíblico, fiel e profundo (tenho ouvido que pessoas em todo o nosso país estão procurando, a cada semana, recomendações sobre igrejas que pregam seriamente a Bíblia). Muitos dos homens que estão entrando agora no ministério têm um novo compromisso com a pregação da Palavra de Deus e estão sendo treinados e equipados para se tornarem verdadeiros expositores, e não apresentadores e palestrantes motivacionais.

Al Mohler pertence a um pequeno grupo de homens que, em sua geração, está ajudando a renovar, estimular e satisfazer o apetite da igreja por pregação expositiva. Como presidente de um seminário, sua paixão é treinar homens e enviá-los a pregar a Palavra de Deus. Sua liderança corajosa é um modelo para os estudantes, e suas realizações já se tornaram famosas. Mas creio que seu legado será ainda mais profundo e abrangente — principalmente por causa do que ele tem feito

e está fazendo para restaurar a pregação bíblica ao seu devido lugar nas igrejas.

O Dr. Mohler é um estudante dedicado de pregação — e um excelente professor. É dotado de extraordinária habilidade de mesclar erudição meticulosa com paixão espiritual. Ele tem sido, durante vários anos, um grande apoio em nossa conferência anual de pastores. Possui uma firme e bem merecida reputação por sustentar sã doutrina, ter clareza ousada e, acima de tudo, um compromisso ardente com a exposição bíblica.

Vários anos atrás, quando os presbíteros da Grace Community Church planejavam uma celebração por meus 35 anos como pastor principal da igreja, decidiram que deveria ser um dia de pregação. Queriam que o foco se concentrasse no mandato bíblico de que os líderes da igreja preguem a Palavra e desejavam que um grande pregador liderasse o evento. O Dr. Mohler foi a primeira escolha deles; e foi a escolha absolutamente *certa*. Sua

mensagem naquele dia estimulou nosso coração e nos deu um novo compromisso de permanecer na tarefa para a qual Deus nos chamou.

Essa é a razão por que me sinto feliz por ver este livro. A paixão do Dr. Mohler por pregação é contagiante. Seu diagnóstico do que arruína a pregação contemporânea é exato, e suas sugestões quanto ao que devemos fazer em relação a isso são cheias de discernimento e desafio. Meu desejo é que este livro seja lido por muitos pregadores e leigos e que o Senhor o use para afastar uma geração de crentes fiéis (e inúmeras igrejas) de tudo que é trivial e mundano — trazendo-os de volta ao que realmente importa.

JOHN MACARTHUR

O Estado da Pregação Hoje

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos; era a época da sabedoria, era a época da tolice; era a época da crença, era a época da incredulidade..." Com essas palavras famosas, Charles Dickens introduziu sua grande obra *A História de Duas Cidades*. É claro que Dickens tinha em mente as cidades de Paris e Londres, e muito de sua história revelou que o caráter dos tempos dependia do lugar em que alguém vivia.

Em grande medida, isso continua sendo

verdade quando consideramos o estado da pregação contemporânea. Ser o melhor ou o pior dos tempos depende, em grande parte, do lugar para o qual decidimos olhar.

Por um lado, há sinais de grande promessa e encorajamento. Por exemplo, muitos jovens pastores evangélicos contemporâneos estão francamente comprometidos com a exposição bíblica. Eles representam um ressurgimento da exposição bíblica genuína nos púlpitos de igrejas situadas em todas as partes dos Estados Unidos, tanto no centro como na periferia das cidades. Essa nova geração está provando outra vez que a pregação eficaz e fiel da Palavra de Deus atrai pessoas a Cristo e conduz ao crescimento espiritual e à saúde da igreja. De fato, essa geração de ministros jovens, com outros que se preparam por meio de educação no seminário ou na faculdade, pode indicar um renascimento da pregação bíblica nos anos vindouros.

Por outro lado, estas últimas décadas têm sido um período de experimentação audaciosa em muitos púlpitos. Uma das consequências mais preocupantes é o declínio e o eclipse da pregação expositiva. Muitas vozes influentes no evangelicalismo estão sugerindo que a era de sermões expositivos já acabou. Em seu lugar, alguns pregadores contemporâneos apresentam mensagens planejadas intencionalmente para alcançar congregações seculares e superficiais — mensagens que evitam pregar um texto bíblico e, portanto, uma confrontação potencialmente embaraçadora com a verdade bíblica.

Como isso aconteceu? Devido ao lugar central que a pregação ocupa na igreja do Novo Testamento, parece que a prioridade da pregação bíblica não deve ser contestada. Afinal de contas, como observou notoriamente John A. Broadus, um dos docentes fundadores do Southern Baptist Theological Seminary, a “pregação é uma característica peculiar do

cristianismo. Nenhuma outra religião faz reuniões frequentes e regulares de grupos de pessoas para ouvirem instrução e exortação religiosas, como parte integral da adoração divina”.^[1]

Creio que o enfraquecimento da pregação no começo do século XXI é o resultado de vários fatores, que são, todos, assuntos de preocupação genuína e têm cooperado, juntos, para minar o papel da pregação na igreja e redefini-la como algo diferente da exposição e aplicação do texto bíblico.

*Primeiro, a pregação contemporânea
sofre de perda de confiança no poder da
Palavra.*

As pessoas de nossa época estão cercadas por mais palavras do que qualquer geração

anterior na história da humanidade. Somos bombardeados por palavras que nos alcançam de toda forma imaginável — cantadas, radio-difundidas, eletrificadas, impressas e faladas. Palavras têm sido digitalizadas, comercializadas e submetidas às teorias linguísticas pós-modernas.

Visto conjuntamente, tudo isso equivale a uma perda significativa da confiança na palavra escrita e falada. Há alguns anos, o fotógrafo Richard Avedon declarou que “imagens estão substituindo rapidamente as palavras como a nossa linguagem primária”. De modo semelhante, em *The Rise of the Image: The Fall of the Word* (A Ascensão da Imagem: O Declínio da Palavra), o autor Mitchell Stephens, da Universidade de Nova Iorque, argumenta que “a imagem está substituindo a palavra como meio predominante de transporte mental”.

Uma vez que a pregação é, em si mesma, uma forma de “transporte mental”, qualquer

perda de confiança na palavra leva a uma perda de confiança na pregação. Em última análise, a pregação deixa de ser *cristã* se o pregador perde a confiança na autoridade da Bíblia como a Palavra de Deus e no poder da palavra falada para comunicar a mensagem salvadora e transformadora da Bíblia. O pregador tem de se levantar e falar com confiança, declarando a Palavra de Deus a uma congregação que é bombardeada com centenas de milhares de palavras cada semana; e muitas dessas palavras são transmitidas por meio de músicas ou imagens em movimento. A reivindicação audaciosa da pregação cristã é que a proclamação fiel da Palavra de Deus, falada por meio da voz do pregador, é muito mais poderosa do que qualquer coisa que música ou imagem possam comunicar.

Segundo, a pregação contemporânea

sofre de obsessão por tecnologia.

O filósofo francês Jacques Ellul se mostrou profeticamente verdadeiro quando apontou a ascensão da tecnologia e de técnicas como um dos maiores desafios à fidelidade cristã em nosso tempo. Vivemos numa época de presunção tecnológica e de onipresença da assistência tecnológica. Engajamo-nos em poucas tarefas, físicas ou mentais, que não contam a assistência de alguma forma de tecnologia. Para muitos de nós, o uso dessas tecnologias se dá com pouca atenção ao modo como a tecnologia dá nova forma à tarefa e à experiência. Isso também é verdade no que diz respeito a pregadores que têm se precipitado em incorporar tecnologia e mídia visual ao evento da pregação.

O esforço é, sem dúvida, bem intencionado, compelido por um interesse

missiológico para alcançar pessoas cuja forma primária de “transporte mental” tem sido visual. Assim, os pregadores usam videoclipes de filmes, gráficos dinâmicos e outras tecnologias que cativam os olhos, a fim de conquistar e prender a atenção da congregação. Mas o perigo dessa abordagem é percebida no fato de que a comunicação visual logo supera a verbal. Além disso, a comunicação visual é direcionada frequentemente a uma pequeníssima dimensão da experiência humana, focalizada em particular nos aspectos afetivos e emocionais de nossa percepção. Os filmes nos *comovem* por meio da habilidosa manipulação de emoções, compelidas por músicas e manipuladas por habilidosas técnicas direcionadoras.

Isso é exatamente o que o pregador não deve fazer. O poder da Palavra de Deus, falada por meio da voz humana, é visto no poder singular da Bíblia para penetrar todas as dimensões da personalidade humana. Como

Deus deixou bem claro, mesmo nos Dez Mandamentos, ele resolveu ser *ouvido* e não *visto*. O uso de tecnologias visuais ameaça confundir esse fato básico da fé bíblica.

Terceiro, a pregação contemporânea sofre de embaraço diante do texto bíblico.

No passar dos anos, tenho ouvido inúmeros sermões de pregadores evangélicos, e não posso deixar de notar que alguns tendem a parecer bastante embaraçados diante do texto bíblico. O ataque persistente contra a autoridade da Bíblia e as sensibilidades de nosso tempo têm prejudicado a confiança do pregador no texto da Bíblia.

Quanto à esquerda teológica, a resposta é bem simples: descarte o texto e qualifique-o como patriarcal, opressivo e completamente

inaceitável à luz de um conceito moderno sobre Deus. Entre os evangélicos, podemos ser gratos pelo fato de que poucos pregadores estão dispostos a descartar o texto como sub-bíblico ou maculado por preconceitos antigos. Apesar disso, muitos pregadores ignoram ou menosprezam vastas seções da Escritura, focalizando, em seu lugar, textos que são mais agradáveis, convenientes e não confrontadores à mente moderna. Isso é uma forma de negligência e mau exercício da função pastoral, que é corrigido somente por uma aceitação ampla da Bíblia — toda a Bíblia — como a Palavra de Deus inspirada, inerrante e autoritária. *Toda* a Bíblia é para o nosso bem. Como Paulo disse a Timóteo: “*Toda* a Escritura é inspirada por Deus e útil” para nós (2 Tm 3.16, *itálico acrescentado*).

Quarto, a pregação contemporânea sofre

de esvaziamento de conteúdo bíblico.

O ponto anterior se preocupou com as passagens da Escritura que nunca são pregadas. Mas, o que podemos dizer sobre os textos que são pregados? Os pregadores de hoje estão realmente estudando o conteúdo da passagem? Em muitíssimos casos, parece que o texto se torna um ponto de partida para alguma mensagem — de novo, bem-intencionada, sem dúvida — que o pastor deseja compartilhar com a congregação. Além disso, o texto da Escritura é frequentemente esvaziado — evacuado — de conteúdo bíblico quando, apesar da forma textual ou do contexto da passagem, o conteúdo é apresentando uniformemente como um conjunto de “pontos” incisivos que se unem em uma forma de esboço fechado.

É claro que todo texto possui um ensino

principal, e o maior interesse do pregador deve ser comunicar essa verdade central. Na verdade, ele deve idealizar o sermão de modo a alcançar esse propósito amplo. Além disso, o conteúdo da passagem deve ser aplicado à vida — mas a aplicação tem de ser determinada pela exposição, e não vice-versa.

Outro problema que resulta num esvaziamento do conteúdo bíblico é a perda do “panorama geral” da Escritura. Muitos pregadores dão atenção inadequada ao contexto canônico da passagem a ser pregada e ao seu lugar na história ampla do propósito de Deus de glorificar a si mesmo por meio da redenção de pecadores. Tirada do contexto, e sem atenção clara à teologia bíblica, a pregação se torna uma série de palestras desconexas sobre textos desconexos. Isso está muito aquém da verdadeira pregação bíblica.

Quinto, a pregação contemporânea sofre de focalização em necessidades sentidas.

O debate atual sobre a pregação é mais comumente explicado como um argumento sobre o foco e a forma do sermão. O pregador deve pregar um texto bíblico usando o sermão expositivo? Ou deve direcionar o sermão às “necessidades sentidas” e os interesses perceptíveis dos ouvintes?

Harry Emerson Fosdick, pastor da Riverside Church, em Nova Iorque, e talvez o mais famoso (ou infame) pregador nas primeiras décadas do século XX, definiu assim a tarefa de pregar: “Pregar é um aconselhamento pessoal em grupos”. Os evangélicos daquela época reconheceram essa abordagem de Fosdick como uma rejeição da pregação bíblica. Sendo um teólogo liberal descarado, Fosdick exibiu sua rejeição da

inspiração, inerrância e infalibilidade bíblica — e rejeitou outras doutrinas centrais à fé cristã. Apaixonado pelas tendências da teoria psicológica, Fosdick se tornou um terapeuta de púlpito do protestantismo liberal. O alvo de sua pregação foi bem expresso no título de um de seus muitos livros: *On Being a Real Person* (Sendo uma Verdadeira Pessoa).

Infelizmente, essa abordagem está agora evidente em muitos púlpitos evangélicos. Instados por devotos da “pregação baseada em necessidades”, muitos evangélicos abandonaram o texto sem reconhecer que fizeram isso. Esses pregadores podem até usar o texto no decorrer do sermão, mas o texto não determina a agenda nem estabelece a forma da mensagem. O púlpito sagrado se tornou um centro de aconselhamento, e os bancos da igreja, o sofá do terapeuta. Interesses práticos e psicológicos substituíram a exegese teológica; e o pregador direciona seu sermão às necessidades percebidas da congregação, e não

à sua necessidade de um Salvador.

O problema é que o pecador não sabe qual é a sua necessidade mais urgente. Ele está cego quanto à sua necessidade de redenção e reconciliação com Deus e se focaliza nas necessidades potencialmente reais e temporais, como realização pessoal, segurança financeira, paz familiar e avanço profissional. Muitos sermões são elaborados para atender a essas necessidades e interesses e falham em proclamar a Palavra da Verdade.

Sexto, a pregação contemporânea sofre de ausência do evangelho.

A pregação dos apóstolos sempre apresentou a *kerygma* — o âmago do evangelho. A apresentação clara do evangelho tem de ser parte do sermão, não importando

qual seja o texto. Como Charles Spurgeon disse tão eloquentemente, pregue a Palavra, coloque-a em seu contexto canônico e “faça uma linha direta para a cruz”.

O costume de muitos pregadores é apresentar mensagens proveitosas e práticas, que possuem frequentemente conteúdo cristão generalizado, mas sem apresentação clara do evangelho ou uma chamada à decisão ou à responsabilidade para com o texto ou as reivindicações de Cristo. Os apóstolos deveriam ser nosso modelo neste ponto: eles pregavam consistentemente a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus Cristo. Em verdade, para que o evangelho faça sentido, a pregação autêntica tem de lidar honestamente com a realidade do pecado humano, com franqueza semelhante à do texto bíblico. Tudo isso apresenta ao pregador alguns desafios importantes, em nossa época de “sensibilidades”. Mas, no final, a pregação destituída deste conteúdo — a pregação que

evita o texto bíblico e a verdade bíblica — fica aquém de qualquer coisa que possamos chamar de pregação *cristã*.

De fato, este é o melhor e o pior dos tempos. Sou grato pelo ressurgimento da pregação expositiva, especialmente entre muitos pregadores jovens. Sou grato por exemplos robustos de púlpitos que agora servem como mentores para uma geração faminta por ver como a exposição bíblica constitui o próprio cerne de um ministério poderoso e eficiente. Também sou grato por muitos programas excelentes em seminários dirigidos a encorajar e equipar esta geração para essa tarefa.

Ao mesmo tempo, sou igualmente preocupado com as tendências perigosas e os muitos exemplos populares que ameaçam arruinar a centralidade da exposição bíblica nos púlpitos evangélicos. O pregador cristão tem de confrontar a congregação com a Palavra de Deus. Essa confrontação será, às vezes,

desagradável, desafiante e difícil. Afinal de contas, isso é a Palavra que nos penetra como uma espada. O pregador evangélico tem de estabelecer como seu alvo o permitir que a espada fique livre, não embainhada, nem com seu fio embotado.

[1] Broadus, John A. *On the preparation and delivery of sermons*. 4th ed. San Francisco: Harper Collins, 1979. p. 3.

A Pregação como Adoração

O Cerne do Culto Cristão

Se um exame da literatura sobre o culto e as conversas que acontecem presentemente entre as igrejas são indicadores verdadeiros, o assunto do culto é agora um dos mais controversos na igreja local. De fato, muitos dos títulos de livros evangélicos atuais sugerem que a igreja enfrenta hoje uma “guerra de culto”. A própria expressão — a combinação das palavras *guerra*

e *culto* — deve levar-nos a reflexão sensata e solene.

É verdade que o culto tem causado algumas guerras. Em algumas igrejas locais, vemos não somente confusão, mas também conflitos, controvérsia e divisão. E o que tudo isso significa? Minha preocupação é que o assunto da adoração definirá tanto os cultos da igreja como a nossa teologia e crenças a respeito de Deus. Não existe questão mais importante para a igreja do Senhor Jesus do que cultuarmos a Deus como ele deseja que o façamos.

E como fazemos isso? Muitos evangélicos concordariam imediatamente que o culto é central à vida da igreja, mas, indo além disso, não haveria consenso nas questões inevitáveis: o que é culto? O que Deus quer que façamos no culto? Embora muitos evangélicos mencionem a pregação da Palavra como uma parte necessária ou costumeira do culto, o modelo prevalecente de culto nas igrejas

evangélicas é, cada vez mais, definido pela música e inovações, como dramatização e apresentações de videocliques. A pregação tem sido removida, em grande parte, e inúmeras inovações de entretenimento têm ocupado o seu lugar.

Qualquer consideração da pregação cristã tem de começar com a compreensão de que *a pregação é essencialmente um ato de adoração*. Portanto, para entendermos o que é exigido de nós como pregadores, temos, em primeiro lugar, de entender o que significa adorar. O Senhor mesmo nos recorda que Deus busca adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23). Mas, o que significa adorar a Deus em espírito? O que significa adorá-lo em verdade? E como a pregação se enquadra em tudo isso?

Ligando a adoração à teologia

Adorar a Deus em verdade é fundamentalmente uma questão de teologia. Contudo, a teologia não é, por definição, uma disciplina isolada. Não é apenas uma forma de discurso acadêmico. Quando conduzida corretamente, a teologia é a conversa do povo de Deus procurando entender o Senhor que adoramos e saber como ele quer ser adorado. Geoffrey Wainwright, da Universidade Duke, argumentou isso com muita perspicácia quando intitulou de *Doxologia* o seu livro de teologia sistemática. A teologia e a adoração estão ligadas inseparavelmente.

Portanto, devemos lembrar que o propósito do teólogo — e do pregador — é servir à igreja de modo que o povo de Deus o adore mais fielmente. Por entendermos a revelação de Deus em sua Palavra, sabemos

como ele deseja ser adorado. Então, à luz disso, devemos perguntar: quais são as condições próprias do culto evangélico? Aqueles que afirmam estar fundamentados no evangelho e submissos à Palavra de Deus, como eles devem cultuar a Deus?

Conhecemos a história da adoração no decorrer dos séculos. Sabemos o que aconteceu na Reforma e o que transpirou na reforma inglesa. Sabemos que elementos do culto foram removidos porque foram considerados antibíblicos; mas agora, de várias maneiras, vemos essas mesmas coisas retornando. Qual é a condição do culto evangélico hoje? Em resposta a essa pergunta, não é um exagero sugerir as palavras *pandemônio*, *confusão* e *consternação*.

No meio da confusão, podemos achar grande percepção na leitura do falecido A. W. Tozer. Eis o que ele disse há várias décadas:

Temos os cristãos entusiastas e auto-confiantes que possuem pouca afinidade por Cristo e sua cruz. Temos os jovens animadores que saem por aí e parecem, tanto quanto possível, apresentadores de programas de jogos televisivos. Mas, eles estão fazendo isso por amor a Jesus? Hipócritas! Eles não estão fazendo isso por amor a Jesus, de modo algum! Estão fazendo-o motivados por sua própria carne e estão usando a igreja como um teatro porque ainda não chegaram ao ponto em que o verdadeiro teatro os receberia!^[1]

Tozer amplia seu argumento:

Hoje, é comum muitas igrejas evangélicas oferecerem às pessoas, especialmente aos jovens, o máximo de entretenimento e o mínimo de instrução séria. Em muitos lugares, raramente é possível assistir a uma reunião em que Deus é a única atração. Podemos apenas concluir que os filhos professos de Deus estão entediados dele, visto que precisam ser cortejados a se reunir por coisas agradáveis, na forma de filmes religiosos, jogos e recreações.

Isso tem influenciado todo o padrão de vida da

igreja e produzido um novo tipo de arquitetura de igreja designada a abrigar o bezerro de ouro.

Por isso, temos uma estranha anomalia de ortodoxia no credo e heterodoxia na prática. A técnica de atrair com coisas agradáveis tem sido tão completamente integrada à nossa maneira de pensar religiosa, que é admitida como certa. Suas vítimas nunca imaginam que ela não faz parte dos ensinos de Cristo e de seus apóstolos.

Qualquer objeção aos comportamentos impróprios de nosso atual cristianismo bezerro de ouro é confrontada com esta resposta triunfante: “Nós os estamos ganhando!” Ganhando-os para quê? Para o verdadeiro discipulado? Para levarem a cruz? Para a separação do mundo? Para a crucificação da carne? Para o viver santo? Para a nobreza de caráter? Para um desprezo dos tesouros do mundo? Para a autodisciplina séria? Para o amor a Deus? Para o compromisso total com Cristo? Sem dúvida, a resposta para todas essas perguntas é “não”.^[2]

Essas palavras foram escritas há várias décadas, mas Tozer viu, com certeza, o futuro.

Cuidando para não corrompermos nossa adoração

Kent Huges, pastor emérito da College Church em Wheaton (Illinois), também escreveu perceptivamente sobre este assunto. Ele disse:

A suposição não confessada, porém cada vez mais comum, do cristianismo hodierno é que a adoração é primariamente para nós — para satisfazer nossas necessidades. Esses cultos de adoração são focalizados no entretenimento, e os adoradores são espectadores descomprometidos que avaliam silenciosamente a performance. Com base nessa perspectiva, a pregação se torna uma homilética de consenso — pregar para atender às necessidades sentidas — a agenda consciente do homem em lugar da agenda de Deus. Esse tipo de pregação é sempre tópica e nunca textual. A informação bíblica é minimizada, e os sermões são curtos e cheios de histórias. Remove-se do culto qualquer coisa e tudo que se suspeita torna o frequentador desconfortável... Levada ao seu nível mais elevado, essa filosofia instila um egocentrismo trágico. Ou seja, tudo é julgado pela maneira como afeta o homem. Isso corrompe terrivelmente a teologia de qualquer pessoa.^[3]

Huges está correto. Nossa adoração confusa corrompe nossa teologia, e nossa

teologia fraca corrompe nossa adoração. Essas afirmações são alarmantes? O seu alvo é soar o alarme. Mas há muitos outros que estão dizendo: “Não se inquiete. Fique feliz. Adore a Deus”. Um autor versado em crescimento de igreja escreveu recentemente:

A adoração é como um carro que nos conduz de onde estamos até aonde Deus quer que estejamos. Transporte e comunicação são imperativos; o modo ou o veículo não é imperativo. Alguns adoram a Deus em catedrais, com ricos órgãos tradicionais e as melodias de Bach e Feuer, dos clássicos da Europa. Viajam em uma Mercedes Benz. Alguns adoram a Deus em igrejas simples feitas de madeira, com a agulha da torre apontando para o céu. Cantam as canções evangélicas de Charles Wesley e Fanny Crosby. Viajam em um Ford ou um Chevrolet. Alguns adoram a Deus com os sons contemporâneos de cânticos de louvor, com uma bateria suave. Viajam em um cupê esporte conversível. Alguns adoram a Deus com o grunhido de uma guitarra e os amplificadores no máximo. Viajam em motocicletas sem escapamento.^[4]

Mas, com certeza, há muito mais relacionado à adoração do que o espectro de

gosto desde uma Mercedes Benz a uma motocicleta. Tem de haver algo mais importante na adoração. “A adoração é como um carro que nos conduz de onde estamos até aonde Deus quer que estejamos.” Isso pode ser dito com franqueza quando ouvimos a Escritura falar sobre adoração?

Sabemos que há muitas opiniões cristãs diferentes sobre a adoração. Isso não é novo para nós. Mas a verdadeira questão é se Deus mesmo tem uma opinião sobre este assunto. Deus se importa com o modo como é adorado? Ou ele é um tipo de divindade *indiferente* que não se importa com a maneira como o seu povo o adora e, em vez disso, se sente feliz com a esperança de que pessoas em algum lugar o adorarão de alguma maneira?

A Escritura revela que Deus se importa realmente com a maneira como seus filhos o adoram. Levítico 10.1-3 serve como testemunha desse fato.

Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um

o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara. Então, saiu fogo de diante do SENHOR e os consumiu; e morreram perante o SENHOR. E falou Moisés a Arão: Isto é o que o SENHOR disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se cheguem a mim e serei glorificado diante de todo o povo. Porém Arão se calou.

Nadabe e Abiú eram filhos de Arão. Eram sacerdotes e, por isso, tinha todo o direito de oferecer sacrifícios em adoração a Deus. Mas fizeram o que Deus não lhes mandara. Trouxeram fogo estranho ao altar e, por causa disso, foram mortos. Portanto, vemos claramente que Deus tem uma opinião quanto à adoração. Ele é Deus zeloso — o Deus que nos ama, mas também nos instrui e ordena a seu povo que o adore de modo correto.

A Escritura deixa claro que a adoração é algo que fazemos, e não algo que *frequentamos*. Não é meramente um assunto do pastor ou outros ministros, nem dos músicos, nem daqueles que planejam o culto. A adoração é

uma questão pertinente a toda a congregação, pois é algo que fazemos juntos. Temos a responsabilidade corporativa e comum de adorar a Deus.

Um padrão de Adoração vindo da Palavra de Deus

A que fonte devemos recorrer em busca de instrução sobre como devemos adorar? Há somente uma fonte à qual podemos nos voltar: a Palavra de Deus. A norma de nossa adoração tem de ser a Palavra de Deus, a Palavra que ele mesmo falou. Quando nos voltamos à Palavra de Deus, vemos um padrão de adoração aceitável, um padrão que se repete em toda a Escritura, de começo ao fim. A Escritura é, disseram os reformadores, *norma normans non normata*, ou seja, “a norma das normas que não pode ser normatizada”. Isso é o que comunicamos quando dizemos “*Sola Scriptura*” — a Escritura é a norma de nossa adoração. Não existe nada fora da Escritura que pode “normatizá-la” ou corrigi-la.

A própria Escritura estabelece os termos, e, por isso, nos voltamos à Bíblia para aprender como Deus quer que o adoremos.

Como começa a adoração autêntica: Uma visão verdadeira do Deus vivo

Em Isaías 6.1-8, temos um quadro da adoração autêntica, um quadro que nos ensina o que Deus espera de seu povo quando eles o adoram. Primeiramente, o profeta experimentou uma teofania, uma visão do Deus vivo e verdadeiro. E, se devemos adorar a Deus como ele quer que o adoremos, precisamos igualmente ver a Deus como ele é. A adoração correta começa com uma visão do único Deus vivo e verdadeiro.

Isaías narrou que no ano da morte do rei Uzias ele viu o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono e que as abas de suas vestes enchiam o templo. O trono é símbolo de realeza e soberania, indicando que quem está assentado no trono é tanto rei como juiz.

Representa poder e justiça. Entretanto, há algo mais, pois aquele cujas abas das vestes enchiam o templo não está sozinho. O versículo 2 nos diz: “Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava”. As seis asas desses serafins — que, literalmente, significa, “os que ardem” — transmitem um grande simbolismo. As asas com as quais eles cobriam o rosto indicam, com certeza, humildade, enquanto o cobrir os pés representa pureza. Os serafins sabiam na presença de quem estavam, e não ousavam levantar os olhos para contemplar a face de Deus.

Essas criaturas aladas não estavam apenas voando, pairando em silêncio. Eles clamavam uns para os outros, dizendo: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”. Estas palavras “santo, santo, santo” são conhecidas como “trisagion”. No idioma hebraico não há forma comparativa

ou superlativa adequada, por isso a repetição é usada dessa maneira para estabelecer uma verdade. Esse padrão de repetição tríplice acontece também em Apocalipse 4.8-11: “E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir”. A igreja primitiva viu nesse padrão uma referência à Trindade; e, olhando para trás com a percepção do Novo Testamento, podemos certamente entender essa afirmação. Mas o argumento central dessa estrutura vocabular parece ser de ênfase.

Por exemplo, considere Gênesis 14.10, em que o original hebraico fala de alguém caindo em um “poço-poço”. A construção idiomática pode ser traduzida por um “poço profundo e grande”. Uma coisa é cair em um poço, outra coisa bem diferente é cair em um “poço-poço”!

O fato é que, ao clamarem “santo, santo, santo”, os serafins estavam declarando a identidade, o ser e a essência de Deus em termos de uma santidade todo-excedente.

A santidade de Deus se refere à sua separação de sua criação. Ele é o que não somos. Somos finitos, ele é infinito. Em outras palavras, Deus é transcendente, e sua santidade revela a diferença e o contraste infinito entre a sua natureza e a nossa. J. Alec Motyer define a santidade como a “total e singular majestade moral de Deus”. Que expressão maravilhosa! A majestade moral de Deus é completa e não tem rivais. E. J. Young sugere, igualmente, que a santidade é a totalidade da perfeição divina que separa Deus de sua criação. Aquilo que está além de nossa definição é o que faz com que Deus seja Deus. A santidade inclui todos os atributos de Deus. Sua santidade é aquilo que o define.

Pergunto-me se a visão de Deus mantida por muitos que vêm adorá-lo é semelhante à

que os serafins nos declaram em Isaías 6. Adoramos com o entendimento de que Deus é santo e de que “toda a terra está cheia da sua glória”? Temo que não. Pergunto-me se em nossa adoração encontramos algo semelhante a essa visão de Deus. Aqueles que vêm aos nossos cultos de adoração vêm para estar face a face com a realidade de Deus? Ou vão embora com uma visão de um Deus menor, uma deidade desidratada? Adoração é o povo de Deus reunido para confessar a dignidade de Deus, a sua excelência. Como podemos fazer isso, se não mostramos com clareza quem é Deus? Nosso padrão de adoração tem de ser um testemunho do caráter de Deus.

A adoração tem componentes objetivos e subjetivos. Com certeza, a adoração é subjetiva. Na adoração, há uma experiência pessoal e individual a ser desfrutada. Mas a Escritura também deixa claro que a experiência subjetiva da adoração tem de ser baseada na verdade objetiva do Deus vivo e verdadeiro, o Deus que

se revela na Escritura.

Roger Scruton, um famoso filósofo britânico, sugeriu que a adoração é o mais importante indicador do que uma pessoa ou um grupo de pessoas crê a respeito de Deus. Ele escreveu: “Deus é definido no ato da adoração com maior precisão do que é definido por qualquer teologia”.^[5] Em outras palavras, se você quer saber o que um povo realmente crê a respeito de Deus, não gaste tempo lendo os teólogos deles. Veja-os em adoração. Ouça o que eles cantam e como oram. Então, você saberá o que eles creem sobre o Deus que adoram.

Inquieta-me o pensamento de que, em uma igreja evangélica típica, o Deus da Bíblia jamais seria conhecido por nos verem em adoração. Em vez disso, o que temos em muitas igrejas é “adoração instantânea” de uma “divindade instantânea”. Mas, que tipo de Deus é esse Deus superficial, indigno e insignificante? Com base em nossa adoração,

um observador poderia obter qualquer ideia sobre o Deus da Bíblia? Às vezes, pergunto-me se isso é um desenvolvimento accidental ou uma evasão intencional.

George Hunter III sugere que uma igreja que floresce tem de praticar “adoração celebrante”. Ele oferece duas razões: “1) prover uma celebração em que os pré-cristãos podem se relacionar e encontrar significado; 2) remover o fator de esquívamento por prover um culto ao qual nosso povo gostaria de convidar seus amigos, e não um culto ao qual eles temeriam convidar seus amigos”.^[6] Isso é uma inversão fascinante. O propósito do culto celebrante é, primeiramente, prover “uma celebração em que os pré-cristãos podem se relacionar”. Mas, em segundo, Hunter sugere a remoção de qualquer coisa que ele identifica como “o fator de esquívamento”, por oferecer um culto ao qual as pessoas gostariam de convidar seus amigos, e não um culto em que o pensamento de convidar seus amigos lhes

causaria um sentimento de pavor.

Mas, não há muitos *fatores de esquivamento* na Bíblia? Se você remover esses fatores da Escritura, terá ao final um livro bem pequeno. Hebreus 10.31 revela que “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”. Duvido que exista algo que poderíamos, remotamente, descrever como “horrível” no Deus que apresentamos em nossos cultos sem “esquivamento”. Considere apenas o declínio da majestade e do temor na hinografia evangélica. Vemos aí uma rendição de convicção e acomodação à cultura. E isso não é nada mais do que uma “banalização” dos conteúdos de nossas canções. Saímos do “Santo, Santo, Santo” para “Deus, o Camarada Excelente”.

Qual é o resultado desse tipo de cristianismo acomodado? Citamos Tozer novamente:

Temos simplificado o cristianismo de tal modo que

agora ele equivale a isto: Deus é amor, Jesus morreu por você; creia, aceite, seja feliz, tenha alegria e conte aos outros. E continuamos nos afastando — esse é o cristianismo de nossos dias. Eu não daria um centavo por todo esse cristianismo. Às vezes, Deus tem ovelhas sangrentas que conseguem viver nesse tipo de coisa. E pergunto-me como.^[7]

A adoração verdadeira começa com uma visão do Deus da Bíblia — uma visão do trono do único Deus vivo e verdadeiro.

AO QUE NOS LEVA A ADORAÇÃO AUTÊNTICA?

À CONFISSÃO DE PECADO

A adoração autêntica começa com uma verdadeira visão do Deus vivo, mas, em segundo lugar, essa adoração leva a uma confissão do pecado, tanto individual como coletivo. Isso também é claro em Isaías 6.5. Ao

ver a Deus em seu trono, Isaías disse: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” Isaías sentiu-se “perdido” quando viu o Deus vivo e verdadeiro em sua santidade. Chegou a conhecer a majestade e a natureza moral desse Deus, bem como chegou a ver a justiça e a santidade de Deus. Ao fazer isso, Isaías viu automaticamente a sua total pecaminosidade. Ele não podia entender a si mesmo como nada mais do que um pecador que estava perdido, separado e sem palavras. Viu a si mesmo condenado à morte.

Quero sugerir que isso tem de acontecer em nossa adoração. Se não chegarmos a ver face a face o nosso pecado, como indivíduos e como igrejas, então não vimos a Deus e não o adoramos. Quando nos encontramos com Deus em adoração, vemos a nós mesmos como Deus nos vê. Vemos a nós mesmos como pecadores.

Salmos 51.1-4 é um modelo desse tipo de confissão:

Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar.

Todo pai sabe a diferença entre um verdadeiro pedido de desculpas e um pedido sem reconhecimento da culpa — um rápido “desculpe, desculpe” quando o filho sai correndo da sala. O que Isaías experimentou foi verdadeira convicção e arrependimento, o coração quebrantado e contrito de alguém que sabia havia errado e insultado o único Deus

vivo e verdadeiro. Contudo, receio que muito do que pensamos ser confissão não é confissão de modo algum. É apenas uma meia desculpa precipitada, e não o tipo de quebrantamento que vemos no Salmo 51 ou em Isaías 6.

AO QUE NOS LEVA A ADORAÇÃO AUTÊNTICA?

À PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

Terceiro, a adoração verdadeira levará a uma demonstração da redenção, e, com isso, quero dizer: à proclamação do evangelho. O que vemos em Isaías 6.6-7 é uma demonstração da redenção: “Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado”.

Esta cena é, claramente, uma antecipação

da obra de Cristo. É um ato unilateral de Deus, um sacrifício propiciatório unilateral. É uma figura da expiação. Isaías não trouxe nada a Deus. Ele fora colocado face a face com seu pecado e, agora, reconhecia que a redenção é toda por graça e envolve um preço. Afinal de contas, as brasas vieram do altar de sacrifício e não de uma fogueira de acampamento.

Martinho Lutero disse que Isaías viu a si mesmo, primeiramente, como ele era na verdade — um pecador que estava perdido — e, em seguida, como alguém que conheceu a redenção. Lutero afirmou: “Para a salvação do profeta, era necessário que ele fosse lançado às portas do inferno, para que fosse guiado e guiasse outros da impureza da lei à pureza de Cristo, de modo que somente ele reine. Agora acontece uma ressurreição dentre os mortos”.^[8] Isso tem de acontecer em nossa adoração. A verdadeira adoração exige que vejamos o Deus vivo e verdadeiro e, depois, que vejamos a nós mesmos como realmente somos, em nossa

pecaminosidade. Ao voltar-nos a Deus mediante a confissão, experimentamos a manifestação e a declaração da redenção.

A verdadeira adoração sempre proclama o evangelho, as boas-novas do que Deus fez em Jesus Cristo. Proclama a obra de Cristo e centraliza-se na cruz. Dizemos juntamente com o apóstolo Paulo: “Gloriamo-nos na cruz de Cristo”. Proclamamos liberdade aos cativos, graça e perdão a todos que creem em seu nome.

O que a adoração autêntica exige?

Uma Resposta

Quarto, em vista do que Deus fez, a adoração autêntica exige uma resposta. Isaías disse: “Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim” (v. 8). Vemos nessa passagem um envio semelhante ao que lemos em Mateus 28.18-20, quando o Senhor ordenou aos seus discípulos: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto...” Esses discípulos deveriam ir e fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar tudo que ele lhes ordenara. A adoração requer uma resposta contínua vista na proclamação do evangelho, em evangelização pessoal e em missões. Se a nossa adoração for enfraquecida, nosso testemunho missionário também o será.

Esqueceremos o Deus que nos enviou e negligenciaremos o conteúdo da mensagem de redenção com a qual ele nos enviou.

Um escritor recente comentou sobre a adoração: “O que importa não é *como* você adora, e sim *quem* você adora”. Eu argumentaria que o *quem* determina o *como*. Talvez essa seja a razão por que muitas igrejas têm rejeitado ou, pelo menos, negligenciado o componente central do culto cristão — a pregação da Palavra. Admito que pode ser ousado — e até chocante para alguns — dizer que a pregação é o componente central do culto cristão. Mas, como poderia ser de outro modo? É primariamente por meio da pregação da Escritura que chegamos a uma verdadeira visão do Deus vivo, reconhecemos nossa pecaminosidade, ouvimos a proclamação da redenção e somos chamados a responder com fé, arrependimento e serviço.

Apesar de tudo isso, muitos observadores de fora da igreja talvez pensem que a música

ocupa o centro de nosso culto. O fato é que a música agora ocupa o espaço vazio em muitos cultos evangélicos e provê maior parte da energia nos cultos de adoração. Planejamento intenso, recursos financeiros e preparação são investidos na dimensão musical do culto. Equipe de profissionais e um aparato de voluntários gastam boa parte da semana em ensaios e preparo, visto que muitas igrejas evangélicas parecem intensamente preocupadas em reproduzir apresentações musicais de alta qualidade. Tudo isso não causa nenhum efeito na congregação. Alguns cristãos saem realmente à procura de igrejas para encontrar uma que lhes ofereça um estilo de culto e uma experiência que se encaixe em sua expectativa. Em muitas cidades, as igrejas são conhecidas por seu estilo de culto e programas musicais. As pessoas insatisfeitas com o que encontram em uma igreja podem mudar rapidamente para outra igreja, usando às vezes a linguagem de auto-expressão para

explicarem que a nova “atende às nossas necessidades” ou “nos permite adorar”.

Uma preocupação com a adoração bíblica estava no próprio cerne da Reforma. Nem mesmo Lutero, que escreveu hinos e exigiu que seus pregadores fossem treinados em música, reconheceria como saudável e legítimo esse interesse moderno pela música. Por quê? *Porque os reformadores estavam convencidos de que o âmago da verdadeira adoração bíblica era a pregação da Palavra de Deus.*

A música é um dos mais preciosos dons de Deus ao seu povo, sendo também a linguagem com a qual podemos adorar a Deus em espírito e em verdade. Os hinos da fé transmitem um conteúdo teológico e confessional rico. E muitas canções modernas resgatam o senso de doxologia perdido anteriormente em muitas igrejas evangélicas. Contudo, a música não é o ato central do culto cristão — nem a evangelização, nem as ordenanças. O âmago do culto cristão é a pregação autêntica da

Palavra de Deus.

A centralidade da pregação é vista em ambos os Testamentos da Escritura. Por exemplo, foi o apóstolo Paulo quem disse a Timóteo em termos inconfundíveis: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra”. Em Neemias 8, como veremos em detalhes no próximo capítulo, temos um exemplo notável da pregação expositiva, quando as pessoas exigiram que Esdras, o escriba, trouxesse o livro da lei à assembleia. Esdras se levantou, em uma plataforma, e leu o livro da lei, “dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia” (Ne 8.8). Quando ele abriu o livro, para ler, a assembleia se colocou de pé, em respeito à Palavra de Deus, e sua resposta à leitura foi: “Amém! Amém!”

Isso é uma acusação solene de grande parte do cristianismo contemporâneo. De acordo com o texto de Neemias, uma exigência

pela pregação bíblica surgiu no coração do povo. Eles se reuniram como uma congregação e convocaram o pregador. Isso reflete fome e sede intensas pela pregação da Palavra de Deus. Onde se evidencia esse desejo entre os evangélicos de hoje? Além disso, onde está a fidelidade dos pregadores em confrontar seu povo com a Palavra de Deus pregada? Parece haver um senso de que as pessoas serão mais afetadas pelo evangelho se este for apresentado em uma produção de multimídia feita com bastante habilidade ou mesmo se dispensarmos completamente a pregação, em favor de uma “experiência” de adoração puramente emocional e subjetiva. Mas, o que levou os israelitas à sua resposta de “Amém! Amém!”, que honrou a Deus? Foi a exposição da Palavra. Esdras não produziu uma peça de teatro, nem orquestrou um espetáculo. Ele apenas proclamou cuidadosamente a Palavra de Deus.

Em muitas igrejas, a Bíblia está quase em

silêncio. A leitura pública da Escritura tem sido banida de muitos cultos, e o sermão, ocupado um papel secundário, reduzido a uma breve meditação anexada à música. Muitos pregadores aceitam isso como uma concessão necessária a uma era de entretenimento e são, por isso, deixados com a modesta esperança de incluir uma mensagem breve de encorajamento e exortação antes do término do culto.

Michael Green expressou inteligentemente o problema nestes termos: “Esta é uma época de sermonetes, e sermonetes produzem cristãos medíocres”.^[9] A anemia do culto evangélico — à parte, toda a música e energia — é diretamente atribuível à ausência de genuína pregação expositiva. Se nós, pastores, somos verdadeiramente sérios a respeito de dar ao nosso povo uma visão autêntica de Deus, mostrando-lhes sua própria pecaminosidade, anunciando-lhes o evangelho de Jesus Cristo e encorajando-os ao serviço obediente em

resposta a esse evangelho, então, dedicaremos nossa vida a pregar a Palavra. Esta é a nossa tarefa e a nossa vocação — confrontar nossas igrejas com nada menos que a Palavra de Deus viva e eficaz e suplicar que o Espírito Santo, por meio da pregação, abra os olhos, convença consciências e aplique a Palavra ao coração das pessoas.

[1] Tozer, A. W. *Tozer on worship and entertainment: selected excerpts*. Camp Hill, PA.: Christian Publications, 1997. p. 104-105.

[2] _____. *Man: the dwelling place of God*. Harrisburg, PA: Christian Publications, 1966. p. 136.

[3] Hughes, Kent. *Disciplines of a godly man*. Wheaton, IL.: Crossway, 2001. p. 110.

[4] Towns, Elmer. *Putting an end to worship wars*. Nashville: Broadman & Holman, 1996. p. 5.

[5] Scruton, Roger. *The aesthetics of music*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1999. p. 460.

[6] Hunter III, George. *Church of the unchurched*. Nashville: Abingdon Press, 1996. p. 59.

[7] Tozer, A. W. *Rut, rot... revival*. Camp Hill, PA: Christian

Publications, 1992. p. 172-173.

[8] Luther, Martin. *Works*, v. 16. Trans. Herman J. A. Bouman. St Louis: Concordia, 1969. p. 73. Lectures on Isaiah 1-39.

[9] Em: Stott, John R. *Between two worlds*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982. p. 7. Prefácio do editor.

O Alicerce da Pregação

Nosso Deus Trino

Prega a palavra” — este imperativo simples expõe o ato de pregar como um ato de obediência. É nesse ponto que tem de começar qualquer teologia de pregação. A pregação não emerge da experimentação da igreja com técnicas de comunicação. A igreja não prega porque pregar é considerado uma boa ideia ou uma técnica eficaz. O sermão não ganhou seu lugar no culto cristão por provar sua utilidade em comparação com outros meios de comunicação ou aspectos da

adoração. Antes, pregamos porque fomos ordenados a pregar.

Pregar é uma comissão — uma incumbência. Como Paulo afirmou solenemente, a tarefa do ministro do evangelho consiste em pregar “a palavra... quer seja oportuno, quer não” (2 Tm 4.2). Uma teologia de pregação começa com um reconhecimento humilde de que a pregação não é uma invenção humana, e sim uma criação graciosa de Deus e uma parte central de sua vontade revelada para a igreja.

Portanto, a pregação é comunicação, mas não é *mera* comunicação. É discurso humano, porém é muito mais do que discurso. Como observou Ian Pitt-Watson, pregar não é nem mesmo “um tipo de discurso comunicativo a respeito de Deus”. Seu alicerce, seu alvo e sua glória estão, todos, localizados na soberana vontade de Deus. Por conseguinte, a pregação é um ato inescapavelmente teológico, visto que o pregador ousa falar sobre Deus e, num

sentido bem real, em lugar de Deus. Por essa razão, uma teologia de pregação deveria conter uma forma trinitária, refletindo a própria natureza do Deus que se autorrevela. Ao fazer isso, a pregação dá testemunho do Deus que fala, do Filho que salva e do Espírito que ilumina.

O Deus que fala

A verdadeira pregação começa com esta confissão: pregamos porque Deus falou. Essa convicção fundamental é o sustentáculo da fé cristã e da pregação cristã. O Criador do universo, o Senhor onisciente, onipotente e onipresente, resolveu, em sua própria soberania, revelar-se a nós. Supremo e completo em sua santidade, necessitado de nada e oculto de nossa visão, Deus condescendeu em falar-nos e revelar-se a nós. Como sugeriu Carl F. H. Henry, a revelação é “uma atividade iniciada por Deus, a comunicação espontânea de Deus pela qual ele, sozinho, torna sua privacidade em uma manifestação deliberada de sua realidade”.^[1] Em um ato de graciousidade santa, Deus renunciou sua privacidade para que o conhecêssemos. A revelação de Deus é o

fundamento essencial sobre o qual ousamos falar a respeito dele.

A nossa fala sobre Deus tem de começar e terminar com o que ele disse a respeito de si mesmo. Pregar não é especular sobre a natureza, a vontade e os caminhos de Deus; é dar testemunho do que Deus falou a respeito de si mesmo. Pregar não é especulação, e sim exposição. O pregador ousa anunciar a Palavra da Verdade a uma geração que rejeita a própria noção da verdade objetiva e pública. Isso não se fundamenta na arrogante reivindicação do pregador no sentido de que descobriu a sabedoria do mundo ou de que tem penetrado os segredos do universo. Pelo contrário, o pregador ousa proclamar a verdade com base na soberana autorrevelação de Deus. Deus falou e nos ordenou falar sobre ele.

A Bíblia testemunha de si mesma que é a Palavra de Deus escrita, uma afirmação resultante do fato de que Deus falou. Somente no Antigo Testamento, as frases “o Senhor

disse”, “o Senhor falou” e “veio a palavra do Senhor” aparecem 3.808 vezes. Essa confissão coloca o pregador face a face com a Escritura como revelação divina, pois a autoridade da Escritura não é nada menos do que a autoridade do próprio Deus. Como a doutrina da Reforma testifica: “Onde a Escritura fala, Deus fala”.

Deus chamou a igreja para falar sobre ele com base em sua Palavra e suas obras. Por isso, toda a pregação cristã é pregação bíblica. De fato, essa afirmação é um axioma. Aqueles que pregam alicerçados em qualquer outro texto ou autoridade podem falar com grande efeito e encanto, mas estão pregando “outro evangelho”, e suas palavras os trairão. A pregação cristã não é uma tarefa fácil. Aqueles que são chamados a pregar têm um dever solene. Como Martinho Lutero confessou: “Se eu pudesse desistir com boa consciência, preferiria ser esticado em uma roda de tortura e carregar pedras a pregar um sermão”. Falar

com base no que Deus fala é tanto árduo como glorioso.

Uma teologia de pregação tem de começar com a confissão de que o Deus que fala tem autoridade crucial sobre nós. Aquele que falou uma palavra e trouxe o mundo à existência nos criou do pó. Que pensamento maravilhoso e humilhante é compreender que Deus escolheu o pó vivificado, como nós, para dar testemunho de sua glória!

Sejamos honestos: o ato de pregar indicaria arrogância absoluta e engano, se não fosse pelo fato de que é Deus mesmo quem nos dá essa tarefa. Sob essa luz, pregar não é, de modo algum, um ato de arrogância, e sim de humildade. A verdadeira pregação nunca é uma exibição do brilhantismo ou do intelecto do pregador; antes, é uma exposição da sabedoria e do poder de Deus.

Esse tipo de humildade na pregação é possível somente quando o pregador se mantém submisso ao texto da Escritura. Enfim,

é apenas uma questão de autoridade. Ou o pregador ou o texto determinará o que é dito. Como pregadores da Palavra de Deus, não ousamos confundir nossa autoridade com a do texto bíblico. Fazer tal confusão seria um ato de arrogância absoluta. Somos chamados não somente a *pregar*, mas também a pregar *a Palavra*.

João Calvino entendeu essa verdade, pois afirmou que “a Palavra sai da boca de Deus de tal maneira que, de modo semelhante, sai da boca de homens; pois Deus não fala abertamente do céu, mas emprega homens como seus instrumentos”.^[2] Calvino entendia a pregação como o processo pelo qual Deus usa instrumentos humanos para falar o que ele mesmo falou. Deus usa pregadores, Calvino sugeriu, “em vez de trovejar para nós e forçar-nos a avançar”. Portanto, “é um privilégio singular o fato de que ele se digna de consagrar para si mesmo os lábios e as línguas de homens, a fim de que sua voz ressoe por

meio deles”.^[3]

Toda pregação cristã flui da verdade de que Deus falou por meio de palavras e atos e de que escolheu vasos humanos para darem testemunho dele mesmo e de seu evangelho. Falamos porque não podemos ficar em silêncio. Falamos porque Deus falou.

O Filho que salva

“Havendo Deus, outrora, falado”, escreveu o autor da Epístola aos Hebreus, “muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1.1-2). O Deus que se revela (*Deus Revelatus*) falou definitiva e supremamente por meio de seu Filho.

Carl Henry disse, certa vez, que somente uma teologia baseada em uma visão da “invasão divina” poderia reivindicar autoridade sobre a igreja. Isso também é verdade quanto a uma teologia de pregação. Toda a pregação cristã é descaradamente cristológica. A pregação cristã mostra a encarnação de Deus em Cristo como o baluarte da verdade e o âmago da confissão cristã. Paulo

disse: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19). Portanto, a pregação é ela mesma um ato de graça. É o meio primário pelo qual os redimidos mostram com clareza a iniciativa de Deus para conosco em Cristo e dão testemunho do Filho que salva. Essa mensagem da salvação divina, o ato imerecido de Deus em Cristo, é o critério pelo qual toda pregação deve ser julgada.

Se a pregação se fundamenta e deriva seu poder da revelação de Deus no Filho, a cruz é o acontecimento e o símbolo supremo da proclamação cristã. “Não nos pregamos a nós mesmos”, insistiu Paulo, “mas a Cristo Jesus como Senhor” (2 Co 4.5). Quando Paulo pregava, sua mensagem se centralizava na cruz como o critério definitivo da pregação. Ele entendia que a cruz era, simultaneamente, o acontecimento mais divisor e mais unificador da história humana. Entretanto, a mensagem do evangelho não termina na cruz. Ela continua até ao sepulcro vazio. Toda pregação

cristã inclui a proclamação da ressurreição; e isso significa que pregar a mensagem do Filho que salva é pregar a mensagem mais repleta de esperança do mundo.

Uma teologia de pregação inclui tanto a “teologia da cruz” como a “teologia da glória”. A cruz ofusca todas as pretensões e iluminação humanas, mas o sepulcro vazio revela o magnífico esplendor da glória de Deus. Se Cristo não ressuscitou, afirmou Paulo, “é vã a nossa pregação” (1 Co 15.14). Esse vislumbre da glória de Deus não dá à igreja ou ao pregador um senso de triunfalismo ou autossuficiência; pelo contrário, aponta à suficiência de Deus e à glória que somente ele desfruta — uma glória que ele tem compartilhado conosco na pessoa e obra de Jesus Cristo. Refletir essa revelação é o esplendor e a glória da pregação.

Apesar disso, Paulo não tinha a ilusão de que sua mensagem seria recebida com entusiasmo. Ele sabia que o conteúdo de sua

pregação seria chamado de loucura (1 Co 1.18). Toda teologia de pregação sincera e fiel tem de reconhecer que acusações de loucura não são incidentais à tarefa homilética. São centrais, e todo pregador deve se preparar para elas. O mundo ficará frustrado com o que pregamos, porque a cruz destrói a autossuficiência humana e a sabedoria mundana. Os pregadores cristãos sempre labutarão sob a tentação de pregar uma mensagem que será aclamada pelo mundo como inteligente, sábia e erudita. Ter como alvo esse tipo de aplauso mundano implica esvaziar a cruz de seu poder (ver 1 Co 1.17).

Escrevendo à igreja de Corinto, Paulo explicou: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1 Co 2.4-5). Pregar o evangelho do Filho que salva significa rejeitar qualquer

noção de que técnicas de comunicação ou persuasão humana são a medida da eficácia homilética. Como disse com clareza James Denney: “Nenhum homem pode dar ao mesmo tempo a impressão de que ele mesmo é esperto e de que Cristo é poderoso para salvar”.^[4] O nosso alvo em pregar é sermos fiéis ao evangelho de Jesus Cristo. O efeito desse evangelho no coração humano, nós o deixamos às mãos de Deus e do Espírito Santo.

O Espírito que ilumina

O pregador se coloca diante da congregação como o ministro externo da Palavra, mas é o Espírito Santo quem opera como o ministro interno dessa mesma Palavra. Uma teologia bíblica de pregação deve sempre ter em perspectiva o papel do Espírito Santo, pois sem um entendimento da obra do Espírito, a tarefa de pregação é destituída de seu equilíbrio e poder.

Negligência para com a obra do Espírito Santo é um sintoma do declínio do trinitarianismo bíblico que marca a nossa época. Spurgeon advertiu: “Se não fosse a ação do Espírito, você não poderia esperar ressuscitar mortos por cochichar em seus ouvidos e salvar alguns por pregar para eles”. [5] O Espírito realiza sua obra de inspiração, habitação, regeneração e santificação como o

ministro interior da Palavra. É o ministério de iluminação do Espírito que faz a Palavra do Senhor irromper. A Reforma experimentou um novo reconhecimento desta verdade, a união da Palavra e do Espírito. E essa doutrina trinitária produziu uma pregação que era tanto ousada como humilde — ousada em seu conteúdo, mas transmitida por homens humildes que reconheciam sua completa dependência de Deus.

O pregador e os ouvintes dependem da obra do Espírito Santo para que tenham um entendimento adequado do texto. Como Calvino advertiu: “Ninguém deve hesitar em confessar que é capaz de entender os mistérios de Deus somente na proporção em que é iluminado pela graça de Deus. Aquele que atribui mais entendimento a si mesmo é cego porque não reconhece sua própria cegueira”.^[6] Essa tem sido a confissão de grandes pregadores desde o século I até ao presente, e a ausência de uma dependência consciente do

Espírito Santo é um sinal de que o pregador não entende sua tarefa e chamada. Por exemplo: Tertuliano chamou o Espírito de seu “Vigário”, que ministrava a Palavra para ele mesmo e para a sua congregação.

O papel do Espírito Santo não é menos crucial para os ouvintes da Palavra de Deus; pois é somente pelo testemunho interno do Espírito que eles chegam ao verdadeiro entendimento. Calvino descreveu esse testemunho interno do Espírito Santo como absolutamente necessário para que o indivíduo receba a Palavra. Ele disse:

Assim como somente Deus é a testemunha apropriada de sua Palavra, assim também a Palavra não encontrará aceitação no coração dos homens antes de ser confirmada pelo testemunho interior do Espírito. Portanto, o mesmo Espírito que falou por meio dos lábios dos profetas tem de penetrar em nosso coração e persuadir-nos de que eles proclamaram com fidelidade o que lhes foi divinamente ordenado.^[7]

Martinho Lutero afirmou essa mesma verdade, mais notavelmente em sua exortação aos seus jovens alunos, dizendo-lhes que tinham de pregar fielmente a Palavra para que ela penetrasse os ouvidos da congregação. Depois disso, insistiu Lutero, somente o Espírito Santo pode levar a Palavra do ouvido ao coração do homem.

Lutero também enfatizou outra lição importante. Assim como o pregador depende da obra do Espírito Santo na pregação da Palavra, insistiu Lutero, assim também o Pai quis que o Espírito operasse unicamente por meio da Palavra e não independentemente dela. Lutero rejeitou a noção de que o Espírito Santo transmitiria vida espiritual por meio dos sacramentos ou de outras ações sem a Palavra. Nas palavras de Lutero:

Portanto, ninguém que deseja consolação deve esperar até que o Espírito Santo lhe apresente Cristo de modo pessoal ou lhe fale diretamente do céu. Ele dá testemunho de Cristo publicamente, no sermão. Neste, você deve buscar a Cristo, esperando até que ele toque seu coração por meio da Palavra que você ouve com os ouvidos. Assim, por meio de seu agir, o Espírito também testemunha de Cristo interiormente.^[8]

Esse tipo de confiança na obra do Espírito Santo pela Palavra — e *tão-somente* pela Palavra — pode ser um corretivo indispensável para a confusa igreja contemporânea.

O mesmo Deus que chamou vasos humanos e os colocou a pregar também prometeu o poder do Espírito. Martin Lloyd-Jones era ciente de que os pregadores esquecem frequentemente essa promessa. Ele disse:

Busque-o sempre! Mas, além de buscá-lo, espere-o.

Você espera que aconteça algo, quando se levanta para pregar em um púlpito? Ou simplesmente diz para si mesmo: “Bem, preparei o meu sermão e vou apresentá-lo; alguns dos ouvintes o apreciarão, outros não”? Você está esperando que o sermão se torne algo crucial e transformador na vida de alguém?... Esse é o alvo da pregação... Busque este poder, espere a manifestação deste poder, anele por este poder; e, quando ele vier, submeta-se a ele.^[9]

Pregar “no Espírito” significa pregar com o reconhecimento de que o instrumento humano não tem controle sobre a mensagem — e nenhum controle sobre a Palavra, à medida que ela é liberada na congregação. Como declarou o apóstolo João, o Espírito dá testemunho, “porque o Espírito é a verdade” (1 Jo 5.6).

O fundamento, o alvo e a glória da pregação

J. I. Packer definiu a pregação como “o evento pelo qual Deus traz ao povo uma mensagem de instrução e orientação procedente dele mesmo, biblicamente fundamentada, impactante e que diz respeito a Cristo, através das palavras de um porta-voz”. [10] Essa definição abrangente descreve o processo de Deus em comunicar sua Palavra, usando instrumentos humanos para proclamarem sua mensagem e chamando pessoas para ele mesmo. Se somos realmente honestos, temos de admitir que a pregação é uma realização que sugere morte. Spurgeon confirmou: “Vida, morte, inferno e mundos desconhecidos podem depender de pregar e de ouvir um sermão”.

O pregador é um agente comissionado

cuja tarefa consiste em falar porque Deus falou, porque o pregador foi encarregado de anunciar o evangelho do Filho que salva e porque Deus prometeu o poder do Espírito como confirmação e eficácia da chamada do pregador. O fundamento da pregação é a revelação que Deus nos transmite na Escritura. O alvo da pregação é tão-somente a fidelidade a essa vocação. A glória da pregação é o fato de que Deus prometeu usar pregadores e a pregação para cumprir seu propósito e glorificar a si mesmo.

Em última análise, uma teologia de pregação é essencialmente doxológica. O propósito final do sermão é glorificar a Deus e revelar vislumbres de sua glória à sua criação. O fato de que Deus escolheu esse meio para expressar a sua glória está além de nossa compreensão; está arraigado no mistério da vontade e da sabedoria de Deus.

-
- [1] Henry, Carl F. H. *God, revelation, and authority*, vol. 2. Wheaton, IL: Crossway, 1999. p. 8.
- [2] Calvin, John. *Commentary on the book of Isaiah*, vol. 4. Trans. William Pringle. Grand Rapids: Erdmans, 1948, p. 172. Do comentário de Calvino sobre Isaías 55.11.
- [3] _____. *Institutes of the Christian religion*. Ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles. Louisville: Westminster John Knox, 2006. V.1.5, p. 1018.
- [4] Denny, James. *Studies in theology*. London: Hodder and Stoughton, 1895. p. 161.
- [5] Spurgeon, Charles H. *The New Park street pulpit, 1859-1860*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1975. p. 211. The Necessity of the Spirit's Work.
- [6] Calvin, John. *Institutes of the christian religion*. Ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles. Louisville: Westminster John Knox, 2006. V.II.ii.21.
- [7] Ibid. V.I.vii.4.
- [8] Luther, Martin. *Werke*, vol. 52. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1915. p. 308-309. Em inglês: Plass, Ewald M. (Ed.). *What Luther says: an anthology*. St. Louis: Concordia, 1959. II:664.
- [9] Lloyd-Jones, Martyn. *Pregação & Pregadores*. 2^a ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2008. p. 301.
- [10] Packer, J. I. Authority in preaching. In: Eden, Martin; Wells, David F. (Ed). *The gospel in the modern world*. London: InterVarsity, 1991. p. 199.

A Pregação é Expositiva

Uma Teologia de Exposição

A pregação da Palavra é central, irreduzível e inegociável para a adoração autêntica que agrada a Deus. A declaração simples de John Stott afirma solenemente este assunto: “Pregar é indispensável ao cristianismo”.

Em termos mais específicos, pregar é indispensável à adoração cristã. Mas, se pregar é central à adoração cristã, sobre que tipo de pregação estamos falando? Com certeza, não falamos dos sermonetes descritos por Michael

Green. A evidente falta de consistência em muito da pregação contemporânea é uma acusação severa de nosso cristianismo superficial. Quando o ministério do púlpito não tem substância, a igreja é divorciada da Palavra de Deus, e sua saúde e fidelidade diminuem imediatamente.

Quero argumentar que a pregação central à adoração cristã é a pregação expositiva. De fato, *creio que a única forma de pregação cristã autêntica é a pregação expositiva.*

Uma crise na pregação

Uma das marcas distintivas de nosso tempo é que enfrentamos uma crise de pregação. De fato, seria um exercício de autoilusão se tentássemos fingir que nada está errado na pregação que acontece na maioria das igrejas evangélicas. Quero fazer algumas perguntas sinceras e difíceis. Se você escolhesse aleatoriamente uma igreja evangélica e ali assistisse a um culto matinal no domingo, quão provável é que você ouviria um fiel sermão expositivo, um sermão que tira a sua mensagem e sua estrutura do texto bíblico? Se você responder essa pergunta honestamente, admitirá que sua expectativa não é elevada. Ainda, você acha que, no passar do tempo, se tornaria mais provável ou menos provável ouvir uma mensagem expositiva nessa igreja escolhida aleatoriamente?

Estou convencido de que aumentamos a confusão por discutirmos a pregação expositiva meramente como um *tipo* de pregação — ou mesmo como o *melhor* tipo de pregação. Se nos enquadrarmos nesse padrão, cometemos dano grave à visão bíblica sobre pregação. Desejo esclarecer. De acordo com a Bíblia, exposição é pregação. E pregação é exposição.

Neste ponto, temos de abordar não somente o que é a pregação, mas também o que ela não é. Muito do que acontece nos púlpitos evangélicos hoje não é pregação, ainda que o pregador — e talvez, com ele, a sua congregação — afirme que é. Preguar não é a tarefa de dizer algo interessante a respeito de Deus; também não é a apresentação de um discurso religioso ou a narração de uma história.

Muitos evangélicos são seduzidos pelos proponentes da pregação tópica e narrativa. A força declarativa da Escritura é enfraquecida pela exigência por histórias, e a estrutura

textual é suplantada por considerações tópicas. Em muitos púlpitos, a Bíblia, quando referida, torna-se apenas uma fonte de provérbios incisivos ou narrativas convenientes. Também, os interesses terapêuticos da cultura determinam frequentemente a agenda da pregação evangélica. Questões relacionadas ao ego predominam, e a congregação espera ouvir respostas simples para problemas complexos. A essência de maior parte das pregações terapêuticas se resume numa afirmação do ego e de sua importância. Os evangélicos, muito à semelhança de seus vizinhos seculares, representam agora a era do “homem psicológico”, tão bem descrito por Philip Reiff. O “triunfo do terapêutico” afeta os evangélicos quando eles são honestos a respeito da pregação que desejam ouvir e esperam receber.

Além disso, o pós-modernismo reivindica primazia intelectual na cultura, e, embora os americanos não se rendam totalmente ao relativismo doutrinário, eles permitem e

exigem autonomia moral e um mínimo de requerimentos morais e intelectuais. O congregante típico espera fazer sua própria decisão final em relação a todos os assuntos importantes da vida, desde a cosmovisão até ao estilo de vida.

No entanto, a verdade sólida do cristianismo permanece em contraste absoluto com essas pretensões frívolas da pós-modernidade. Como disse o teólogo David F. Wells: “Defender a ortodoxia e estruturar a fé cristã em termos doutrinários requer hábitos de reflexão e de julgamento que estão fora de moda em nossa cultura e estão desaparecendo cada vez mais do evangelicalismo”.[1] Consequentemente, o apetite por pregação séria quase desapareceu entre muitos cristãos, que se contentam em ter suas fascinações por si mesmos encorajadas a partir do púlpito.

Um sintoma de nossa confusão moderna se acha no fato de que inúmeros pregadores afirmam que sua pregação é expositiva,

embora isso signifique, muitas vezes, apenas que o pregador tem um texto bíblico em mente, não importando quão tênue seja a verdadeira relação entre o texto e o sermão. Um dos primeiros passos para resgatarmos a pregação cristã autêntica é pararmos de dizer: “Prefiro a pregação expositiva”. Em vez disso, devemos definir exatamente o que pretendemos dizer quando usamos o termo “pregar”. O que queremos dizer é, em termos simples, ler o texto e explicá-lo — reprovando, repreendendo, exortando e ensinando com paciência, diretamente do texto da Escritura. Se não é isso que estamos fazendo, então, não estamos pregando.

Não poderíamos achar uma ilustração melhor da pregação expositiva do que a que lemos em Neemias 8.8. Depois de reunir-se diante da Porta das Águas, o povo pediu que “o livro” fosse trazido. O texto continua e diz que Esdras e seus colegas escribas “leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando

explicações, de maneira que entendessem o que se lia”. Dar “explicações” não é apenas o ato de traduzir de uma língua para outra; é expor o texto, analisá-lo em partes e tornar claro o seu significado para a congregação. Em essência, isso é o que significa pregar. O cerne e o âmago da pregação expositiva — de qualquer pregação cristã — é ler a Palavra de Deus e, em seguida, explicá-la às pessoas, de modo que a entendam.

Deuteronômio 4 e a pregação expositiva

Se queremos resgatar a pregação autêntica da Palavra de Deus, uma das tarefas mais importantes que temos diante de nós é articular uma teologia da pregação expositiva. Deuteronômio 4 é um bom lugar para começarmos, pois é um texto que nos mostra Deus falando com o seu povo e recordando-lhe o que o tornava singular entre os povos da terra. O que ele disse tem relevância imediata para a pregação expositiva:

Agora, pois, pergunta aos tempos passados, que te precederam, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais coisa tamanha como esta ou se se ouviu coisa como esta; ou se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo; ou

se um deus intentou ir tomar para si um povo do meio de outro povo, com provas, e com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão poderosa, e com braço estendido, e com grandes espantos, segundo tudo quanto o SENHOR, vosso Deus, vos fez no Egito, aos vossos olhos. A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; nenhum outro há, senão ele. Dos céus te fez ouvir a sua voz, para te ensinar, e sobre a terra te mostrou o seu grande fogo, e do meio do fogo ouviste as suas palavras. Porquanto amou teus pais, e escolheu a sua descendência depois deles, e te tirou do Egito, ele mesmo presente e com a sua grande força, para lançar de diante de ti nações maiores e mais poderosas do que tu, para te introduzir na sua terra e ta dar por herança, como hoje se vê. Por isso, hoje, saberás e refletirás no teu coração que só o SENHOR é Deus em cima no céu e embaixo na terra; nenhum outro há. Guarda, pois, os seus estatutos e os seus mandamentos que te ordeno hoje, para que te vá bem a ti e a teus filhos depois de ti e para que prolongues os dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá para todo o sempre.

Deuteronômio 4.32-40

O contexto histórico desta passagem é muito importante. Os filhos de Israel estavam no deserto, e Moisés preparava-os para entrar

na terra prometida. Atrás deles, estava toda a história da saída do Egito e dos quarenta anos de peregrinação no deserto — a entrega da lei no Sinai e Horebe e a rebelião em Cades-Barnéia. Eles estavam à margem do rio Jordão, no outro lado da Terra Prometida.

Nos grandes sermões que compõem o livro de Deuteronômio, o Senhor estava falando com o seu povo por meio de Moisés, a fim de que eles ficassem preparados para o desafio que tinham diante de si. O livro se chama *Deutero-nomos* porque é uma segunda entrega da lei. Quando Moisés apresentou novamente ao povo os mandamentos do Senhor, eles tiveram outra oportunidade de se mostrarem fiéis, e não infiéis; obedientes, e não rebeldes, quando estivessem diante de seus inimigos na terra da promessa. Eles estariam prontos?

Observe que, embora seja um livro de preparação, Deuteronômio não é primariamente uma síntese de instruções

militares. Não trata em primeira instância de demografia e geografia. Acima de tudo, ele se refere à Palavra de Deus, abordando a realidade de que Deus falou, e seu povo precisa estar disposto a ouvir e obedecer. A intensidade, neste livro, é enorme, porque a necessidade de obediência é uma questão de sobrevivência para Israel. Você percebe que toda a teologia de Deuterônomo se resume no fato de que Deus falou. Portanto, ouvir e obedecer é vida, mas recusar-se a ouvir e desobedecer é morte. Moisés queria que o povo de Israel soubesse que vida e morte dependiam da disposição deles para ouvir a Palavra de Deus e responder a ela. Era uma questão de vida ou morte.

Creio que o problema central em nossa crise de pregação contemporânea é que, de algum modo, acreditamos que isso mudou. Não cremos mais que ouvir a Palavra de Deus e responder a ela é uma questão de importância crucial. Essa é a única razão

plausível que eu posso oferecer para explicar por que a pregação expositiva está em declínio, ou mesmo ausente, em muitos púlpitos. Antes do declínio na pregação expositiva, houve um abandono da convicção de que a Palavra de Deus é uma questão de vida ou morte.

Desenvolvendo uma paixão por pregação expositiva

No entanto, a situação não é irrecuperável, não se resgatarmos a convicção de que nossa vida espiritual e a própria vida da igreja dependem de ouvir a Palavra de Deus e responder a ela, conforme revelada na Escritura. Consideremos três coisas que aprendemos de Deuteronômio 4, três ensinamentos que podem ajudar-nos a desenvolver tanto uma teologia como uma paixão por pregação expositiva.

*Primeiro, o único Deus vivo e verdadeiro
é o Deus que fala.*

Sabemos quem Deus é, não porque algum

de nós foi tão sábio que imaginou como ele era, e sim porque, motivado por seu próprio amor, graça e misericórdia, Deus nos falou. Moisés disse isso claramente em Deuteronômio 4.35: “A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; nenhum outro há, senão ele”. Os israelitas não teriam conhecido a Deus se ele não lhes houvesse falado. Esse é o milagre da revelação. E receio que damos a essa doutrina atenção inadequada em nossas igrejas, por meio de nosso ensino e pregação. Em vez de reconhecermos Deus falando conosco na Escritura como um milagre da graça, tratamos isso como algo de pouca importância. Em vez de pregarmos a Palavra de Deus, pregamos filosofia e cultura popular ou contamos histórias comoventes.

Em Deuteronômio 4.10-19, Moisés deixou claro para o povo de Israel que a própria vida deles dependia de ouvir a Palavra de Deus e obedecer-lhe:

Não te esqueças do dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos. Então, chegastes e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus, e havia trevas, e nuvens, e escuridão. Então, o SENHOR vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma. Então, vos anunciou ele a sua aliança, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra. Também o SENHOR me ordenou, ao mesmo tempo, que vos ensinasse estatutos e juízos, para que os cumprísseis na terra a qual passais a possuir.

Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o SENHOR, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher, semelhança de algum animal que há na terra, semelhança de algum volátil que voa pelos céus, semelhança de algum animal que rasteja sobre a terra, semelhança de algum peixe que há nas águas debaixo da terra.

Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto àqueles, coisas que o SENHOR, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus.

Observe como Moisés recordou amavelmente ao povo que *eles estavam lá* quando Deus falou. “Então, chegastes”, ele disse. “Vocês lembram como permaneceram ao pé do monte? Lembram quando ouviram a voz de Deus falando do meio do fogo? Vocês ouviram a voz de Deus!”

Então, mais solenemente, Moisés disse: “Aparência nenhuma vistes” (v. 15). Vocês não viram a Deus. Vocês o ouviram. Isso era bem diferente dos ídolos dos pagãos que circundavam Israel e mostrou-lhes que seu Deus era o único Deus vivo e verdadeiro. Os pagãos podiam ver seus ídolos. Podiam até falar com eles. Mas os ídolos dos pagãos nunca

falavam. Eram mudos. Você percebe que essa é a grande distinção que o Antigo Testamento faz, inúmeras vezes, entre o Deus verdadeiro e os ídolos falsos. Os povos pagãos viam os seus deuses e falavam aos seus deuses; o único Deus vivo e verdadeiro nunca é visto, mas, apesar disso, fala com o seu povo.

Elias usou esse argumento quando confrontou os sacerdotes pagãos no monte Carmelo. 1 Reis 18.26-29 conta a história:

Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém não havia uma voz que respondesse; e, manquejando, se movimentavam ao redor do altar que tinham feito. Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará. E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue. Passado o meio-dia, profetizaram eles, até

que a oferta de manjares se oferecesse; porém não houve voz, nem resposta, nem atenção alguma.

Que passagem impressionante! Apesar de toda a dança frenética e de retalharem-se, “não havia uma voz que respondesse” (v. 26). Em resposta a todo o delírio desses sacerdotes pagãos, “não houve voz... nem atenção alguma” (v. 29).

Jeremias disse algo semelhante a respeito dos ídolos pagãos: “Os ídolos são como um espantalho em pepinal e não podem falar” (Jr 10.5). E Paulo disse a seus leitores em 1 Coríntios 12.2: “Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados”. Toda a Escritura ressalta o contraste entre os ídolos silenciosos e mudos, que são como espantalhos em pepinal, e o único Deus vivo, *que fala*.

Isso nos recorda novamente o dom da revelação — a perda da privacidade pessoal de

Deus, como o disse Carl Henry. Pare e pense sobre isso. O Deus que não precisa de nada, soberano em sua majestade e infinito em suas perfeições, decidiu revelar-se a nós, para que o conhecêssemos. Se isso é verdade, você não acha que um povo que é o recipiente desse dom deveria viver por ele, ter fome por ele e apegar-se a ele?

Receio que há muitos evangélicos hoje que creem que Deus *falou*, mas duvidam que ele *fala*. Sabem e conversam sobre o fato de que Deus falou no Antigo Testamento, porém acham que agora ele não faz mais isso e que devem, portanto, inventar novas maneiras de convencer as pessoas a amá-lo. Contudo, se você se declara um pregador da Palavra de Deus e acha que todo o falar de Deus aconteceu no passado, então, abandone o ministério. Se você não crê que Deus fala agora, em sua Palavra — a Bíblia, o que você está fazendo cada domingo de manhã? Se você não confia que Deus fala quando você lê e explica a

Palavra de Deus, você deve desistir do ministério.

Entretanto, se você crê — se você crê verdadeiramente — que Deus fala por meio de sua Palavra, por que substituir a pregação expositiva da Bíblia por *qualquer outra coisa*? O que é mais importante para as pessoas do que ouvir a Deus? E de que outro modo isso pode acontecer, se você, como Esdras, não abrir o livro, lê-lo e explicá-lo para elas? Assim como em Deuteronômio, isso é uma questão de vida ou morte; e muitos pastores que creem profundamente que Deus fala, abandonaram a sua voz na Escritura.

Segundo, o verdadeiro povo de Deus são os que ouvem a Deus falando com eles.

Vez após vez em Deuteronômio, Moisés

disse ao povo: “Lembrem o que vocês são! Vocês são o povo com quem Javé falou, o povo que recebeu a Palavra de Deus em Horebe. Ele não falou com todos os povos, *somente* com vocês!” O ensino é que a doutrina da revelação está ligada diretamente à doutrina da eleição. Como sabemos quem é o povo de Deus? O povo de Deus é aquele com o qual ele fala. O fato é que Deus não falou com todas as nações da terra. Ele falou com Israel, e por isso mesmo eles foram identificados como povo eleito de Deus.

Por recordar aos israelitas que Deus falara somente com eles, Moisés não estava tentando estimulá-los ao orgulho, à arrogância ou à autoconfiança. Pelo contrário, ele lhes dizia que se humilhassem, reconhecendo que fora somente por graça e misericórdia que Deus resolvera falar com Israel, e não com qualquer outra nação. “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo”, Moisés

lhes disse, “pois éreis o menor de todos os povos” (Dt 7.7). Antes, Deus escolheu falar com eles apenas “porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais” (Dt 7.8). Israel era, de fato, uma nação escolhida, eleita e abençoada, mas essa condição resultava totalmente da graça de Deus.

Esse é o principal ensino da passagem de Deuteronômio 4.32-40, na qual Moisés fez a Israel quatro perguntas que tencionavam recordar-lhes como haviam sido abençoados de modo tão imenso e especial. A primeira pergunta está no versículo 32: “Agora, pois, pergunta aos tempos passados, que te precederam, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais coisa tamanha como esta”. O êxodo, a aniquilação do exercito de Faraó, a entrega da lei, a integridade dos relacionamentos de Deus com Israel — alguma coisa semelhante a isso havia

acontecido antes? É claro que a resposta é “não”. A experiência de Israel com Deus era totalmente única, e por meio disso eles podiam saber que eram o povo de Deus.

No final do versículo 32, está a segunda pergunta: “Ou se se ouviu coisa como esta” Havia, pelo menos, um rumor de algum outro povo dizendo que seu Deus os resgatara da servidão, falara com eles e os escolhera para sua própria glória? Não! De novo, Israel estava sozinho nessa experiência.

Uma terceira pergunta aparece no versículo 34: “Ou se um deus intentou ir tomar para si um povo do meio de outro povo, com provas, e com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão poderosa, e com braço estendido, e com grandes espantos, segundo tudo quanto o SENHOR, vosso Deus, vos fez no Egito, aos vossos olhos”. Entre as nações do mundo, Israel era um povo cativo, uma nação de escravos. Contudo, seu cativeiro foi também o meio que Deus usou para tornar-se

conhecido por eles. Por resgatá-los do Egito, de fato, por *tomá*-los, como diz o texto, com seu braço estendido, o Senhor mostrou tanto ao mundo como aos israelitas que eles eram o seu povo escolhido e especial.

A quarta pergunta está no versículo 33, uma das mais amáveis e poderosas perguntas apresentadas na Escritura: “Ou se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo”. Como Israel sabia que era o povo de Deus? Como sabiam que Deus os havia escolhido, escolhido somente a eles? Porque Deus lhes falara do meio do fogo, e eles ficaram vivos para contar isso. Nenhum outro povo da terra ouvira a voz de Deus falando do meio do fogo. Somente Israel, o povo escolhido de Deus.

Essa mesma ideia se encontra também no Novo Testamento. Jesus disse aos seus discípulos: “A vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido” (Mt 13.11). Essa

compreensão não levou os discípulos à arrogância. A compreensão dos mistérios do reino lhes foi dada não porque havia qualquer mérito neles. Eles receberam o dom de entendimento porque, em sua graça soberana, Deus determinou glorificar-se a si mesmo neles. Eles souberam que pertenciam a Jesus exatamente porque lhes foi “dado conhecer os mistérios do reino dos céus”. Como Jesus lhes falou depois: “Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não ouviram” (Mt 13.16-17).

Como você sabe que é um crente no Senhor Jesus Cristo? Como explica isso? A resposta é bem simples: porque você ouviu a Palavra de Deus e creu nela. Em todo o Novo Testamento, os eleitos de Deus são chamados e redimidos por meio de ouvir a Palavra de Deus. Em João 5.24-25, por exemplo, Jesus

disse:

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão.

O foco dessa passagem está nos *espiritualmente* mortos (em seguida, Jesus falaria sobre a ressurreição dos *fisicamente* mortos). E o que traz à vida esses que são espiritualmente mortos é o ouvir a voz do Filho de Deus. De fato, somente aqueles que ouvem a palavra de Cristo e creem passam da morte para a vida e não entram em juízo.

O Livro de Atos também enfatiza, repetidas vezes, o fato de que o Espírito Santo usa o ouvir a Palavra de Deus para produzir a

fé salvadora. Atos 2.37 nos diz que foi somente depois de ouvir o sermão de Pedro que as pessoas clamaram: “Que faremos, irmãos?”. Atos 13.48 relata que “os gentios, *ouvindo isto*, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna”. E Atos 16.14 nos diz que o Senhor abriu o coração de Lídia “para *atender às coisas que Paulo dizia*” (itálicos acrescentados).

Na verdade, Paulo ensinou isso mais explicitamente em Romanos 10.13-14, quando escreveu: “Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?”

O povo eleito de Deus — aqueles que ouvirão sua voz e crerão em Jesus Cristo — é chamado primariamente por meio da pregação da Palavra. Portanto, substituir a pregação expositiva da Palavra de Deus por qualquer

outra coisa significa abandonar o meio que Deus resolveu usar para chamar seu povo para ele mesmo. Você quer ver os eleitos sendo chamados e redimidos em seu ministério? Quer ver pecadores chegando à fé? Então, sua tarefa não pode ser mais evidente, pois “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17).

Terceiro, a vida do povo de Deus depende de ouvir a Palavra de Deus.

Para os israelitas, ouvir a Palavra de Deus e obedecer-lhe era uma questão de vida ou morte. Moisés lhes disse: “Guarda, pois, os seus estatutos e os seus mandamentos que te ordeno hoje, para que te vá bem a ti e a teus filhos depois de ti e para que prolongues os dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá para

todo o sempre” (Dt 4.40). Ele argumentou isso novamente no final do livro, em Deuteronômio 30.15-20:

Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o SENHOR, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o SENHOR, teu Deus, te abençoará na terra à qual passas para possuí-la. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires, então, hoje, te declaro que, certamente, perecerás; não permanecerás longo tempo na terra à qual vais, passando o Jordão, para a possuíres. Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando o SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade; para que habites na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

Para Israel, a Palavra de Deus era como o maná no deserto. Se quisessem sobreviver, precisavam dela todos os dias, nova e fresca. Ouvir a Palavra de Deus e prestar-lhe obediência era vida para eles. Não ouvir e não obedecer resultaria em morte. Portanto, Israel vivia pela Palavra de Deus, e a Palavra se tornou saúde, vida, bênção e, até, identidade para eles.

Leia os salmos e você perceberá como Israel anelava ouvir e conhecer a Palavra de Deus. Por exemplo, o rei Davi disse no Salmo 19:

A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma;
o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos
símplices.
Os preceitos do SENHOR são retos e alegam o
coração;
o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os

olhos.

O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre;

os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.

São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado;

e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos.

Além disso, por eles se admoesta o teu servo;

em os guardar, há grande recompensa...

As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração

sejam agradáveis na tua presença,

SENHOR, rocha minha e redentor meu!

Salmo 19.7-11,14

No Salmo 119, o salmista declara, igualmente, a sua dependência da Palavra de Deus. “Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer”, diz o salmista, “há muito já teria eu perecido na minha angústia. Nunca me esquecerei dos teus preceitos, visto que por eles me tens dado vida. Sou teu; salva-me, pois eu busco os teus preceitos. Os ímpios me espreitam para perder-me; mas eu atento para

os teus testemunhos” (vv. 92-95). O povo de Israel não podia sobreviver sem a presença, o conhecimento e o ouvir constantes da Palavra de Deus.

Isso também é verdade no Novo Testamento. Paulo dá este testemunho eloquente em 2 Timóteo 3.16-17: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”.

Somente a Escritura é inspirada por Deus e, portanto, somente ela é proveitosa para essas coisas. Nenhuma outra coisa no mundo é. Isso é um testemunho não somente da autoridade e perfeição da Escritura, mas também de sua suficiência. Somente ela é suficiente para o ensino, a repreensão, a correção e a educação do povo de Deus. Como cristãos, vivemos pela Palavra de Deus, assim como Israel vivia completamente por ela. Sabemos quem Deus é

somente por meio das Escrituras; e sabemos o que nós somos em Cristo somente por meio das Escrituras.

Portanto, pregar é sempre uma questão de vida e morte. As pessoas em nossas igrejas dependem, quanto à sua vida, do ministério da Palavra.

Consequentemente, a nossa pregação não deve ser nada menos — e nada *mais* — do que a exposição da Bíblia. A questão que temos diante de nós como pregadores não é como faremos nossa igreja crescer ou inspiraremos nosso povo. Não é, nem mesmo, como podemos levá-los a viver mais fielmente do que o fizeram antes. A questão que temos diante de nós é: estas pessoas viverão ou morrerão?

Isso era o que estava em jogo no Antigo Testamento, e o mesmo pode ser dito quanto à pregação cristã. Temos a Bíblia e, se cremos verdadeiramente que a Bíblia é a Palavra escrita de Deus — a revelação de Deus perfeita

e divinamente inspirada, a pregação expositiva é a única opção válida para nós.

Por fim, isso se resume na questão de quem tem o direito de falar. O pregador tem o direito de falar, ou esse direito pertence a Deus? Essa é a diferença entre vida e morte para o nosso povo. Você acha que os eleitos de Deus serão chamados por meio de nossas histórias, artifícios e eloquência? Essa maneira de pensar é arrogância. O povo redimido de Deus pode viver de nossas palavras? Eles ficarão bem se não lermos e explicarmos a Palavra de Deus para eles? É claro que não. Vida se encontra tão-somente na Palavra de Deus.

Em última análise, nossa vocação como pregadores é bastante simples. Estudamos, levantamo-nos diante das pessoas, lemos o texto e o explicamos. Reprovamos, repreendemos, exortamos, encorajamos e ensinamos — e, depois, fazemos tudo isso de novo, e de novo, e de novo.

[1] Wells, David F. *No place for truth, or whatever happened to evangelical theology?* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993. p. 173.

Pregação Expositiva

Sua Definição e Características

Desejo oferecer uma definição mais formal da pregação expositiva como uma estrutura para consideração.

A pregação expositiva é aquele tipo de pregação cristã que tem como seu propósito central a apresentação e a aplicação do texto da Bíblia. Todos os outros assuntos e interesses são subordinados à tarefa central de apresentar o texto bíblico. Como Palavra de Deus, o texto da Escritura tem o direito de estabelecer tanto o conteúdo como a estrutura do sermão. A

exposição autêntica acontece quando o pregador apresenta o significado e a mensagem do texto bíblico e mostra com clareza como a Palavra de Deus estabelece a identidade e a cosmovisão da igreja como o povo de Deus.

Cada parte dessa definição é importante e nos ajuda a entender mais plenamente como seguir o exemplo de Esdras em explicar o texto da Escritura às nossas igrejas.

A pregação expositiva e a Palavra de Deus

Primeiramente, a pregação expositiva é aquele tipo de pregação cristã que tem como seu propósito central a apresentação e a aplicação do texto da Bíblia. Isso significa que a pregação expositiva começa com a determinação do pregador de apresentar e explicar o texto da Bíblia à sua congregação. Esse ponto de partida simples é um dos grandes assuntos de divisão na homilética contemporânea. Muitos pregadores — desde Harry Emerson Fosdick em diante — supõem que devem começar com um problema ou dificuldade humana e, depois, trabalhar no texto bíblico. Pelo contrário, a pregação expositiva começa com o texto e se desenvolve a partir do texto para aplicar sua verdade à vida dos crentes. Se essa determinação e esse compromisso não são

claros no início, o resultado não será a pregação expositiva, e sim alguma outra coisa.

A pregação expositiva está, portanto, inescapavelmente ligada à obra de exegese séria. Se o pregador tem de explicar o texto, ele deve estudá-lo e dedicar horas de estudo e pesquisa necessárias ao entendimento do texto. O pastor tem de investir a maior parte de sua energia e engajamento intelectual (sem mencionar seu tempo) à tarefa de manejar “bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). Não há atalhos para a exposição genuína. O expositor não é um explorador que volta para contar histórias sobre a viagem, e sim um guia que leva as pessoas ao texto, ensinando as artes de interpretação e de estudo da Bíblia, enquanto as demonstra.

O pregador sobe ao púlpito para cumprir um propósito essencial — expor a mensagem e o significado do texto bíblico. Isso exige investigação histórica, discernimento literário e o emprego fiel da *anologia fidei* (“analogia da

fé”), ou seja, interpretar a Escritura pela Escritura. Também exige que o expositor rejeite o conceito moderno de que o que o texto *significava* não é necessariamente o que ele *significa*. Se a Bíblia é verdadeiramente a eterna e permanente Palavra de Deus, ela significa o que significava, visto que é aplicada de novo em cada geração.

Em segundo, todos os outros assuntos e interesses são subordinados à tarefa central de apresentar o texto bíblico. Cada pregador se aproxima do texto e do evento da pregação tendo em mente inúmeros interesses e prioridades, muitos dos quais são, por si mesmos, inegavelmente legítimos e importantes. Por exemplo, um dos nossos alvos em pregar é evangelizar. Queremos ver pessoas sendo trazidas à fé em Cristo por meio da Palavra pregada. Outro motivo de nossa pregação é a edificação de nosso povo e seu encorajamento na fé. Entretanto, tudo isso acontece somente quando apresentamos e

explicamos o próprio texto bíblico. Se um pregador sai do púlpito sem cumprir essa tarefa primária, seus ouvintes definharão, não importando o quanto a congregação apreciou o sermão ou sentiu-se comovida por ele.

Se a exposição genuína da Palavra de Deus tem de acontecer, qualquer outro interesse precisa ser subordinado à tarefa central e irreduzível de explicar e apresentar o texto bíblico.

Em terceiro, o texto da Escritura tem o direito de estabelecer tanto o conteúdo como a estrutura do sermão. É nesse ponto que muitos pregadores se acharão pessoalmente desafiados em sua pregação. Visto que a Bíblia é a Palavra de Deus inerrante e infalível, a própria forma do texto bíblico também é divinamente determinado. Deus falou por meio dos autores humanos inspirados da Escritura; e cada gênero diferente de literatura bíblica — narrativa histórica, discurso direto e simbolismo apocalíptico, entre outros —

demanda que o pregador dê atenção cuidadosa à estrutura do texto e permita que este dê forma ao seu sermão. Muitos pregadores vêm ao texto com uma forma de sermão em mente e um limitado conjunto de ferramentas em mãos. Para ser mais correto, a forma do sermão pode diferir de pregador a pregador e deve diferir de um texto a outro. Contudo, a exposição genuína exige que o texto estabeleça a forma e o conteúdo do sermão.

Em quarto, o pregador tem de mostrar com clareza como a Palavra de Deus estabelece a identidade e a cosmovisão da igreja como o povo de Deus. Quando o significado do texto é exposto, o pregador move-se à aplicação. Aplicar a verdade bíblica à vida da igreja é uma tarefa necessária da pregação expositiva. Mas a aplicação tem de seguir a tarefa diligente e disciplinada de explicar o próprio texto. T. H. L. Parker, comentando o método homilético de Calvino, descreveu assim a pregação: “A pregação expositiva consiste na explicação e na

aplicação da passagem da Escritura. Sem explicação, a pregação não é expositiva; e, sem aplicação, não é pregação”.^[1]

A aplicação é absolutamente necessária, mas é também carregada de perigos. Haddon Robinson descreveu a “heresia da aplicação”, advertindo que muitos pregadores são fiéis na tarefa de exegese, mas destroem o texto na aplicação. No outro extremo, há os pregadores que nunca fazem qualquer aplicação, argumentando que isso é uma tentativa de fazer a obra do Espírito Santo. Com certeza, nenhum pregador jamais deve crer que pode ou deve manipular o coração humano. Entretanto, o pregador fiel entende a diferença entre a aplicação externa do texto à vida e a aplicação interna do Espírito, que aplica a Palavra ao coração. O pregador é responsável por expor as palavras eternas da Escritura. Somente o Espírito Santo pode aplicar essas palavras ao coração humano ou abrir os olhos espirituais para entenderem e receberem o

texto.

Na pregação do texto bíblico, o pregador explica como a Bíblia dirige nosso pensamento e nosso viver. Isso coloca a tarefa de pregação expositiva em confronto direto com a cosmovisão pós-moderna e o simples fato da pecaminosidade humana. Não queremos ser ensinados a respeito de como pensar e como viver. Cada um de nós deseja ser o autor do script de sua vida, o senhor de seu próprio destino, o seu próprio juiz e legislador. Contudo, a Palavra de Deus tem uma reivindicação única e privilegiada sobre a igreja como corpo de Cristo. Cada texto bíblico exige um realinhamento fundamental de nossa cosmovisão básica e nossa maneira de viver. O texto bíblico, como Palavra de Deus, tem o direito de estabelecer nossa identidade como povo de Deus e determinar nossa cosmovisão. A Bíblia nos diz quem somos, nos coloca sob o senhorio de Jesus Cristo e estabelece uma cosmovisão formada pela glória e soberania de

Deus. Em palavras simples, a Bíblia determina a realidade para a igreja e estipula para os redimidos uma cosmovisão centrada em Deus. Assim, a igreja está sempre levantando uma contra-revolução ao espírito da época; e pregar é o meio ordenado por Deus pelo qual os santos são armados e equipados para essa batalha e confrontação.

Além disso, a pregação expositiva exige o ouvir do povo de Deus e coloca todos os ouvintes diante de uma decisão. Como explica John MacArthur: “Creio que o alvo da pregação é compelir as pessoas a tomarem uma decisão. Quero que as pessoas me ouçam para entenderem exatamente o que a Palavra de Deus exige delas, quando eu termino. Elas devem dizer: ‘Sim, eu farei o que Deus está dizendo’ ou: ‘Não, não farei o que Deus está dizendo’”.^[2] Todo sermão apresenta ao ouvinte uma decisão compulsória. Obedeceremos ou desobedeceremos à Palavra de Deus. A autoridade soberana de Deus opera por meio

da pregação de sua Palavra para exigir obediência de seu povo.

A Palavra pregada, aplicada ao coração pelo Espírito Santo, é o instrumento essencial por meio do qual Deus molda o seu povo. Como nos recordam os reformadores, é por meio da pregação que Cristo está presente entre seu povo.

Marcas da pregação expositiva autêntica

Quando realizada correta e fielmente, a pregação expositiva autêntica será marcada por três características distintas: autoridade, reverência e centralidade. A pregação expositiva possui autoridade. Além disso, ela se fundamenta na própria autoridade da Bíblia como Palavra de Deus. Exige e reforça um senso de reverente expectativa da parte do povo de Deus. E, finalmente, a pregação expositiva demanda o lugar central no culto cristão, sendo respeitada como o evento pelo qual o Deus vivo fala com o seu povo.

Primeiramente, a pregação expositiva é caracterizada por autoridade. O sociólogo Richard Sennett, da Universidade de Nova Iorque, comentou que em tempos passados uma grande ansiedade da maioria das pessoas

era a perda da autoridade de governo. Agora, a situação mudou, e as pessoas modernas estão ansiosas acerca de qualquer autoridade sobre elas. “Chegamos a temer a influência da autoridade como uma ameaça à nossa liberdade, na família e na sociedade como um todo”, escreveu Sennett. Se as gerações anteriores temiam a ausência de autoridade, hoje vemos “um temor da autoridade, quando ela existe”.^[3]

A cultura iluminista que deu origem à modernidade era subversiva a toda forma de autoridade, embora tenham sido necessários alguns séculos para que essa rebelião contra a autoridade se introduzisse em toda a sociedade. Na cultura pós-moderna do Ocidente, a autoridade está sob ataque de todas as formas, e um senso de autonomia é elementar aos ideais contemporâneos de direitos e liberdade humanos. Não teremos um rei nos governando, nenhum pai nos disciplinando, nenhum professor nos

ensinando e nenhuma verdade nos obrigando. Como dois observadores recentes lamentaram: “Os americanos abraçaram tão firmemente a liberdade, que podem ver somente um aspecto dela, o aspecto da autonomia”.^[4]

Alguns mestres de homilética sugerem que os pregadores devem simplesmente adotar essa nova cosmovisão e abandonar toda reivindicação de que a mensagem possui autoridade. Aqueles que perderam a confiança na autoridade da Bíblia como Palavra de Deus ficaram com pouco a dizer e com nenhuma autoridade para a sua mensagem. Fred Craddock, uma das figuras mais influentes no pensamento homilético contemporâneo, descreveu notavelmente o pregador como “uma pessoa sem autoridade”. Sua descrição da desagradável situação do pregador é impressionante: “Os antigos raios e trovões enferrujam no sótão, enquanto o ministro tenta guiar seu povo através do pântano das relatividades e das possibilidades

aproximadas”.^[5] “O pregador não pode mais pressupor o reconhecimento geral de sua autoridade como clérigo, ou a autoridade de sua instituição, ou a autoridade da Escritura”, argumentou Craddock. Resumindo a desagradável situação do pregador pós-moderno, ele afirmou que o pregador “pergunta seriamente a si mesmo se deve continuar a servir um monólogo em um mundo de diálogo”.^[6]

A pergunta óbvia a fazermos diante da análise de Craddock é esta: se não temos uma mensagem que possui autoridade, por que, então, pregamos? Sem autoridade, o pregador e a congregação estão envolvidos em um grande desperdício de tempo precioso. A própria ideia de que a pregação pode ser convertida em um diálogo entre o pastor e a congregação indica a confusão de nossa época.

Em contraste com isso, temos as palavras de Martyn Lloyd-Jones: “Qualquer estudo da história da igreja e, particularmente, qualquer

estudo dos grandes períodos de avivamento e despertamento demonstra, acima de tudo, este fato: a igreja cristã falou com autoridade em todos esses períodos. A grande característica de todos os avivamentos era a autoridade do pregador. Parecia haver algo novo, extra e irresistível no que ele declarava como representante de Deus”.^[7] Em toda verdadeira pregação expositiva, há a nota de autoridade. Isso acontece porque o pregador ousa falar como representante de Deus. Ele se levanta no púlpito como um despenseiro “dos mistérios de Deus” (1 Co 4.1), declarando a verdade da Palavra de Deus, proclamando o poder dessa Palavra e aplicando-a à vida. Esse é um ato reconhecidamente audacioso. Ninguém deve nem mesmo intencionar esse empreendimento sem absoluta confiança numa chamada divina para pregar e na autoridade impecável das Escrituras.

O ministério de pregação não é uma profissão a ser buscada, é uma chamada a ser

respondida. A igreja não tem qualquer necessidade de funcionários religiosos que pregam mensagem atuais baseadas nos últimos remédios terapêuticos ou modas filosóficas. Charles Spurgeon instruiu seus alunos-pregadores a atentarem à sua chamada: “Temos de sentir que essa maldição nos cabe se não pregamos o evangelho; a palavra de Deus tem de ser para nós como fogo nos ossos; se realizarmos o ministério de outro modo, seremos infelizes nele, seremos incapazes de suportar as renúncias incidentais ao ministério e seremos de pouca utilidade àqueles entre os quais ministramos”.^[8] Além disso, a chamada a pregar não é uma experiência ou percepção existencial aceita por um indivíduo, e sim uma chamada que tem de ser reconhecida e afirmada pela igreja. O ofício de ensino é um dos dons de Deus ao seu povo, e não um passo de carreira para uma “profissão assistencial”.

A autoridade do pregador está arraigada na chamada divina para pregar, e a igreja tem

de respeitar o ofício de pregação. Contudo, em última análise, a autoridade crucial da pregação é a autoridade da Bíblia como Palavra de Deus. Sem essa autoridade, o pregador permanece vulnerável e silencioso diante da igreja e do mundo espectador. Se a Bíblia não é a Palavra de Deus, o pregador está envolvido em um ato de autoilusão ou de presunção profissional. Firmado na autoridade da Escritura, o pregador declara a verdade recebida, não uma mensagem inventada. O ofício de ensino não é um papel de conselheiro baseado em especialização religiosa, e sim uma função profética pela qual Deus fala com o seu povo.

A ausência de autoridade em muito da pregação contemporânea é atribuível diretamente à ausência de confiança na autoridade da Bíblia. Quando a autoridade bíblica é minada e corroída, a pregação se torna uma pretensão. O pregador se levanta para oferecer conselhos religiosos com base na mais

recente erudição secular e na “espiritualidade” do momento. A poeira da morte cobre milhares de púlpitos ao redor do mundo. Mas, quando a Bíblia é reconhecida e honrada, o púlpito se torna uma convocação para ouvir a Palavra de Deus e obedecer-lhe. A adoração verdadeira acontece quando a autoridade da Bíblia é honrada corretamente e a pregação da Palavra é entendida como o evento pelo qual Deus fala com o seu povo por meio de sua Palavra, mediante a instrumentalidade humana de seus servos — os pregadores.

Em segundo, a pregação expositiva autêntica cria um senso de reverência entre o povo de Deus. A congregação que se reuniu diante de Esdras e os outros pregadores demonstraram amor e reverência pela Palavra de Deus (Ne 8). Quando o livro foi lido, o povo se levantou — um ato que demonstrou o senso de expectativa deles quando a Palavra foi lida e pregada.

A pregação expositiva tanto requer como também cultiva uma atitude de reverência da

parte da congregação. A pregação não é um diálogo, mas envolve pelo menos duas partes — o pregador e a congregação. O papel da congregação no evento de pregação é ouvir, receber e obedecer à Palavra de Deus. Ao fazer isso, a igreja demonstra reverência pela pregação e pelo ensino da Bíblia e entende que o sermão traz a Palavra de Cristo para bem perto da congregação. Isso é adoração verdadeira.

Não possuindo reverência para com a Palavra de Deus, muitas igrejas estão presas em uma busca frenética por significado na adoração. Os cristãos deixam os cultos perguntando uns aos outros: “Você obteve alguma coisa disso?”. As igrejas fazem pesquisas para medir as expectativas quanto ao culto. Vocês gostariam de mais música? Que tipo de música? Gostariam de dramatizações? A nossa pregação é suficientemente criativa?

A pregação expositiva exige um conjunto de perguntas diferentes. Obedecerei à Palavra

de Deus? Como a minha maneira de pensar tem de harmonizar-se com as Escrituras? Como devo mudar o meu comportamento para que eu seja plenamente obediente à Palavra? Essas perguntas revelam submissão à autoridade de Deus e reverência para com a sua Palavra.

De modo semelhante, o pregador tem de demonstrar sua própria reverência para com a Palavra de Deus por lidar fiel e responsavelmente com o texto. Ele não deve ser leviano ou casual e, muito menos, indiferente e desrespeitoso. Podemos estar certos disto: nenhuma congregação reverenciará a Bíblia mais do que o faz o seu próprio pregador.

Calvino instruiu sua igreja a respeito da adoração autêntica por recordar-lhes o propósito da pregação: “Nós nos congregamos em nome do Senhor. E o fazemos não para ouvir canções alegres, ser alimentados com vento, ou seja, com uma curiosidade vã e inútil, e sim para receber alimento espiritual;

porque Deus não terá nada pregado em seu nome, senão aquilo que for proveitoso e edifique”.^[9] A reverência é a única resposta apropriada ao reconhecimento de que a Bíblia é a Palavra de Deus e de que a pregação é a proclamação dessa Palavra ao povo de Deus. Lutero enfatizou repetidas vezes que Deus é o autor da Palavra: “Para ser exato, eu ouço o sermão; no entanto, eu não devo perguntar: quem está falando? O pastor? De modo algum! Você não ouve o pastor. É claro que a voz é dele, mas as palavras que ele emprega são realmente faladas por Deus. Eu tenho de manter a Palavra em alta estima para que me torne um discípulo hábil da Palavra. Se nós a reconhecemos como a Palavra de Deus, ficamos alegres em ir à igreja, ouvir o sermão e prestar atenção à preciosa Palavra”.^[10]

Em terceiro, a pregação expositiva tem de estar no centro do culto cristão. É importante destacarmos novamente: o culto dirigido apropriadamente à honra e à glória de Deus

achará seu centro na leitura e na pregação da Palavra de Deus. A pregação expositiva não pode ser delegada a um papel de apoio no ato de culto. Ela tem de ser central.

Na Reforma, o propósito norteador de Lutero era restaurar a pregação ao seu devido lugar no culto cristão. Referindo-se ao incidente entre Maria e Marta, conforme narrado em Lucas 10, Lutero recordou à sua congregação e alunos que Cristo declarou: “Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa” (Lc 10.42) — a pregação da Palavra. Lutero entendeu que a reforma mais necessária era o restabelecimento da leitura e pregação da Palavra como o ato central no culto cristão.

Essa mesma reforma é necessária no evangelicalismo contemporâneo. A pregação expositiva tem de ser novamente central na vida da igreja e central no culto cristão. No fim dos tempos, o Senhor não julgará a igreja pela qualidade de sua música, e sim pela fidelidade de sua pregação. O pregador será julgado por

sua pregação, e a congregação será julgada pelo seu ouvir — e pela pregação que ela exigiu.

O monumental estudo de Hughes Oliphant Old sobre a pregação em toda a história da igreja começa com a pregação no período bíblico. Focalizando a pregação do apóstolo Paulo, Old atinge o âmago do assunto:

A pregação da Palavra de Deus e o ouvi-la é, em última análise, adoração; adoração em seu sentido mais profundo. A pregação não é uma atividade auxiliar à adoração, nem mesmo um tipo de preparação para a adoração que alguém espera vir em seguida... A proclamação da palavra de Deus é, em si mesma, culto sublime a Deus. A leitura solene e a pregação da Escritura no meio da congregação é um ato de culto, se podemos usar essa expressão, em conexão com os sacrifícios do Antigo Testamento. Ela cumpre o simbolismo desses antigos atos de culto. Os sacrifícios do Antigo Testamento eram o tipo, a sombra de algo maior, a proclamação do evangelho. A leitura e a pregação da Escritura são atos de adoração em uma intensidade maior, uma profundidade maior

e uma magnificência maior do que o foram os sacrifícios no Templo.^[11]

Quando os evangélicos de hoje falam casualmente sobre a distinção entre adoração e pregação (significando que a igreja desfrutará uma oferta de música antes de um pouquinho de pregação), eles traem o seu entendimento tanto da adoração como do ato de pregar. A adoração não é algo que fazemos antes de nos sentarmos para ouvir a Palavra de Deus; é o ato pelo qual o povo de Deus dirige toda a sua atenção a ouvir o único Deus vivo e verdadeiro falando com seu povo e recebendo seus louvores. Deus é mais gloriosamente louvado quando o seu povo ouve a sua Palavra, ama a sua Palavra e obedece à sua Palavra.

Como na Reforma, o corretivo mais importante para a nossa corrupção da adoração (e defesa contra as exigências consumistas de nossa época) é o retorno da pregação expositiva

e da leitura pública da Palavra de Deus ao seu devido lugar: o centro do culto.

[1] Parker, T. H. L. *Calvin's preaching*. Edinburgh: T & T Clark, 1992. p. 79.

[2] Encontrado em www.biblebb.com./files/macqa/IA-sermonapp.htm.

[3] Sennett, Richard. *Authority*. New York: Alfred A. Knopf, 1980. p. 15.

[4] Gaylin, Willard; Jennings, Bruce. *The perversion of autonomy: coercion & constraints in a liberal society*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2003. p. 11.

[5] Craddock, Fred. *As one without authority*. Nashville: Abingdon Press, 1979. p. 13.

[6] Ibid. p. 14-15.

[7] Lloyd-Jones, Martyn. *Authority*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1958. p. 10.

[8] Spurgeon, Charles. *Lectures to my students*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979. p. 27.

[9] Calvin, John. Sermon on 2 Timothy 2.16-18. In: Bentley, R. (Ed.). *A selection of the most celebrated sermons of M. Luther and J. Calvin, eminent ministers of the gospel, etc.* New York: Ludwig & Tolefree, 1829. p. 61.

[10] Luther, Martin. *Luther's Works*, vol. 22. Ed. Jaroslav Pelikan. St. Louis: Concordia, 1955. p. 528.

[11] Old, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007. p. 189.

Uma dispensação de Mistérios

A Autoridade e o Propósito do Pregador

Quando o ministro do evangelho estiver diante do Senhor como juiz, muitas perguntas lhe serão dirigidas. Haverá muitos padrões de prestação de contas e muitos critérios de julgamento. Contudo, no final, o critério de julgamento mais essencial para o ministro de Deus será: “Você pregou a Palavra? Cumpriu plenamente o ministério da Palavra? Em tempo e fora de tempo, a pregação da Palavra era a prioridade de seu ministério?”

Na verdade, isso não significa que não existem outros assuntos, outras responsabilidades e outras prioridades. Entretanto, isso significa que só existe uma tarefa central, inegociável, inalterável e uma prioridade essencial — a pregação da Palavra de Deus.

O apóstolo Paulo deixou isso bem claro em uma magnífica passagem, em Colossenses 1.24-29. Eis as suas palavras:

Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja; da qual me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus: o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo,

esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim.

Escrevendo à igreja de Colossos, Paulo falou nessa passagem sobre o seu próprio entendimento do ministério apostólico, de sua dispensação dos mistérios de Deus e de seu cumprimento da tarefa de proclamar a Palavra de Deus. Essa foi a declaração de Paulo quanto ao ministério; ele falou sobre a autoridade com que pregava e o propósito de sua pregação.

A autoridade do pregador

Observe, primeiramente, que Paulo se via como um servo da Palavra de Deus. Examine com atenção as palavras desse parágrafo. Paulo explicou por que estava tão disposto a se submeter a sofrimentos — e, de fato, até se regozijava nisso! Para alguma outra pessoa, seria ridículo falar em regozijar-se no sofrimento; mas era perfeitamente sensato para Paulo. Ele se regozijava no sofrimento porque seus sofrimentos lhe obtinham oportunidade de pregar o evangelho.

Antes de tudo, Paulo se via como um servo da Palavra de Deus e entendia que seu propósito na terra era pregar a Palavra e anunciar a Jesus Cristo, embora isso implicasse que ele teria de sofrer para cumprir esse objetivo.

Em contraste com essa perspectiva

gloriosamente contraintuitiva de Paulo, muitas das igrejas contemporâneas têm desistido da pregação. Nestes dias, é raro ouvirmos falar de uma igreja que se distingue primariamente por sua pregação expositiva, fiel e poderosa. Em vez disso, quando ouvimos as pessoas testemunharem sobre suas igrejas, elas geralmente se referem a outra coisa e não à pregação. Elas talvez falem sobre o seu ministério especializado para terceira idade, ou sobre o seu ministério infantil, ou sobre o ministério de jovens. Talvez falem sobre sua música, seu programa de artes, sua equipe de teatro ou outras coisas mais superficiais do que essas. Às vezes, podem até falar sobre a importância da Grande Comissão da igreja e seu compromisso com missões mundiais — e somos gratos a Deus por isso. Todavia, infelizmente, é raro ouvirmos falar de uma igreja descrita, antes e acima de tudo, pelo caráter, poder e conteúdo de sua pregação.

Isso é muito mais chocante porque Paulo

foi tão claro em Colossenses 1.25 quanto à razão por que recebera seu ministério. “Da qual [da igreja] me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus”, ele disse. Em última análise, tudo se resume nisso. O propósito central do ministério de Paulo — de fato, o propósito central de todo ministério cristão — é tornar conhecida a Palavra de Deus. Uma versão da Bíblia diz neste versículo: “Para dar pleno cumprimento à *pregação* da Palavra de Deus”. Creio que essa é uma inserção legítima. É claro que Paulo estava dizendo que o “dar pleno cumprimento à Palavra de Deus” é realizado pela proclamação, ensino e pregação. Acima de qualquer outra coisa, essa é a vocação que Deus nos deu.

Juntamente com essa vocação, vem certa autoridade. Se algo era claro na mente de Paulo, era a certeza de que a autoridade e o ministério que ele possuía não se originavam

nele mesmo. Ele havia sido chamado ao ministério. Este lhe fora dado. “Da qual me tornei ministro”, disse Paulo, ou, como em outras traduções: “*Fui constituído ministro*”. Paulo não tornou-se a si mesmo um ministro, assim como não salvou-se a si mesmo e apareceu para si mesmo na estrada de Damasco. Ele foi convocado por outro e constituído apóstolo do Senhor Jesus e ministro da Palavra. De fato, escrevendo em 1 Coríntios 15.8, Paulo explicou que Cristo lhe apareceu “como por um nascido fora de tempo”. Ele era, em suas próprias palavras, “o menor dos apóstolos”, pois havia perseguido a igreja. Contudo, um dos sinais do triunfo de Deus no evangelho foi que ele escolheu o principal perseguidor da igreja e o tornou o apóstolo dos gentios.

Esse fato é crucial ao entendimento do pastor quanto à sua chamada e à dispensação que lhe foi confiada. Muitos pastores ministram sob a suposição de que a autoridade

que desfrutam procede deles mesmos e de que, em alguma medida, fizeram por merecê-la ou obtiveram-na, em vez de haverem-na recebido de Deus. De modo semelhante, as pessoas de nossas igrejas são frequentemente enganadas a ponto de confiar no tipo errado de autoridade, uma autoridade que se origina no homem e nas suas habilidades, e não na chamada de Deus.

Há três formas de autoridade falsa das quais tanto os pastores como as igrejas devem acautelar-se. Em primeiro, há a *autoridade profissional*. No final de cada semestre no seminário que presido, atribuímos graduação e entregamos diplomas a centenas de pessoas. É um momento solene e importante, mas a realidade é que aqueles pedaços de papel não conferem automaticamente à pessoa qualquer autoridade especial. De fato, aqueles que se dedicam ao estudo devem ser honrados, mas a autoridade na igreja não é, finalmente, uma autoridade profissional. A tarefa de pregação e

ensino da Palavra de Deus não é uma profissão a ser representada por graduação, credenciais ou iniciais que seguem o nome de uma pessoa. É uma chamada, dada por Deus, em graça, aos homens que não merecem e não podem merecê-la.

Em segundo, devemos acautelar-nos da *autoridade posicional* — ou seja, ter autoridade apenas por causa do título ou posição em alguma estrutura ou hierarquia. Martinho Lutero entendeu profundamente esse ponto. “Os papas e os concílios podem errar”, insistiu ele, “mas a minha consciência está cativa à Palavra de Deus”. Nenhum pastor deve esperar que sua congregação o siga tão-somente porque ele é o pastor. Antes, ele deve guiar os membros da igreja e esperar que o sigam porque ele está seguindo as Escrituras. Paulo e Silas não se ofenderam quando os bereanos avaliaram a mensagem deles pelas Escrituras (At 17.10-11). Não insistiram em que os bereanos aceitassem a autoridade de sua

mensagem sem questionar, apenas com base em sua autoridade como apóstolo. Até o apóstolo Paulo sabia que sua palavra estava sujeita à Palavra de Deus, e Lucas chamou os bereanos de “nobres” por reconhecerem e agirem com base nesse fato.

Em terceiro, devemos advertir contra a *autoridade pessoal*. Algumas pessoas têm uma personalidade tão carismática que poderiam, por simples força de vontade, levar outras a crer em quase tudo. Em todo mundo — quer na política, quer nas ideologias, quer na esfera espiritual e religiosa —, há líderes carismáticos que reúnem ao seu redor grupos restritos de seguidores lealmente fiéis. A autoridade está no professor, e o que ele diz é aceito como verdade inviolável. Infelizmente, a igreja não está imune a esse tipo de autoridade falsa. Há muitas igrejas locais cujos pastores instalaram-se a si mesmos — ou permitiram ser instalados — como autoridades inquestionáveis, não com base na Palavra de Deus, e sim pela força da

personalidade e pela habilidade de persuadir ou de intimidar. Esse tipo de autoridade pessoal era anátema para o apóstolo Paulo. Ele disse com insistência: “Se eu, eu mesmo, pregar para vocês um evangelho diferente, então, anatematizem-me” (Gl 1.8 — tradução do autor).

A autoridade do pregador não está na profissão, nem na posição, nem na personalidade. Está unicamente na Palavra de Deus.

O propósito do pregador

Outro ponto crítico que o pregador precisa entender é que Deus lhe deu uma chamada não visando ao seu próprio benefício, e sim ao benefício da igreja. Considere esta afirmação de Paulo: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós” (Cl 1.24). Ele ministrava “a favor do seu corpo [de Cristo], que é a igreja”. Nossa chamada à pregação é uma chamada a servir aos outros, e nos foi dada totalmente pela graça de Deus. Fomos chamados e recebemos uma dispensação que não merecemos e somos incapazes de cumprir. Apesar disso, Deus nos escolheu para realizá-la. Como Paulo escreveu:

Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Deus escolheu

as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

1 Coríntios 1.20, 27-29

Paulo não tinha ilusões quanto à origem e à autoridade de seu ministério. Ele não fizera por merecer seu ministério; este lhe fora dado. A autoridade de Paulo não vinha de sua posição ou personalidade; ela provinha do fato de que ele estava proclamando a Palavra de Deus.

Qual era, então, o alvo da pregação de Paulo? Por que ele pregava? A resposta de Paulo para essas perguntas está em Colossenses 1.28: “O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”. O alvo de Paulo, em seu ministério de pregação do

evangelho, era apresentar todo cristão maduro em Cristo. Que descrição de trabalho! O alvo do pastor, daquele que prega a Palavra de Deus, é que, no fim de seu ministério, ele seja capaz de apresentar completos e maduros no Salvador os cristãos que estão sob os seus cuidados.

Para atingir esse objetivo, pregamos a Cristo de três maneiras. Como Paulo disse em Colossenses 1.28, nós *anunciamos* a Cristo, *advertimos* pessoas e as *ensinamos* — e fazemos tudo isso visando trazer os cristãos à maturidade em Cristo Jesus.

Primeiramente, Paulo disse que seu alvo como pregador era *anunciar* a Cristo. Isso parece bem direto. Mas, por que o apóstolo descreve o conteúdo de sua pregação como um “mistério”? A Palavra de Deus, que Paulo fora chamado a tornar plenamente conhecida, é, conforme ele disse, “o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos” (v. 26).

Em toda a Ásia Menor e no mundo antigo, naquele tempo, as religiões e os cultos de mistérios eram comuns. Muitos acreditavam que o cristianismo era apenas mais um desses cultos de mistérios. Afinal de contas, ele também tinha os seus mistérios, não tinha? Sim, realmente. Leia o Novo Testamento e veja quantas vezes a palavra “mistério” (*mysterion*) aparece. Obviamente, o cristianismo proclama um mistério, mas não é um mistério de conhecimento esotérico ou um gnosticismo que consiste de algum conhecimento secreto disponível somente a intelectuais de elite. Não, o mistério do cristianismo é um mistério que foi revelado publicamente por Deus na encarnação, morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo.

Observe novamente o que Paulo disse no versículo 28. O “mistério” do evangelho cristão é bem simples. “*O qual nós anunciamos*”, disse Paulo (ênfase acrescentada). Nós pregamos a Cristo; nós o anunciamos; focalizamos nele a

nossa mensagem. Isso é algo simples quando dito, mas a sua realização exige pregação diligente, sistemática, rigorosa e expositiva. Nossa tarefa consiste em mostrar como Cristo, o mistério das eras, é revelado em toda a Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Em outras palavras, temos de pintar todo o quadro com a verdade do mistério de Jesus Cristo.

Muitos pregadores tendem a trabalhar em um pequeno canto de todo o grande quadro da obra de Deus. O plano divino de redenção alcança todas as eras; apesar disso, muitos pregadores se tornaram especialistas num pequeno detalhe do plano. Há alguns pregadores que, como pintores, têm somente certas cores em sua palheta. Alguns têm cores vívidas; outros, as cores mais suaves. Todavia, para que mostremos ao povo de Deus todo o quadro do plano de Deus para eles, necessitamos da habilidade de pintar todo o quadro — em todas as suas cores, todos os seus

tons, todas as suas nuances. Isso significa que temos de pregar a Cristo com base tanto no Antigo como no Novo Testamento, reconhecendo que, pela analogia da fé, cada texto de toda a Escritura aponta para Jesus Cristo. Foi Charles Spurgeon, o grande pregador batista, quem apresentou talvez a melhor exortação quanto a este assunto: “Pego o meu texto e faço uma linha direta para a cruz”. Em outras palavras, ainda que preguemos o significado imediato de cada texto, devemos também mostrar o seu cumprimento em Jesus Cristo.

E qual a consequência? Nossas igrejas começam a ver toda a impressionante manifestação da obra de Deus na redenção. Entendem as partes que a compõem e como elas se harmonizam. Entendem as cores brilhantes, bem como as cores suaves. De fato, eles entendem o evangelho em toda a sua glória multiforme. O mistério vem ao foco.

É claro que o alvo final da pregação não é

apenas anunciar Cristo como uma verdade abstrata. A grande glória do evangelho cristão é, conforme Paulo disse, “Cristo em vós, a esperança da glória”. Isso é linguagem poderosa e transformadora. Segundo o apóstolo Paulo, Deus não nos oferece o evangelho apenas para nossa consideração, nossa investigação, nossa apreciação. O evangelho nos alcança com o poder de rochas incandescentes e ardentes de um vulcão. A palavra que anunciamos é viva; é uma palavra perigosa e transformadora de vida. O interesse de Paulo não era somente que seus ouvintes chegassem a um entendimento cognitivo correto do evangelho, embora isso fosse essencial. Seu interesse era que o evangelho fosse recebido pela fé e que vidas fossem transformadas, quando pecadores se tornassem santos, inimigos de Deus fossem justificados pela fé e réprobos fossem adotados como filhos e filhas de Deus. Esse é o poder da pregação — de anunciar a Cristo, crucificado.

Em segundo, Paulo disse que, com sua pregação, tencionava *advertir*. Esse assunto de advertir ou admoestar é um assunto difícil em nossos dias — um fato inegável quando consideramos quão pouca admoestação preciosa existe hoje. Entretanto, Paulo descreveu seu ministério como um ministério de advertir.

O que significa advertir? Falando sinceramente, significa *confrontar*. Em vista de nossas ideias atuais sobre privacidade e autonomia pessoal, muitos de nós achamos que ninguém tem o direito de dizer-nos em que devemos crer ou o que temos de corrigir em nosso comportamento, maneira de pensar ou atitudes. Afinal de contas, dizemos: “Meu casamento é *meu* casamento. Meu emprego é uma questão que diz respeito a mim e a meu patrão; e ninguém mais tem o direito de se intrometer nisso”. Entretanto, esse não é o padrão que achamos no Novo Testamento. Quando a Palavra de Deus é pregada

autenticamente, ela é também aplicada. Não estou dizendo que o pregador deve procurar alguma maneira de tornar a passagem bíblica relevante. Quero dizer que o texto bíblico tem de ser dirigido diretamente às pessoas da congregação: “Isto é o que você deve fazer. Isto é o que você deve pensar. Isto é o que você deve ser”.

Isaac Backus, o grande batista do século XVIII, começou seu ministério como um exortador. Na América revolucionária, o exortador tinha uma tarefa específica na congregação. Depois de haver pregado, o pastor tinha a responsabilidade de aplicar a mensagem. Isso podia significar ir até alguém e dizer-lhe: “Bem, viúva Jones, isso implica que a senhora terá de mudar sua maneira de criar os filhos”, ou: “Bem, Sr. Smith, você terá de mudar a maneira de fazer seus negócios”.

Backus tinha 15 anos de idade quando assumiu a incumbência de ser um exortador, o que, levando em conta as responsabilidades

dessa tarefa, talvez seja uma indicação de que a igreja reconhecia que pessoas de 15 anos de idade são singularmente dispostas a fazer coisas perigosas — e talvez de que eles também consideravam Backus dispensável! O fato é que essa congregação levou a sério a chamada à admoestação. Entendiam que haviam sido chamados, juntos, a serem responsáveis à Palavra de Deus em tudo que faziam e pensavam.

Não estou exigindo algo semelhante em nossas igrejas hoje. Estou citando Backus apenas para ressaltar que não há muita advertência acontecendo nas igrejas locais hoje. De fato, esse tipo de advertir e admoestar talvez fosse visto como intolerante, agressivo e arrogante. Mesmo assim, é importante reafirmarmos a verdade de que um dos papéis do pregador é expor o erro e revelar o pecado. Em 2 Timóteo 3.16-17, Paulo disse a Timóteo que, enquanto pregava a Palavra, ele tinha de repreender e corrigir. Tinha de assumir a tarefa

de dizer às pessoas que elas estavam erradas e tinham de harmonizar sua maneira de pensar com as Escrituras.

Infelizmente, a falha nessa tarefa de corrigir, repreender e advertir tem levado muitas igrejas a se tornarem pouco mais do que associações de voluntários que se reúnem em um templo. Isso não deveria acontecer. Se pretendemos permanecer fiéis à obra de pregar a Palavra de Deus e de apresentar todo cristão maduro em Cristo, precisamos achar novamente coragem para advertir e admoestar.

Em terceiro, Paulo disse que a tarefa de pregar envolve *ensinar*, ou, mais especificamente, instruir o povo de Deus nas Escrituras e aplicá-las à vida deles. Ensinar não é algo que pode ser isolado na Escola Dominical. Não podemos supor que o ministério de ensino da igreja é cumprido quando temos um bom sistema de educação de crianças. O ensino da Palavra de Deus deve alcançar diferentes gerações. Deve ser

progressivo e acumulativo, de modo que os santos sejam levados a mais maturidade no Senhor Jesus Cristo. Além disso, o ensino da Palavra de Deus tem de confortar.

O admirável poder da pregação autêntica é visto no fato de que Deus usa a pregação para apresentar os seus santos completos em Cristo. De que modo os crentes crescerão? Como eles se tornarão maduros? Como o processo de santificação conduzido pelo Espírito Santo será visto neles? Tudo isso se dá por meio da pregação da Palavra.

Quando chegarmos finalmente ao céu, na presença do Senhor Jesus, o produto final de nossos labores será visível. Então, contemplaremos, vestidos da justiça de Cristo, os santos aos quais pregamos — homens e mulheres, irmãos e irmãs em Cristo, feitos completos nele e glorificados nele por toda a eternidade. Essa é a nossa tarefa, é o nosso alvo. Quando perguntamos se somos ou não bem-sucedidos no ministério, temos de responder

essa pergunta com este único critério. Estamos vendo os santos crescerem em direção à plenitude em Jesus Cristo?

“Não Nos ardia o
Coração?”

Pregando a Grande História da Bíblia

Recordo-me de que, na infância, eu cantava a canção de Zaqueu e seu sicômoro:

Zaqueu era pequenininho;
Ele era um homem pequenininho.

Um dos grandes problemas de maior parte da pregação evangélica contemporânea e uma das razões por que muitos santos não estão crescendo em direção à completude em Jesus Cristo é que muitos de nossos púlpitos estão cheios do que podemos chamar de “sermões Zaqueu” ou, dizendo-o em termos mais claros, pregações pequenininhas.

Todo domingo, inúmeros pregadores leem um texto pequenino, aplicam-no de maneiras diminutas à vida das pessoas e, em seguida, dizem-lhes que voltem na próxima semana para ouvirem outra história pequenina.

A tendência de isolarmos nossos sermões em uma porção mínima de texto bíblico é um grande problema e também explica por que tanta pregação evangélica é moralista. É fácil selecionar uma história, formular com base nessa história alguns pontos sobre o que as pessoas devem ou não devem fazer e, em

seguida, terminar. Mas esse tipo de pregação deixará a igreja fraca e faminta, porque os cristãos que ouvem essa pregação nunca se veem na grande história da obra de Deus no mundo. Se, como pregadores, desejamos ver nosso povo crescendo para a maturidade em Cristo, temos de dar-lhes mais do que uma dieta de pequenos sermões moralistas. Temos de apresentar, com segurança, cada texto que pregamos dentro da grande e abrangente história da Bíblia.

Rejeitando a grande história

Um dos desafios de pregar na era pós-moderna é que a maioria das pessoas que vivem ao nosso redor tem rejeitado completamente a ideia da grande história. Elas negam que possa haver uma “metanarrativa” abrangente que explica todas as outras narrativas. Jean-François Lyotard, o principal teorista francês da pós-modernidade, definiu assim o pós-modernismo: “Simplificando em extremo, eu defino o pós-modernismo como incredulidade para com as metanarrativas”.^[1] O que ele pretendia dizer era que as pessoas não mais acreditam que haja uma grande história que explica todas as nossas histórias individuais. Em outras palavras, tudo que existe são pequenas histórias de cada pessoa ou cultura individual.

O efeito dessa rejeição das metanarrativas

tem sido afirmado especialmente nos meios acadêmicos. Na França, por exemplo, historiadores eruditos pararam de olhar para a grande história da História — os grandes movimentos e os grandes líderes — e, em vez disso, começaram a estudar o que eles chamam de *petite histoire* ou “pequenas histórias”. Portanto, se você ler obras históricas francesas recentes, provavelmente lerá as experiências pessoais de uma leiteira do século XIII, e não a história da civilização medieval. Os historiadores eruditos perderam a confiança de que há uma grande história para contar e, por isso, se satisfazem em contar pequenas histórias.

A prevalecente “incredulidade para com as metanarrativas” é, em si mesmo, uma grande história e, ironicamente, serve para explicar muitas coisas. Por exemplo, ela explica por que houve exaustão intelectual e espiritual no final do século XX, visto que esse século foi uma batalha de metanarrativas que competiam

entre si. Um dos grandes conflitos do século XX foi, realmente, entre o liberalismo democrático e o comunismo — a ideia de uma democracia representativa em que são outorgados às pessoas liberdades e direitos civis básicos, em confronto com a ideia de que a dinâmica básica da existência humana é a opressão econômica da qual as pessoas devem ser libertadas pelo poder da revolução.

O comunismo e outras metanarrativas fracassadas

O comunismo, ou marxismo, foi uma metanarrativa do século XX. Ele explicava tudo: onde tudo começou? O que deu errado? Pode ser consertado? Aonde tudo conduz? O comunismo tinha respostas para todas essas perguntas. Baseado em uma cosmovisão naturalista, o comunismo afirmava que não havia um significado maior para a vida ou a existência e, portanto, nenhuma realidade predominante que desafiasse a própria primazia do comunismo. À pergunta: “O que deu errado?”, o comunismo respondia dizendo: “A opressão econômica”. Segundo a teoria marxista, isso é a queda, e não corresponde ao pecado, e sim a desigualdade e a opressão econômica. Pode ser consertado? Sim, respondiam os marxistas. O problema

pode ser resolvido por revolução — um levante em que o proletariado se apossará dos meios de produção e se libertará de seus opressores.

Existia também uma escatologia no marxismo, uma crença de que a história se encaminhava para um permanente e inalterável estado de revolução em que o poder estaria nas mãos de poucos. O comunismo fracassou intelectualmente em parte, pelo menos, porque sua escatologia se tornou inatingível. A promessa de um estado de libertação nunca se cumpriu, e pessoas famintas se cansaram de esperá-lo.

Houve outras metanarrativas no século XX que também fracassaram. O fascismo foi uma delas. A fé no progresso humano que marcou as primeiras décadas do século foi outra. De fato, perto do final do século XX, houve uma exaustão até na defesa da metanarrativa ocidental de liberdade e democracia. E, como resultado de tudo isso, as pessoas desistiram da

ideia de uma história todo-abrangente e todo-envolvente e declararam que qualquer afirmação de tal metanarrativa era apenas ilusão.

A grande história que explica todas as outras histórias

Essa é a razão por que o cristianismo se apresenta como uma ameaça a tantas pessoas, pois a história cristã é uma metanarrativa — uma grande história que explica todas as outras histórias e à qual todas as outras têm de responder. Como cristãos, afirmamos realmente que somos parte da única história que explica todas as outras histórias. Então, quando compartilhamos o evangelho cristão com alguém, dizemos: “Sim, quero ouvir a sua história. Porém, mais importante, quero que sua história seja absorvida numa história maior, diferente. Quero colocar sua história — sua *petite historie* — na metanarrativa abrangente do que Deus está fazendo no mundo, para que você conheça Jesus Cristo como Senhor e Salvador e saiba, de maneira

diferente, onde está e quem você é”.

Quando pregamos, temos de lembrar que o que anunciamos não é uma pequena história, tampouco uma série de pequenas histórias. É o grande quadro. Somos responsáveis para com a grande história da obra de Deus conforme narrada na Escritura.

Em Lucas 24, Jesus, ressuscitado, apresentou a dois de seus discípulos a grande narrativa da Escritura. Em outras palavras, ele impôs uma metanarrativa:

Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer. Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas,

respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram. Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante. Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com

eles. E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras? (vv. 13-32).

Essa passagem nos mostra que dois discípulos de Jesus caminhavam de Jerusalém para uma vila chamada Emaús. Era uma caminhada significativa — uns onze quilômetros — e, por isso, houve bastante tempo para conversa. Enquanto caminhavam, os dois discípulos discutiam os eventos recém-ocorridos em Jerusalém. Naquele momento, Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles, embora seus olhos estivessem “como que impedidos de o reconhecer” (v. 16). Jesus lhes perguntou: “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?”

Evidentemente, a pergunta os deixou perplexos, pois eles pararam de andar e pareceram entristecidos. Que momento admirável! Ali estava Jesus — o Senhor ressuscitado e vitorioso — em pé, bem ao lado desses dois discípulos; mas, apesar disso, eles se encheram de tristeza e olharam para o chão. A ironia neste acontecimento é profunda, não é? Os discípulos não teriam ficado tristes, se soubessem quem estava ao seu lado!

Depois de um momento, Cleopas, um dos discípulos, respondeu ao Senhor: “És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?” E, em seguida, descreveu mais especificamente: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram”. Nestas palavras, vemos a razão da tristeza deles: “Esperávamos que fosse ele

quem havia de redimir a Israel”.

Apesar disso, houve certos rumores naquele mesmo dia. Algumas das mulheres crentes estiveram no sepulcro de Jesus naquela manhã e retornaram dizendo que o sepulcro estava vazio e que elas também haviam tido uma visão de um anjo afirmando que Jesus ressuscitara. Disseram também ao estranho: “Alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram”.

Até onde os discípulos sabiam, esse era o fim da história. Todos os acontecimentos dramáticos ocorridos em Jerusalém naqueles poucos dias passados chegaram a um fim — o que, provavelmente, era a razão por que viajavam para Emaús. E o máximo que podiam dizer era que tudo havia terminado com uma dúvida: alguns rumores, alguma evidência circunstancial, alguns indícios e sinais, mas nenhum Jesus.

Depois disso, Jesus lhes dirigiu palavras

de repreensão, baseado no fato de que como judeus, como povo da aliança de Deus, eles tinham Moisés e os profetas e, por isso, deviam ter entendido mais do que entenderam naquele momento. Jesus disse: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!”.

Era como se Jesus dissesse: “Por que vocês estão confusos a respeito disso?”. “Vocês não leram a Bíblia?” E, começando por Moisés — ou seja, bem no começo do Antigo Testamento — e passando por todos os profetas, Jesus pregou a esses discípulos as verdades a respeito de si mesmo. E ensinou-lhes tudo que o Antigo Testamento tinha a dizer sobre ele mesmo.

Horas depois, quando Jesus partiu o pão, e eles finalmente o reconheceram, os dois discípulos compreenderam o que tinha acontecido com eles — o próprio Cristo ressuscitado os ensinara com base no Antigo Testamento. Por isso, disseram um ao outro:

“Não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?”

Ora, essa é uma pergunta incrível! Eis o milagre, o mistério e a majestade da pregação. Pessoas que ouviram a pregação da Palavra de Deus devem sair fazendo perguntas como essa ou como a que Deus falou a Moisés: “Algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo?” (Dt 4.33).

Isso é o que todos nós devemos desejar que aconteça. Contudo, isso é uma das maiores fraquezas de muito da pregação evangélica nestes dias. Nosso povo pode saber tanto e, ao mesmo tempo, não saber nada. Pode ter um estoque profundo de fatos e histórias bíblicos, mas, apesar disso, não saber absolutamente nada sobre a maneira como elas se harmonizam ou por que qualquer delas vai muito além da pequenina “moral da história”.

A abrangente história de Jesus

Além disso, as fábulas moralistas que alguns evangélicos ouvem de seus pastores, semana após semana, não evocarão o tipo de admiração que “arde o coração”, experimentada pelos dois discípulos na estrada para Emaús. Se tencionamos que as pessoas sintam esse tipo de estímulo quanto ao evangelho, elas precisam ouvir e conhecer a mesma história abrangente que Jesus explicou para esses discípulos.

“Começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas”, disse Lucas, “expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”. Cada texto simples das Escrituras aponta para Jesus Cristo. Ele é o Senhor de tudo e, portanto, o Senhor das Escrituras. Desde Moisés até aos profetas, Jesus é o foco de cada palavra da Bíblia. Cada versículo da Bíblia

tem o seu cumprimento em Jesus, e toda história da Bíblia termina com ele. Isto é o que o nosso povo precisa entender — a Bíblia não é um compêndio de histórias curtas e boas, e sim uma grande metanarrativa da obra de redenção de Deus que envolve a vida no mundo.

Toda vez que pregamos um texto da Escritura, somos responsáveis por esse texto. Temos de ler e explicar com exatidão ao nosso povo o que o texto significa e como se aplica à vida deles. Mas ainda temos outra tarefa, pois temos de pegar esse texto e colocá-lo dentro da história mais ampla da Escritura.

Uma das razões por que encorajo pastores a pregarem livros inteiros da Bíblia é que essa prática nos forçará a pregar textos que, de outro modo, jamais pregaríamos. Se reduzimos nosso ministério de pregação a “Destaques do Livro de Romanos”, podemos estar certos de que haverá partes de Romanos que não serão destacadas. De modo semelhante, se você considerar apenas as ênfases do Pentateuco,

pregará as histórias famosas, mas provavelmente deixará de lado o que as Escrituras têm a dizer por meio da maior parte de Levítico. Capítulo após capítulo a respeito de normas sobre os sacrifícios, ofertas, purificações, lavagens e coisas semelhantes não parecem, a princípio, produzir sermões bons e estimulantes. No entanto, tudo que diz respeito à pureza no sacrifício é uma parte crucial da história cristã. Apontava para o sacrifício final daquele que foi perfeitamente obediente, que derramou seu sangue para que pudéssemos ser perdoados de uma vez por todas. Jesus pagou tudo. Seu sangue nos torna limpos.

Essa é a razão por que o livro de Levítico é importante e por que precisamos pregá-lo, ainda que não seja cheio de histórias dramáticas. O nosso povo sente a seriedade e a gravidade do pecado que exigia normas e rituais detalhados? Sentem o alívio e a exultação de não terem de preocupar-se com o estarem ritualmente impuros? Pelo poder do

evangelho, não há ninguém que precise ser impuro e injusto aos olhos de Deus, pois os pecadores foram lavados de uma vez por todas no sangue do Cordeiro. Todos os textos da Bíblia — e não somente aqueles que conhecemos bem — proclamam o Senhor Jesus Cristo.

Desejo oferecer um esboço para considerarmos como textos bíblicos individuais se enquadram na grande história da Escritura. A linha de história bíblica consiste de quatro grandes movimentos que são absolutamente necessários: *criação, queda, redenção e consumação*. Sem esses quatro movimentos, não podemos entender a nós mesmos como seres humanos, nem o nosso lugar na obra de Deus. Com esses movimentos, podemos entender toda a amplitude da história da Escritura.

O primeiro movimento da história: a criação

Toda cosmovisão, toda metanarrativa tem um começo. Se temos de dizer algo significativo a respeito do mundo e para onde ele está indo, precisamos antes saber como ele começou.

Hoje, duas alternativas absolutas procuram explicar como tudo veio à existência, e as implicações dessas duas cosmovisões são todo-abrangentes. Primeiramente, há a explicação naturalista da origem do mundo, a afirmação evolucionista de que tudo que existe é apenas e meramente um acidente. Por outro lado, há o testemunho bíblico que declara: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. A divergência entre essas duas asseverações é imensa, tão imensa que, de fato, está além de nossa compreensão. Se cremos que Deus, o

Criador — o Onipotente e Onisciente —, criou o mundo e os seres humanos como o palco de sua glória, então, lidaremos com a vida de uma maneira bastante diferente do que se crêssemos que tudo que existe é mero acidente, que a matéria, o tempo e a energia produziram tudo isso por acaso.

A divergência mais importante entre a cosmovisão bíblica e a cosmovisão naturalista é o lugar dos seres humanos. Somos apenas algum tipo de acidente biológico em meio a um acidente cosmológico? Ou somos, como ensina a Escritura, as únicas criaturas feitas à imagem de Deus e, por isso, as únicas que possuem a capacidade de conhecer a Deus e ter um senso de responsabilidade para com ele? A maneira como você responde essas perguntas afetará tudo que você faz na vida — desde a sexualidade à santidade de vida, desde o propósito de nosso trabalho ao significado da própria vida. Esta é, literalmente, a mais importante, a mais básica e a mais fundamental

das perguntas: fomos criados para cumprir um propósito ou somos o produto acidental de um universo caótico?

Evidentemente, a resposta é que Deus criou tudo o que vemos, e nós mesmos fomos criados à imagem dele. Como portadores da imagem de Deus, entendemos que há um propósito inerente em nossa existência, um propósito maior e mais grandioso do que poderíamos imaginar. Entender esse começo e recordá-lo sempre ao nosso povo é parte crucial de nossa tarefa como pregadores. De uma maneira ou de outra, nosso povo precisa ser recordado, em cada sermão, que essa história tem um começo e que esse começo está completamente relacionado à glória de Deus. Este mundo possui dignidade e significado porque Deus o criou. Nós temos dignidade e significado porque Deus nos criou. E, mais, temos um status e um propósito especial no plano de Deus porque ele nos criou à sua imagem e determinou que essas criaturas

singulares — os seres humanos — o
conheceriam e o adorariam conscientemente.

O segundo movimento da história — a queda

O fato de que Deus criou o mundo não explica tudo que experimentamos. Logo depois da criação, descrita em Gênesis 1, lemos a história da queda, em Gênesis 3. Sem uma referência imediata à queda, não podemos entender nada a respeito de nós mesmos em nossa condição presente. De fato, a queda no pecado explica todo o sofrimento, toda a luta, toda a dor e todo o conflito em nossa vida. Entretanto, muitos pregadores evangélicos fazem tão pouca referência a isso, que nosso povo fica sem os meios necessários para entender sua vida e, o que é mais importante, sua profunda necessidade de salvação.

Sem um entendimento consistente a respeito da queda e de seus efeitos, as pessoas de nossas igrejas não podem entender sua vida

nem o mundo ao seu redor. Não podem entender o estado de corrupção da sociedade humana, nem compreender que a própria criação geme sob os efeitos do pecado.

Por que muitos cristãos têm a sua fé abalada por causa de um desastre natural? Por que eles fazem a pergunta: “Onde estava Deus?”, como se Deus tivesse cometido erros por permitir que a tragédia acontecesse? Por que tantos cristãos são levados ao desespero quando os governantes eleitos não produzem os resultados que eles esperavam ou quando a cultura continua sua marcha rumo à depravação, apesar dos melhores esforços dos cristãos? A razão é que esses cristãos não entendem a queda.

É claro, eles sabem a respeito de Adão e Eva e do fruto proibido. Ouviram a história sobre a serpente e como ela seduziu Eva a comer o fruto proibido; e sabem que, em seguida, ela o deu a Adão. Talvez saibam até um pouco sobre o que Deus falou quanto às

consequências, mas não entendem a importância, o significado catastrófico, desse pecado.

A queda não foi apenas um pecadinho individual. Ela mudou tudo. Quando o pecado entrou na experiência do cosmos, tudo foi afetado por ele. Assim, quando Deus pronunciou seu veredito contra Adão, ele disse que até a terra se tornaria hostil. Lutaria contra Adão, para lhe dar colheitas. Adão teria de trabalhar — arduamente — porque a terra não lhe daria espontaneamente seu produto.

Além disso, nas dores de parto, Eva seria lembrada da queda e de seu pecado. Até na gloriosa geração da vida haveria a pungente recordação da queda da humanidade. Por fim, devido ao seu pecado, Adão e Eva foram expulsos do Paraíso. O que Deus fizera para eles, e para nós, foi perdido. Estamos impedidos de vê-lo, impedidos de experimentá-lo, proibidos de comer da Árvore da Vida.

Antes, os seres humanos andavam com Deus na viração do dia e cultivavam alegremente um jardim criado para o deleite deles. Agora, porém, somos estranhos em uma terra hostil. Em vez de sermos criaturas que adoram a Deus na perfeição do Jardim do Éden, despídos e sem qualquer vergonha diante de Deus, agora estamos reduzidos a coser folhas de figos para tentar cobrir nossa nudez. Ficamos envergonhados porque não podemos olhar para nós mesmos sem entender que estamos maculados por uma corrupção profunda e ampla.

Realmente, essa é a única maneira pela qual podemos entender a nós mesmos, a única maneira pela qual podemos lidar com o que vemos no espelho. Se pensamos que somos bons em nossa essência, ou moralmente neutros, iludimos a nós mesmos. A queda explica por que somos o que somos, por que fazemos o que fazemos, por que escondemos o que escondemos. Explica por que a sociedade

humana é como ela é, por que o entretenimento é como ele é, por que os cônjuges são como eles são. Explica por que nossos filhos não precisam ser ensinados a respeito de como pecar e por que temos de trancar as nossas portas. Explica por que nunca estamos satisfeitos, nunca ficamos contentes, nunca estamos verdadeiramente em paz.

E, o que é mais importante, a queda explica por que somos espiritualmente mortos e por que merecemos ser. A condenação e o juízo eterno é a única resposta justa de um Deus santo à realidade do que somos e do que fazemos.

O Terceiro movimento da história — a redenção

Se ficássemos apenas na queda como o fim da história, o niilismo seria a única resposta apropriada. Comamos, bebamos e nos alegremos, porque amanhã morreremos. No entanto, há um terceiro movimento na linha de história da Bíblia: a redenção. O que não podíamos fazer por nós mesmos, Deus o fez. A fim de trazer maior glória para si mesmo, Deus agiu para salvar-nos de nosso próprio pecado.

Considerando em retrospectiva a história bíblica, reconhecemos agora que ela é uma história muito maior do que imaginávamos a princípio. Em redimir pecadores, Deus glorifica a si mesmo e proclama a sua santidade de uma maneira que jamais a teríamos conhecido, se o conhecêssemos apenas como Criador. Deus não é *apenas* o

nosso Criador; ele é o nosso Criador *e* o nosso Redentor!

Quando Paulo escreveu: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21), estava falando sobre uma reversão cosmológica que está muito além de qualquer coisa que possamos entender. Se o nosso povo pensa no evangelho como uma pequena história, na qual eles entram para tornarem-se amigos de Jesus e andarem somente com ele em um jardim; se não entendem quão imensa é a sua salvação do pecado, estamos roubando-lhes o evangelho.

Toda vez que pregamos, precisamos criar dissonância na mente de nossos ouvintes. Precisamos declarar nossa impiedade, nosso pecado e nossa incapacidade; e precisamos admitir francamente que não podemos resolver esse problema. Em seguida, proclamamos o evangelho. Mostramos ao nosso povo como Deus mesmo fez o que eles eram totalmente

incapazes de fazer. Nós lhes dizemos que o problema do pecado foi resolvido quando o imaculado Filho de Deus morreu na cruz como substituto por seu povo.

O movimento final da história

— a consumação

A redenção é tão universal como o pecado e seus efeitos. De fato, falhamos em pregar realmente o evangelho em sua impressionante abrangência, se não mostramos que Deus não somente redimirá pecadores, mas também criará novo céu e nova terra. Ele não está apenas restaurando o mundo ao paraíso do Éden; está criando algo que será mais sublime do que o próprio Éden. A consumação não é simplesmente um retorno ao ponto em que começamos. É Deus preparando para nós o que nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu, nem o coração humano jamais imaginou (1 Co 2.9).

A visão da consumação mostrada no final do livro de Apocalipse é maior do que o que Gênesis conheceu. O novo céu e a nova terra serão mais excelentes do que aquilo que Deus

declarou ser “muito bom”. Como pode ser isso? Como a nova criação poderá ser melhor do que a original, declarada muito boa? Será melhor porque a glória de Deus será demonstrada mais magnificamente.

Considere a progressão em Apocalipse 4 e 5. O apóstolo João escreveu, no capítulo 4, que seres viventes nunca cessam de dizer:

“Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir... Os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (vv. 8, 10-11).

Eles estão louvando a Deus como Criador.

No entanto, algo mais é acrescentado no capítulo 5. Quando o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, é revelado como Cordeiro que tem o poder de abrir o livro, os seres vivos e os vinte e quatro anciãos cantam uma nova canção: “Digno és de tomar o livro e de abri-lo os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra”. Nessa altura, eles louvam a Deus não somente como Criador, mas também como Redentor.

No Jardim do Éden, Adão e Eva conheciam certamente muitas canções que podiam cantar sobre a glória de Deus como Criador, mas não sabiam cantar “Digno é o Cordeiro!” Somos mais privilegiados do que Adão e Eva o foram no jardim. Podemos cantar: “Digno é o Cordeiro, que foi morto!”

Contando toda a história

Muitos de nosso povo estão morrendo de fome espiritual porque não conhecem toda a história da Bíblia e, por isso, não se acham na história. É verdade que eles sabem muitas pequenas histórias. Possuem uma bagagem cheia de fatos. Mas um pouco de conhecimento não significa todo o grande quadro.

Quando pregamos, precisamos apresentar cada texto em sujeição à grande história da Escritura. Quando você pregar, procure ajudar seu povo a conhecer o começo, o meio e o fim — a criação, a queda, a redenção e a consumação. Ao fazer isso, você mostrará ao seu povo o que eles são e para onde estão indo. Você os ajudará a incorporar suas pequenas histórias na grande metanarrativa de Deus e os ajudará a prosseguir com corações ardentes em direção à maturidade e a completude em

Cristo.

Queremos que o nosso povo deixe o evento da pregação fazendo as perguntas certas. Se a nossa pregação for insignificante, as perguntas deles também serão insignificantes. Se negligenciarmos a grande história — a metanarrativa do evangelho — eles ficarão satisfeitos com questões irrelevantes e sairão com pouco discernimento. Podem levar para casa um discernimento, uma história, um princípio ou, talvez, uma piada. Não devemos ficar satisfeitos com isso. Nossa ambição — nossa obsessão como pregadores — deve ser nada menos do que pregar de modo que a congregação veja a grande história do evangelho, a grande narrativa do evangelho, por meio de cada texto que pregamos.

Em outras palavras, devemos orar para que eles perguntem, devido ao poder da Palavra de Deus: “Não nos ardeu o coração, quando as Escrituras foram expostas?”

[1] Lyotard, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. p. xxiv.

O Pastor como Teólogo

Pregação e Doutrina

Todo pastor é chamado a ser um teólogo. Isso pode parecer uma surpresa para aqueles pastores que veem a teologia como uma disciplina acadêmica estudada durante o curso no seminário, e não como uma parte central e permanente da vocação pastoral. Entretanto, a saúde da igreja depende de que seus pastores funcionem como teólogos fiéis — ensinando, pregando, defendendo e aplicando as grandes doutrinas da fé.

Um dos mais notáveis desenvolvimentos

dos últimos séculos foi a transformação da teologia em disciplina acadêmica, mais associada com a universidade do que com a igreja. Nos primeiros séculos da igreja e, de fato, nos anais da história cristã, os principais teólogos da igreja eram seus pastores. Atanásio, Irineu e Agostinho eram pastores de igrejas, embora sejam respeitados como alguns dos primeiros grandes teólogos do cristianismo. De modo semelhante, os grandes teólogos da Reforma eram, na maioria, pastores, como João Calvino e Martinho Lutero. É claro que suas responsabilidades atingiam frequentemente um alcance maior do que as de um pastor normal, mas eles não podiam pensar no papel de pastor como algo destituído da obra essencial de teologia.

O surgimento da teologia como uma disciplina acadêmica coincide com o desenvolvimento da universidade moderna. De fato, a teologia era uma das três principais disciplinas ensinadas na universidade

medieval. Uma vez que a síntese medieval entre a natureza e a graça era entendida de modo comum, a universidade era sempre vista como que estando a serviço da igreja e de seus pastores.

O surgimento da pesquisa universitária moderna levou ao desenvolvimento da teologia como uma disciplina meramente acadêmica — e, por fim, à redefinição da teologia como “estudos religiosos” separados do interesse e do controle da igreja. Em muitas universidades, a secularização da erudição implicou que a disciplina acadêmica da teologia não tinha nenhuma conexão com o cristianismo nem com as afirmações essenciais da verdade.

Esses desenvolvimentos causaram grande dano à igreja, separando o ministério da teologia, a pregação da doutrina e o cuidado cristão da convicção. Em inúmeros casos, o ministério do pastor tem sido esvaziado de conteúdo doutrinário sério, e muitos pastores

parecem ter pouca conexão com qualquer senso de vocação teológica. Tudo isso tem de ser revertido, se a igreja quer se manter fiel à Palavra de Deus e ao evangelho. A menos que o pastor sirva como teólogo, a teologia é deixada nas mãos daqueles que, em muitos casos, têm pouca ou nenhuma conexão ou compromisso com a igreja local.

A vocação do pastor

A vocação pastoral é inerentemente teológica. Isso não pode ser diferente, visto que o pastor tem de ser aquele que ensina a Palavra de Deus e o evangelho. A ideia de pastorado como um ofício não-teológico é inconcebível à luz do Novo Testamento.

Embora essa verdade esteja implícita em toda a Escritura, ela é talvez mais evidente nas cartas de Paulo a Timóteo. Nessas cartas breves e poderosas, Paulo estabeleceu o papel de Timóteo como teólogo e afirmou que todos os pastores que eram colegas de Timóteo deveriam compartilhar da mesma vocação. Paulo encorajou enfaticamente Timóteo a ler, ensinar, pregar e estudar a Escritura. Tudo isso é essencialmente teológico, como Paulo deixou claro quando ordenou a Timóteo: “Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste

com fé e com o amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós” (2 Tm 1.13-14). Timóteo deveria ser um mestre de outros que também ensinariam. “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.2).

Quando Paulo terminou a segunda carta a Timóteo, ele atingiu um ápice de interesse ao ordenar-lhe que pregasse a Palavra, dando-lhe instruções específicas: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.2). Por quê? Porque “haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (vv. 3-4).

Além disso, Paulo definiu o dever de

supervisor ou pastor como alguém “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tt 1.9). Nesse único versículo, Paulo afirmou simultaneamente as facetas apologética e polêmica da vocação de pastor-teólogo. Como ele deixou claro, um pastor-teólogo deve ser capaz de defender a fé, quando identifica o ensino falso e realiza correções por meio da Palavra de Deus. Não existe vocação mais teológica do que esta: guardar o rebanho de Deus por amor à verdade de Deus.

De fato, não existe nenhuma dimensão da chamada pastoral que *não* seja profunda, inerente e inevitavelmente teológica. Não há nenhum problema que o pastor enfrentará no aconselhamento que não tenha um caráter especificamente teológico. Todas as principais questões no ministério possuem dimensões teológicas profundas e precisam de aplicação

teológica cuidadosa. A tarefa de liderar, alimentar e guiar a congregação é tão teológica como qualquer outra vocação imaginável.

A evangelização também é uma vocação teológica, pois o próprio ato de compartilhar o evangelho é, em resumo, um argumento teológico apresentado com o objetivo de que o pecador venha à fé no Senhor Jesus Cristo. Para que seja um evangelista fiel, o pastor tem de primeiramente entender o evangelho e a natureza da vocação de evangelista. Em todas as etapas de seu ministério, o pastor está lidando com questões que são irrefutavelmente teológicas.

E, mais importante ainda, pregar e ensinar a Palavra de Deus é teológico do começo ao fim. O pregador serve como um despenseiro dos mistérios de Deus. Ele explica as mais profundas e mais consistentes verdades teológicas a uma congregação que tem de ser armada com o conhecimento dessas verdades, para que cresçam como discípulos e enfrentem

o desafio de fidelidade na vida cristã.

Como muitos observadores têm comentado, os pastores de hoje são frequentemente empurrados em muitas direções ao mesmo tempo — e a vocação teológica é quase sempre perdida em meio aos interesses de um ministério que tem sido redefinido como algo diferente daquilo que Paulo tencionou para Timóteo. A revolução gerencial tem levado muitos pastores a se sentirem mais como administradores do que como teólogos, lidando com questões de teoria organizacional, antes mesmo de se voltarem às profundas verdades da Palavra de Deus e à aplicação dessas verdades à vida diária. O surgimento de interesses terapêuticos em nossa cultura significa que muitos pastores e muitos membros de suas igrejas creem que o ministério pastoral é mais bem compreendido como uma “profissão assistencial”. Sendo assim, o pastor é visto como alguém que funciona em um papel de terapeuta, no qual a

teologia é vista mais como um problema do que como uma solução.

Tudo isso é uma traição da vocação pastoral apresentada no Novo Testamento. Também é uma rejeição do ensino dos apóstolos e da admoestação bíblica concernente ao papel e às responsabilidades do pastor. Os pastores de hoje têm de resgatar e afirmar a vocação pastoral como inerente e estimulantemente *teológica*. Do contrário, os pastores não serão nada mais do que comunicadores, conselheiros e administradores de congregações que foram esvaziadas do evangelho e da verdade bíblica.

A concentração do pastor

Ser fiel a esta tarefa teológica exige, obviamente, pensar teológico intenso e autoconsciente, bem como estudo e concentração. Se a igreja tem de ser marcada por pregação fiel, adoração que honra a Deus e evangelização eficiente, o pastor deve concentrar sua atenção na tarefa teológica. Uma parte desse pensar é a habilidade de separar o que é mais importante, em termos de seriedade teológica, daquilo que é menos importante.

Isso é o que posso chamar de processo de *triagem teológica*. Como o sabem todas as pessoas que vão à sala de emergência de alguns hospitais, a enfermaria de triagem é costumeiramente o primeiro lugar para se avaliar quais pacientes necessitam de cuidado mais imediato. Um paciente que levou um tiro é atendido à frente daquele que teve uma

distensão no tornozelo. Isso é sensato para os médicos; e, de fato, ignorar esse senso de prioridade equivale à conduta médica imprópria! De modo semelhante, o pastor tem de aprender a discernir diferentes níveis de importância teológica. Em termos de importância, identifico três ordens distintas de doutrina.

Doutrinas da primeira ordem são aquelas fundamentais e essenciais à fé cristã. Os instintos do pastor-teólogo devem impedir todo comprometimento de doutrinas como a plena humanidade e deidade de Cristo, a doutrina da Trindade, a doutrina da expiação e doutrinas essenciais, como a justificação pela fé somente. Onde essas doutrinas são comprometidas, a fé cristã fracassa. Quando um pastor ouve uma afirmação de que não é necessário crer na ressurreição física de Cristo, ele tem de reagir com um instinto teológico que reconhece essa negação como uma rejeição do próprio evangelho.

Doutrinas da segunda ordem são aquelas doutrinas essenciais à vida da igreja e necessárias à ordem na igreja local, mas que, em si mesmas, não definem o evangelho. Isso significa que você pode detectar alguém que erra numa doutrina desse nível e ainda reconhecer que a pessoa envolvida em tal erro continua sendo um crente. Essas doutrinas estão diretamente relacionadas à maneira como a igreja é organizada e o seu ministério é realizado. Doutrinas dessa ordem incluem aquelas que estão mais intimamente relacionadas com a eclesiologia e a estrutura de sistemas teológicos. Por exemplo, os evangélicos batistas e pedobatistas discordam quanto a certas doutrinas vitais e importantes — mais crucialmente, se a Bíblia ensina que os filhos de crentes devem ser batizados. Contudo, ambos os grupos podem reconhecer um ao outro como genuínos cristãos, embora essas diferenças tenham implicações práticas imediatas que tornaria impossível o

funcionamento deles juntos em uma única congregação local.

Doutrinas da terceira ordem são aquelas que podem ser assunto de discussões e debates teológicos frutíferos, mas não ameaçam a comunhão da igreja local ou da denominação. Por exemplo, cristãos que concordam em um conjunto total de doutrinas e assuntos teológicos podem discordar em questões relacionadas à cronologia e sequência dos eventos relacionados à volta de Jesus. Todavia, esses debates, ainda que sejam importantes por causa de sua natureza bíblica e conexão com o evangelho, não constituem um fundamento para a separação entre os crentes.

Sem um senso correto de prioridade e discernimento, a congregação pode ser deixada a considerar toda questão teológica como um assunto de possível conflito ou, no outro extremo, a não ver nenhuma doutrina como digna de ser defendida, se isso torna possível algum conflito. A concentração teológica do

pastor estabelece um senso de proporção correto e uma estrutura mais ampla de referência teológica. Ao mesmo tempo, essa concentração na dimensão teológica do ministério também recorda ao pastor a necessidade de vigilância constante.

Nos momentos cruciais da história da teologia cristã, a diferença entre a ortodoxia e a heresia se fixou em uma única palavra ou mesmo uma única sílaba. Quando Ário argumentou que o Filho devia ser entendido como um ser de substância *semelhante* à do Pai, Atanásio percebeu corretamente que todo o evangelho estava em perigo. Como Atanásio levou fielmente a igreja a entender, o Novo Testamento ensina com clareza que o Filho é *da mesma* substância do Pai. No idioma grego, a distinção entre a palavra oferecida por Ário e a oferecida por Atanásio estava em uma única sílaba. Olhando ao passado, podemos agora ver que, ao reunir-se o Concílio de Nicéia em 325, o evangelho foi defendido e definido neste

ponto exato. Sem o papel de Atanásio como pastor e teólogo, a heresia de Ário poderia ter-se propagado sem confrontação, levando a jovem igreja a um desastre.

A convicção do pastor

Como teólogo, o pastor deve ser conhecido pelo que ensina, bem como pelo que sabe, afirma e crê. A saúde da igreja depende de pastores que infundem em suas congregações uma profunda convicção bíblica e teológica. E o principal meio de transferir essa convicção é a pregação da Palavra de Deus.

Teremos bastante dificuldade para definir qualquer atividade como inerentemente mais teológica do que a pregação da Palavra de Deus, visto que a pregação é um exercício na exposição teológica da Escritura. Igrejas que são alimentadas com nada mais do que “princípios” ambíguos extraídos supostamente da Palavra de Deus estão fadadas à imaturidade espiritual, que logo se tornará visível em comprometimento, complacência e

uma série de outros males espirituais.

Que outra razão o apóstolo Paulo teria para ordenar, em termos tão solenes e tão sérios, que Timóteo pregasse a Palavra? “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.1-2).

Como já vimos, essa passagem nos mostra o caráter inevitavelmente teológico do ministério. Nesses versículos, Paulo vinculou esse ministério teológico à tarefa de pregar — entendida como a suprema vocação do pastor. Como Martinho Lutero afirmou corretamente, a pregação da Palavra é a primeira característica distintiva da igreja. Onde se acha a pregação, ali se acha a igreja. Onde a pregação está ausente, ali não há igreja, não importando o que os outros possam dizer.

Se a Escritura é verdadeiramente

“inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Tm 3.16), então, é por meio da pregação expositiva da Palavra de Deus que o conhecimento bíblico é transmitido à congregação, e o povo de Deus é armado com profunda convicção teológica. Em outras palavras, a convicção do pastor quanto à pregação teológica se torna o fundamento para a transferência dessas convicções ao coração do povo de Deus. O agente divino dessa transferência é o Espírito Santo, que abre os corações, os olhos e os ouvidos, para entenderem e receberem a Palavra de Deus. Mas o pregador tem uma responsabilidade — ser claro, específico, sistemático e abrangente em expor a verdade bíblica que formará o entendimento bíblico da fé e da vida cristã.

A confissão do pastor

Tudo isso presume que o ministério pastoral está arraigado, primeiramente, na confissão de fé do próprio pastor — as convicções teológicas pessoais do pastor. O pastor fiel não ensina apenas aquilo que tem sido crido historicamente pela igreja e agora é crido pelos cristãos fiéis. Antes, ele ensina com base em sua confissão de fé pessoal. Não pode haver qualquer desconexão teológica ou senso de distância acadêmica quando o pastor apresenta uma visão teológica da vida cristã.

Toda pregação cristã verdadeira é pregação experiencial, colocada diante da congregação por um homem que tem profunda paixão teológica, convicções teológicas específicas e um desejo intenso de ver essas convicções compartilhadas por sua congregação. Essa é a razão por que a pregação fiel não pode

consistir meramente de apresentar um conjunto de opções teológicas à congregação. Em vez disso, o pastor deve manter-se pronto para definir, defender e fundamentar suas próprias convicções, extraídas de seu estudo cuidadoso da Palavra de Deus e de seu conhecimento do ensino fiel da igreja.

Mais uma vez, nosso modelo para esse tipo de confiança pastoral é o apóstolo Paulo. No Novo Testamento, o testemunho pessoal de Paulo está entrelaçado com sua própria teologia. Considere a análise retrospectiva de Paulo quanto às suas próprias tentativas de justiça humana, juntamente com sua aceitação resoluta do evangelho alicerçada tão-somente na graça. “O que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo”, disse Paulo.

Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo

Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.

Filipenses 3.8-11

Em outras palavras, Paulo não se escondeu atrás de algum senso de desconexão acadêmica das doutrinas que ele ensinava tão poderosamente. Ele também não apresentou à congregação em Filipos uma série de entendimentos alternativos da doutrina. Em vez disso, Paulo ensinou com transparência, defendeu seu argumento e deixou evidente que aceitara essas verdades como a essência de sua vida e de sua fé.

Na verdade, a natureza experiencial da confissão do pastor não implica, de modo

algum, que a autoridade da teologia está na experiência pessoal. Ao contrário, a autoridade tem sempre de permanecer na Palavra de Deus. No entanto, o caráter experiencial da vocação teológica do pastor não é insignificante. Salienta o fato de que o pastor está falando com base em um círculo de fé, como um crente fervoroso e comprometido, e não como uma pessoa distante, um mero observador.

Além disso, a confissão de fé do pastor e seu exemplo pessoal acrescentam tanto autoridade como autenticidade ao ministério pastoral. Sem isso, o pastor pode acabar parecendo mais um consultor de teologia do que um pastor fiel. A congregação tem de ser capaz de observar o pastor alicerçando sua vida e ministério nessas verdades, e não apenas ensinando-as no púlpito.

Em última análise, cada pastor está sob o mesmo mandato que Paulo deu a Timóteo: “Mantém o padrão das sãs palavras que de

mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós” (2 Tm 1.13-14). Em outras palavras, somos os despenseiros das sãs palavras e os guardiões do tesouro doutrinário que nos foi confiado no próprio âmago de nossa vocação pastoral. O pastor que não é um teólogo não é um pastor.

Mais Estranho do que Costumava Ser

Pregando a Uma Cultura Pós- Moderna

Uma preocupação comum está surgindo agora onde quer que os cristãos se reúnam: a tarefa de falar a verdade é mais estranha do que costumava ser. Nesta época, falar a verdade é uma tarefa árdua, e não para os desanimados. Os tempos são incrivelmente estranhos. O senso de estranheza se deve, pelo menos em parte, ao surgimento

da cultura e da filosofia pós-moderna, que talvez seja o movimento cultural e intelectual mais importante do século passado. Que diferença o pós-modernismo faz? Examine apenas os meios de comunicação e a cultura popular modernos ou considere os olhares fixos e os rostos sérios que pessoas lhe mostram quando você fala sobre verdade, significado e moralidade.

O pós-modernismo desenvolveu-se primeiramente entre acadêmicos e artistas, mas se espalhou rápido em toda a cultura. No nível mais básico, o pós-modernismo diz respeito à passagem da modernidade e ao surgimento de um novo movimento cultural. A modernidade, a cosmovisão predominante desde o iluminismo, foi suplantada pelo *pós-modernismo*, que dá continuidade a certos princípios e símbolos que eram centrais à era moderna, enquanto nega outros.

Muito da literatura pós-moderna não tem sentido — é difícil de ser entendida com

seriedade. Quando grandes figuras pós-modernas falam ou escrevem, a linguagem inarticulada resultante parece mais um teste de vocabulário do que um argumento bem fundamentado. Mas os pós-modernistas não podem ser descartados como insignificantes ou irrelevantes. Isso é assunto de preocupação não somente entre os eruditos e a vanguarda do movimento. Esse novo movimento representa um desafio sério à igreja cristã e ao cristão individual.

Na realidade, o pós-modernismo pode não ser um movimento ou uma metodologia. Devemos descrevê-lo melhor como um estado de espírito que se coloca à parte das certezas da era moderna. Esse estado de espírito é o âmago do desafio pós-moderno. Quais são as características do pós-modernismo? Esse novo movimento é útil à nossa apresentação do evangelho? Ou a era pós-moderna representa um grande afastamento da verdade cristã? Uma consideração das características básicas do

pós-modernismo pode ser proveitoso.

O Mundo pós-moderno: A desconstrução da verdade

Embora a natureza da verdade tenha sido debatida através dos séculos, o pós-modernismo virou o debate de cabeça para baixo. Enquanto no decorrer da História argumentos focalizaram-se em afirmações rivais quanto à verdade, o pós-modernismo rejeita a própria noção da verdade como fixa, universal, objetiva e absoluta.

A tradição cristã entende que a verdade foi estabelecida por Deus, sendo conhecida por nós mediante a auto-revelação de Deus na Escritura. A verdade é eterna, fixa e universal; a nossa responsabilidade consiste em ordenar nossa mente em harmonia com a verdade revelada por Deus e, em seguida, dar testemunho dessa verdade. Servimos a um Salvador que se identificou como “o caminho,

e a verdade, e a vida” (Jo 14.6) e exigiu que creiamos.

A ciência moderna, ela mesma um produto do iluminismo, rejeitou a revelação como fonte da verdade e pôs o método científico em seu lugar. A modernidade tentou estabelecer a verdade com base na precisão científica por meio do processo de pensamento e de investigação indutivos. Seguindo a direção dos cientistas, outras disciplinas tentaram também estabelecer a verdade objetiva por meio do pensamento racional. Os modernistas tinham confiança de que sua abordagem produziria verdades objetivas e universais por intermédio da razão humana.

Os pós-modernistas rejeitam tanto a abordagem cristã como a abordagem modernista quanto ao assunto da verdade. De acordo com a teoria pós-modernista, a verdade não é universal, não é objetiva, nem absoluta e não pode se determinar por um método aceito comumente. Em vez disso, os pós-

modernistas argumentam que a verdade é relativa, plural e inacessível à razão universal. Como diz Richard Rorty, filósofo pós-moderno, a verdade é *feita*, e não *achada*. De acordo com os desconstrucionistas, uma ala influente entre os pós-modernistas, toda verdade é construída socialmente. Ou seja, grupos sociais constroem sua própria “verdade” para servir a seus próprios interesses. E o que é “verdadeiro” para um grupo não é necessariamente “verdadeiro” para outro grupo.

Michael Foucault, um dos mais importantes teóricos pós-modernos, argumentou que todas as afirmações quanto à verdade são construídas para servir àqueles que estão no poder. Assim, o papel do intelectual consiste em desconstruir as afirmações quanto à verdade para libertar a sociedade. Portanto, o que tem sido entendido e asseverado como verdade, dizem os pós-modernistas, é realmente nada mais do que

uma estrutura conveniente de pensamento que tenciona oprimir aqueles que não têm poder.

A verdade não é universal, pois cada cultura estabelece a sua própria verdade. A verdade também não é objetivamente real, pois toda verdade é construída. Em outras palavras, ela é feita, e não achada.

Precisamos de pouca imaginação para perceber que esse relativismo radical é um desafio direto ao evangelho cristão. Não reivindicamos pregar uma verdade entre muitas verdades, um Salvador entre muitos salvadores, um evangelho entre muitos evangelhos. Não cremos que o evangelho cristão seja uma verdade construída socialmente, e sim a Verdade que liberta pecadores do pecado — uma verdade que é objetiva, histórica e universalmente verdadeira. Como instruiu Francis Schaeffer, a igreja cristã tem de contender pela “verdadeira verdade”

O mundo pós-moderno: A morte da metanarrativa

Visto que os pós-modernistas creem que toda verdade é construída socialmente, todas as apresentações da verdade absoluta, universal e fixa têm de ser resistidas. Assim, todos os grandes e expressivos relatos da verdade, significado e existência são deixados de lado como “metanarrativas” que afirmam muito mais do que o que podem provar.

Como já vimos, foi Jean-François Lyotard quem definiu o pós-modernismo como “incredulidade para com as metanarrativas”.^[1] Portanto, todos os grandes sistemas filosóficos estão mortos, todos os relatos culturais são limitados, e tudo que permanece são pequenas histórias aceitas como verdadeiras por grupos e culturas diferentes. Afirmações quanto à verdade universal — as metanarrativas — são

opressivas e “totalitárias” e, por isso, devem ser resistidas.

O problema nesse caso é que o cristianismo não tem sentido sem o evangelho — que é, certamente, uma metanarrativa. De fato, o evangelho cristão é a Metanarrativa de todas as metanarrativas. Para o cristianismo, abandonar a reivindicação de que o evangelho é universalmente verdadeiro e objetivamente estabelecido significa renunciar o cerne de nossa fé. O cristianismo é a grande metanarrativa da redenção. Nossa história começa com a criação realizada pelo soberano e onipotente Deus; continua na queda da humanidade no pecado e na redenção de pecadores por meio da obra vicária de Cristo na cruz e promete um destino eterno para toda a humanidade — os redimidos que viverão com Deus para sempre na glória, e os perdidos, em castigo eterno. Essa é a mensagem que levamos, uma metanarrativa que transforma a vida e o mundo.

Como cristãos, não apresentamos o evangelho como uma narrativa entre muitas narrativas verdadeiras ou apenas como a “nossa” narrativa juntamente com as narrativas autênticas de outros. Não podemos afirmar que a verdade bíblica é verdadeira tão-somente para nós. Nossa reivindicação é que a Bíblia é a Palavra de Deus para todos — uma afirmação que é bastante ofensiva à cosmovisão pós-moderna, que acusa de imperialismo e opressão todos que afirmam a verdade como universal.

O surgimento do pós-modernismo coloca diante do cristão a realidade inegável de que muitas pessoas não aceitam a ideia de que a verdade é absoluta ou de que textos escritos tenham um significado fixo. Todas as afirmações quanto à verdade — especialmente as afirmações quanto à verdade como universalmente válida — são confrontadas com suspeita ou algo pior. Isso apresenta ao crente uma atmosfera mudada para o falar a verdade

e um desafio intelectual genuíno.

O mundo pós-moderno: A morte do texto

Se a metanarrativa está morta, então os grandes textos das metanarrativas também estão mortos. Os pós-modernistas afirmam que é um erro atribuir qualquer significado a um texto ou mesmo ao autor do texto. É o leitor, dizem os pós-modernistas, quem estabelece o significado, e não há controles que limitem o significado que possa ser atribuído.

O falecido Jacques Derrida, um importante desconstrucionista literário, descreveu essa mudança em termos de “morte do autor” e “morte do texto”.^[2] O significado é criado pelo leitor no ato da leitura. De fato, o texto tem de ser desconstruído para que nos livremos do autor e o texto fique livre como uma mensagem libertadora.

Esse novo método hermenêutico explica

muito do debate corrente na literatura, na política, nas leis e na teologia. Todos os textos — seja a Escritura, seja a constituição dos Estados Unidos, sejam as obras de Mark Twain — estão sujeitos a criticismo e dissecação esotérica — tudo isso em nome da libertação. Todo texto, de acordo com os pós-modernistas, revela um subtexto de intenções opressoras da parte do autor e, por isso, tem de ser desconstruído. Esse é o argumento que está por trás de maior parte da interpretação contemporânea da Constituição americana, por parte de juízes, bem como por trás da apresentação de questões nos meios de comunicação e da fragmentação da moderna erudição bíblica. O surgimento de escolas de interpretação do feminismo, da liberação, do homossexual e de vários outros grupos de interesse é central a esse princípio pós-moderno.

A Bíblia também é sujeita à reinterpretação radical, frequentemente com pouca ou

nenhuma consideração pelo significado evidente do texto ou pela intenção clara do autor humano. Textos que são desagradáveis à mente pós-moderna são rejeitados como opressivos, patriarcais, heterossexistas, homofóbicos ou deformados por alguma outra tendência política ou ideológica. A autoridade do texto é negada em nome da liberação, e muitas interpretações ridículas e fantasiosas são celebradas como “afirmadoras” e, assim, “autênticas”.

Gene Veith, deão da Escola de Artes e Ciências na Universidade Concórdia, fala sobre um rapaz que afirmava ser cristão, professava a fé em Cristo e amor à Bíblia, mas também acreditava na reencarnação. Seu pastor confrontou essa crença na reencarnação por mencionar-lhe o texto de Hebreus 9.27. O texto diz: “Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo”. O jovem olhou para o pastor e disse: “Bem, essa é a sua interpretação”. O jovem se mostrou

indisposto a ser instruído e submeter-se ao texto bíblico. Em nome do pós-modernismo, qualquer coisa pode ser rejeitada como uma questão de interpretação.

É claro que a noção de “morte do autor” assume um sentido completamente novo quando aplicado às Escrituras, pois afirmamos que a Bíblia não é meras palavras de homens, e sim a Palavra de Deus. A insistência pós-modernista na morte do autor é inerentemente anti-sobrenaturalista e, em última análise, ateísta. A afirmação quanto à revelação divina é rejeitada como mais uma projeção de poder opressivo que tem de ser resistido.

O mundo pós-moderno: o domínio da terapia

Quando a verdade é negada, permanece a terapia. A questão crucial muda de “O que é verdadeiro?” para “O que me faz sentir bem?” Essa tendência cultural se desenvolveu durante as décadas passadas, mas alcançou proporções épicas nos últimos anos.

A cultura que confrontamos é quase totalmente submissa ao que Philip Reiff chamou de “triunfo do terapêutico”. Em um mundo pós-moderno, todas as questões revolvem, finalmente, em torno do ego. Assim, melhoria da autoestima é tudo que permanece como alvo da maioria das abordagens educacionais e teológicas, nas quais categorias como “pecado” são rejeitadas como opressivas e prejudiciais à autoestima. Abordagens terapêuticas são predominantes em uma

cultura pós-moderna constituída de indivíduos incertos quanto à existência da verdade, mas bastante certos de que nossa autoestima tem de permanecer intacta. Certo e errado são descartados como lembretes antiquados de um passado opressivo. Em nome de nossa própria “autenticidade”, rejeitaremos todos os padrões morais inconvenientes e substituiremos preocupação com o certo e o errado por afirmação de nossos direitos.

A teologia é, semelhantemente, reduzida a terapia. Todos os sistemas e abordagens teológicos são construídos com o objetivo reduzido a nada mais do que autoestima para indivíduos e grupos especiais. Essas teologias “sinta-se bem” dispensam a “negatividade” dos textos bíblicos ofensivos ou mesmo toda a Bíblia. Categorias como “perdição” e julgamento são descartadas e, em seu lugar, são construídas noções de aceitação sem arrependimento e integridade sem redenção. Não podemos saber (nem preocupar-nos) se

somos salvos ou perdidos, mas certamente nos sentimos melhores a respeito de nós mesmos.

O Mundo pós-moderno: o declínio da autoridade

Visto que a cultura pós-moderna é comprometida com uma visão radical de liberação, todas as autoridades têm de ser subvertidas, incluindo textos, autores, tradições, metanarrativas, a Bíblia, Deus e todos os poderes no céu e na terra. Toda autoridade é denunciada, desconstruída e lançada de lado, exceto, é claro, a autoridade dos teóricos e as figuras culturais pós-modernas, que empunham seu poder em nome das pessoas oprimidas em todos os lugares.

De acordo com os pós-modernistas, aqueles que estão em autoridade usam sua autoridade para permanecer no poder e satisfazer seus próprios interesses. Suas leis, tradições, textos e “verdade” são nada mais do que coisas planejadas para mantê-los no poder. Assim, o poder de líderes que governam é erodido, bem como a autoridade de professores, líderes de comunidades, pais e

ministros do evangelho. Por fim, até a autoridade de Deus é rejeitada como totalitária e autocrática. Os cristãos — especialmente os ministros cristãos — são vistos como representantes desta Deidade autocrática e têm de ser resistidos como autoridades. Doutrinas, tradições, credos e confissões — tudo isso tem de ser rejeitado e acusado de limitar a auto-expressão e de representar autoridade opressiva. Os pregadores são tolerados somente enquanto apresentam mensagens terapêuticas de melhoria da auto-estima, mas são resistidos sempre que injetam em seus sermões autoridade divina ou afirmações universais da verdade.

O mundo pós-moderno: a rejeição da moralidade

Ivan, no romance *Os Irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoievski, estava certo — se Deus está morto, tudo é permissível. O deus tolerado pelo pós-modernismo não é o Deus da Bíblia, e sim um conceito vago de espiritualidade. Não há tábuas de pedra, não há Dez Mandamentos... não há normas.

Moralidade, juntamente com outros fundamentos da cultura, é descartada pelos pós-modernistas como opressiva e totalitária. Um relativismo moral amplo marca a cultura pós-moderna. Isso não significa que os pós-modernistas relutam em usar linguagem moral. Pelo contrário, a cultura pós-moderna está repleta de discurso moral. Mas as questões de interesse moral são arbitrárias e, em muitos casos, representam uma reversão da

moralidade bíblica.

Considere, por exemplo, a questão da homossexualidade. O surgimento de estudos dos homossexuais e lésbicas em universidades, o aparecimento de poder político homossexual e as imagens homoeróticas comuns agora na cultura popular marcam uma inversão moral dramática. A homossexualidade não é mais considerada um pecado. É a homofobia que agora é identificada como pecado real, e as exigências de tolerância para com “estilos de vida alternativos” têm sido transformadas em exigências por *celebração* pública de todos os estilos de vida como moralmente iguais.

Michael Jones descreveu a modernidade como “comportamento sexual impróprio racionalizado”,^[3] e a pós-modernidade é a sua extensão lógica. Foucault, ao argumentar que toda moralidade sexual é um abuso de poder, tornou necessário que o pós-modernismo celebrasse o conceito de perversidade. Ele viveu e morreu dedicado a esse estilo de vida,

e sua profecia tem se cumprido nesta década. A própria ideia de perversidade se tornou perversa à cultura pós-moderna. Tudo é permitido.

Respondendo ao desafio do pós-modernismo

Como devemos lidar com a tarefa de pregação em face dessa confusão? Numa época em que a própria realidade da verdade é negada, em que a maioria das pessoas acha que seus problemas mais elementares se fundamentam em falta de autoestima e a escolha pessoal é a realidade que determina tudo, como devemos proclamar e defender um evangelho que declara às pessoas que elas são pecadoras e necessitam de um único Salvador?

Desejo argumentar que neste tempo crítico de transição cultural e intelectual, a tarefa de pregação tem de ser entendida como uma chamada apologética. Apologética — a tarefa de apresentar as afirmações da verdade do cristianismo e de argumentar em defesa da veracidade singular da fé cristã — tem de

instruir o entendimento de cada pregador quanto à sua tarefa numa época pós-moderna.

Em Atos 17.16-34, encontramos um modelo de proclamação da Grande Comissão associado com um argumento apologético — um argumento em defesa da verdade cristã. Nessa passagem, vemos Paulo falando no centro do ofício apologético no século I — Atenas. Atenas era a cultura mais intelectualmente sofisticada do mundo antigo, e nos dias de Paulo ela se deleitava em sua glória evanescente. Embora Roma tivesse preeminência política e militar, Atenas permanecia suprema em termos de influência cultural e intelectual. O âmago da visita de Paulo a Atenas foi a sua mensagem na corte de filósofos, no Areópago, também conhecido como Colina de Marte. Alguns críticos têm afirmado que a experiência de Paulo no Areópago foi um fracasso. Lucas a apresenta de outro modo, e nesse relato podemos aprender muito sobre a proclamação apropriada do

evangelho e a defesa da fé. Quando consideramos esse importante texto bíblico, vários princípios se tornam evidentes.

Primeiro, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna começa com um espírito instigado (At 17.16). Paulo observou a confusão espiritual dos atenienses e foi tomado de preocupação. A contemplação da cidade cheia de ídolos o encheu de tristeza, e essa tristeza resultou na proclamação do evangelho. Lucas relatou que Paulo experimentou *paroxismos*, em vista daquela confusão espiritual. Atenas era intelectualmente sofisticada — era a arena em que os filósofos mais famosos do mundo antigo haviam debatido. Era a cidade de Péricles, Platão e Sócrates. Mas Paulo não ficou impressionado com a glória passada. Ele viu homens e mulheres que necessitavam de um Salvador.

Esse texto nos recorda que uma apologética cristã apropriada começa com uma preocupação espiritual, e não com zombaria ou

esnobismo intelectual. Pregamos a Cristo não porque o cristianismo é uma filosofia ou cosmovisão superior, nem porque fomos bastante espertos em aceitar o evangelho, e sim porque encontramos o Salvador, fomos conquistados pelo evangelho e somos transformados pela renovação de nossa mente. Nossa pregação não é uma questão de orgulho espiritual, e sim de preocupação espiritual. O mundo está perecendo em confusão espiritual. Pergunto-me quantos de nós ficamos tão tristes como o apóstolo Paulo ficou em sua observação de Atenas. Olhando para a confusão espiritual de nossa cultura, temos experimentado o paroxismo do qual Paulo foi tomado?

Vivemos em uma nação cheia de ídolos de auto-realização, conforto material, salvação psicológica, êxtase sexual, ambição, poder e sucesso. Milhões de pessoas abraçam a espiritualidade da Nova Era em uma busca de realização pessoal e transcendência de si mesmas. O antigo paganismo de adoração da

natureza emergiu novamente, juntamente com práticas ocultas e esotéricas. Como observou o jornalista Walter Truett Anderson:

Nunca antes qualquer civilização tornou disponível ao seu povo tão grande miscelânea de realidades. Nunca antes um sistema de comunicação como a mídia contemporânea tornou informação sobre religião — todas as religiões — tão disponível às pessoas. Nunca uma sociedade permitiu que suas pessoas se tornassem consumidores de crenças e que as crenças — todas as crenças — se tornassem um mercado.^[4]

Os Estados Unidos, ele disse, se tornaram a “cesta de crenças do mundo”.

Receio que nos tornamos demasiadamente aculturados, bastante cegos e muito insensíveis ao paganismo e a todas as idolatrias que nos rodeiam. Traímos um nível de conforto que Paulo veria como escandaloso. Onde está a

impressionante compreensão de que milhões de homens e mulheres são escravos dos ídolos de nossa época? Onde está a coragem para confrontar esses ídolos?

Segundo, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna se focaliza na proclamação do evangelho (At 17.17). Comovido pelo fato de que a cidade estava cheia de ídolos, Paulo foi à sinagoga e à praça todos os dias, apresentando as reivindicações de Cristo e argumentando com gentios e com judeus. O alvo da pregação apologética não é vencer um argumento, e sim ganhar almas. Apologética separada de evangelização é desconhecida no Novo Testamento e estranha ao modelo oferecido pelo apóstolo Paulo. O grande missionário estava envolvido na obra de pregar o evangelho, apresentar as reivindicações de Cristo e exortar homens e mulheres a crerem no Senhor Jesus Cristo e serem salvos.

Para muitos evangélicos, o estudo da apologética é reduzido a estruturas filosóficas e

argumentos racionais. Esse não era o método de Paulo. Ele não estava interessado meramente na vindicação das afirmações da verdade; estava profundamente interessado na justificação de pecadores. Isso é outro lembrete do fato de que todo verdadeiro teólogo é um evangelista e todo verdadeiro evangelista é um teólogo. O evangelho possui conteúdo e apresenta reivindicações da verdade que exigem nossos argumentos mais perspicazes e proclamação mais ousada. Mas o cristianismo não é apenas uma verdade a ser afirmada. É o evangelho a ser recebido. Impelido por observação de ídolos, Paulo pregou Cristo e exigiu que cressem.

Terceiro, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna pressupõe um contexto de confusão espiritual (At 17.18-21). A proclamação do evangelho feita por Paulo trouxe confusão aos intelectuais de Atenas. Os epicureus, precursores dos modernos secularistas, e os estóicos, comprometidos com o racionalismo

panteísta, acusaram Paulo de ensinar coisas sem sentido.

A confusão caracteriza o entendimento espiritual da maioria das pessoas. Pesquisadores de opinião pública reportam com admiração grande número de pessoas que confessam crer em Deus mas vivem como ateístas. A grande maioria das pessoas professa ser cristã, mas não tem nenhum conceito da crença ou do discipulado cristão. Uma olhada rápida em volta de uma grande livraria revela algo sobre os contornos da confusão espiritual das pessoas. Livros sobre religião e espiritualidade são abundantes, mas são, em sua maioria, vazios de conteúdo. Você sabe que está em uma era de confusão quando um livro popular é intitulado *That's Funny, You Don't Look Buddhist: On Being a Faithful Jew and a Passionate Buddhist* (Isso É Engraçado, Você Não Parece um Budista: Como Ser um Judeu Fiel e um Budista Dedicado). Infelizmente, essa confusão invadiu também a igreja. Um

admirável número de cristãos dá lugar à crença na reencarnação, na mediunidade e outras manifestações espíritas.

Para os atenienses — e para muitas pessoas seculares modernas — a pregação do evangelho autêntico pareceu algo estranho. “Você traz coisas estranhas aos nossos ouvidos”, disseram os atenienses a Paulo. O pregador cristão ouve essa mesma resposta hoje. Na sociedade pós-moderna, o evangelho cristão é estranho em sua totalidade e em suas partes. Muitas pessoas imaginam que são boas e decentes e riem da noção de que são pecadoras contra Deus. A graça é também um conceito estranho à cultura moderna. O pecado é quase banido como uma categoria, a expiação vicária parece injusta, e Deus em carne humana é muito para ser admitido. Contudo, isso é o que nós pregamos.

Os atenienses e os seus turistas amavam gastar o tempo contando ou ouvindo novidades — mas o que Paulo pregava era

simples demais. As pessoas de hoje são como os atenienses em mais aspectos do que o sabem. Consumidores de significado, como o são de carros e roupas, as pessoas farão um teste experimental das novas espiritualidades e provarão toda uma nova série de estilos de vida. Para muitos, o evangelho é muito estranho, muito contracultural, muito proposicional, muito exclusivo. Contender pelo evangelho e pela moralidade bíblica nesta cultura significa correr o risco de ser intimado por “discurso ofensivo”. Temos de pressupor um contexto de confusão espiritual. E essa confusão é, em nossos dias, hostil. O evangelho parece não somente estranho, mas também ofensivo a algumas deidades locais.

Quarto, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna é dirigida a uma fome espiritual (At 17.22-23). A observação de Paulo o convenceu de que os atenienses eram pessoas religiosas. Falta de religiosidade não era o problema deles. De fato, a julgar pela estátua que Paulo

observou, os atenienses pareciam temerosos de não perder qualquer nova filosofia ou negligenciar qualquer deidade desconhecida.

A cultura americana é crescentemente secularista. O século passado viu a agenda dos secularistas se cumprindo nos tribunais, nas escolas, no comércio, nos meios de comunicação. Apesar disso, os americanos estão entres os povos mais religiosos do mundo. O vazio da sequidão secular assombra muitas pessoas pós-modernas. Elas anseiam por algo mais. Muitas pessoas declaram viver pela racionalidade científica, mas leem as previsões da astrologia, creem em abduções alienígenas, fazem filas para ver estátuas chorando sangue e conversam sobre as vidas passadas. Na América, alguns ateístas dizem que creem em milagres. O sociólogo Robert Wuthnow sugere que “os americanos são particularmente fascinados com manifestações miraculosas do sagrado porque estão incertos de que o sagrado desapareceu realmente”.^[5]

Paulo tomou conhecimento da plenitude de ídolos e casas de adoração que havia em Atenas. Ele até observou que os atenienses se precaveram de ofender alguma deidade que não se fizera conhecer. Paulo aproveitou a oportunidade. Trazido à corte no Areópago, ele se referiu ao altar que tinha visto como dedicado a um deus desconhecido. “Acontece”, disse Paulo, “que eu conheço aquele Deus. Portanto, aquele que vocês adoram em ignorância, esse eu lhes anuncio”.

Temos aqui, com certeza, um padrão para a pregação cristã numa era pós-moderna. Devemos procurar constantemente levar a fome espiritual à verdadeira comida do evangelho. Deus colocou essa fome nas pessoas perdidas para que elas desejem a Cristo. Somos despenseiros da proclamação do evangelho e, por isso, devemos reunir coragem para confrontar os pós-modernistas confusos com a realidade de sua ignorância espiritual. Paulo nunca permitiu que essa ignorância se tornasse

uma desculpa, mas não há dúvida de que ela é uma realidade. Os americanos estão se alimentando, frequentemente, de uma dieta falsa de superstição e mitos. A fome é o lugar para começarmos. Nosso desafio é pregar a Cristo como a única solução para essa fome.

Quinto, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna começa com a questão fundamental da natureza, caráter, poder e autoridade de Deus (At 17.24-28). Interessantemente, Paulo não começou com Cristo e a cruz, e sim com o conhecimento de Deus na criação. O Deus que criou o mundo não está procurando as colunas corintianas e o Partenon, argumentou Paulo. Ele não habita em templos feitos por mãos humanas. Ele é o autor da vida e nada precisa de nós. Além disso, ele fez a humanidade, sendo também o Senhor sobre todas as nações. Ele determina os tempos e os limites das nações. Os atenienses estavam parcialmente certos, disse Paulo, citando poetas gregos. Todos os seres humanos são filhos de Deus,

mas não no sentido em que os atenienses acreditavam. Ao proclamar a Deus como Criador, Governador e Sustentador de todas as coisas e todos os povos, Paulo afirmou algo que estava muito além das reivindicações das divindades gregas.

Paulo estabeleceu a sua pregação de Cristo no fundamento mais amplo do conhecimento do Deus da Bíblia, Criador do céu e da terra. É assim que devemos estruturar nossa proclamação do evangelho nesta era pós-moderna. As pessoas têm primeiramente de entender que Deus é o Criador, antes de entenderem que ele é o Redentor. João Calvino organizou sua teologia sistemática em função do que chamou de *duplex cognitio Domini* (conhecimento duplo de Deus). Temos de começar com o conhecimento de Deus como Criador, mas isso não é suficiente para salvar. “Uma coisa é saber que Deus, nosso Criador, nos sustenta por seu poder, nos governa por sua providência, nos alimenta por sua bondade

e nos dá todo tipo de bênção”, disse Calvino, “mas outra coisa é aceitar a reconciliação oferecida a nós em Cristo”.^[6] Ver as pessoas vindo à fé em Cristo, o Redentor, começa por vê-las encarando o fato de que Deus é o seu Criador.

Sexto, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna confronta o erro (At 17.29). Nesse sentido, pregação, apologética e polêmica estão todas relacionadas. O erro tem de ser confrontado. A heresia tem de sofrer oposição; e os falsos ensinamentos, corrigidos. Paulo foi ousado em corrigir os atenienses com uma exortação firme: não devemos ter pensamentos falsos a respeito de Deus. Os atenienses haviam feito ídolos de mármore e metais preciosos. Paulo reprovou essa prática e proclamou que o Ser divino não é semelhante a ouro, a prata ou a pedra. Além disso, Deus não é uma imagem trabalhada “pela arte e imaginação do homem”.

Falsas teologias também são abundantes

no mercado de ideias pós-modernas. Os americanos têm ressuscitado velhas heresias e inventado novas. Os mórmons creem que Deus é um ser celestial que tem um parceiro sexual. Os evangélicos místicos creem que o mundo é Deus — a chamada Hipótese Gaia. Os adeptos da Nova Era acreditam que Deus é capacitação infinita. A nossa cultura está cheia de imagens de deuses formados pela arte e imaginação do homem. Nossa confrontação tem de ser ousada e bíblica. Não temos o direito de tornar Deus à nossa imagem.

Sétima, a proclamação cristã em uma cultura pós-moderna afirma a totalidade do propósito salvífico de Deus (At 17.30-31). Paulo levou sua apresentação do evangelho a um clímax por exortar ao arrependimento e advertir sobre o juízo por vir. Ele proclamou Cristo como o Salvador designado que julgará o mundo e cuja identidade foi revelada claramente pelo fato de que Deus o ressuscitou dentre os mortos.

Não basta pregar a Cristo sem exortar as pessoas ao arrependimento e à fé. Não basta prometer as bênçãos do céu sem advertir quanto ao perigo do inferno. Não basta pregar a salvação sem mencionar o julgamento.

A pregação cristã autêntica tanto declara como defende todo o evangelho. O centro de nossa proclamação é Jesus Cristo, o Salvador, que foi crucificado pelos pecadores, foi ressuscitado pelo poder de Deus, virá novamente em glória e, agora mesmo, está assentado à direita de Deus, o Pai todo-poderoso. Temos de defender a verdade da divindade de Cristo, o nascimento virginal, a historicidade dos milagres, a veracidade da encarnação, a realidade de sua morte vicária, a certeza de sua ressurreição corporal. Entretanto, não ousamos parar nessas afirmações, pois temos de colocar a pessoa e a obra de Cristo no contexto do eterno propósito de Deus, de salvar um povo para a sua glória e exaltar a si mesmo entre as nações. A tarefa de

pregar neste contexto pós-moderno é ampla, assim como é motivada pelo desejo de ver pecadores convertendo-se a Cristo pela fé.

O mundo pós-moderno não necessita de meio-evangelistas que preguem um meio-evangelho para o meio-convertido, resultando em uma igreja de meio-coração. O que precisamos é de uma geração de pregadores-apologistas ousados e corajosos em benefício do século XXI — homens que serão, para todo o mundo, testemunhas do poder do evangelho e proclamarão todo o desígnio de Deus.

[1] Lyotard, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1984. p. xxiv.

[2] Ver, por exemplo: Derrida, Jacques. *Of grammatology*. Trans. Gayatri Chakravorty Spivak. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

[3] Jones, E. Michael. *Degenerate moderns: modernity as rationalized sexual misbehavior*. San Francisco: Ignatius

Press, 1993.

[4] Anderson, Walter T. *Reality isn't what it used to be*. San Francisco: Harper and Row, 1990. p. 188.

[5] Wuthnow, Robert. *After heaven: spirituality in America since the 1950s*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2005. p. 139.

[6] Calvin, John. *Institutes of the christian religion, vol. 1*. Ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles. Philadelphia: Westminster Press, 1960. p. 40.

A Urgência da Pregação

Uma Exortação aos Pregadores

O puritano Richard Baxter comentou certa vez: “Preguei como se tivesse certeza de que nunca mais pregaria. Preguei como um homem prestes a morrer para pessoas que estão morrendo”.^[1] Cada geração de pregadores é confrontada com novos desafios, tanto intelectuais como espirituais. Para Baxter, o desafio era um mundo ainda se organizando depois do tumulto da Reforma e começando a experimentar a revolução intelectual do

Iluminismo. Para nós, o desafio é algo diferente — um mundo pós-moderno em que a verdade tem sido desconstruída, a terapia reina, a autoridade e os textos foram descartados e a moralidade foi substituída por maneiras de pensar terapêuticas.

No entanto, embora enfrentemos desafios diferentes em uma época diferente, a necessidade de ouvir o evangelho de Jesus Cristo por parte do mundo é tão urgente hoje como o era nos dias de Baxter — ou de Lutero, ou de Agostinho, ou de Paulo. Os desafios que enfrentamos agora podem ser diferentes, mas o senso de urgência em nossa pregação não pode ser diferente. Cada um de nós tem de pregar como um homem prestes a morrer para pessoas que estão morrendo.

Como em muitos outros aspectos, o apóstolo Paulo é um modelo para o tipo de urgência que deve caracterizar os pregadores cristãos. Talvez isso não seja mais evidente do que na epístola à igreja em Roma. Como

muitos cristãos já ressaltaram durante os séculos, a Epístola aos Romanos é uma exposição magnífica do evangelho de Jesus Cristo. Mas é uma exposição que pulsa com urgência. Paulo não estava estabelecendo uma ideia que visava ganhar a “consideração diligente” das pessoas. Ele estava pregando uma mensagem que significa a diferença entre vida e morte.

Pregamos com urgência...

Vejo na Epístola aos Romanos pelo menos três razões por que Paulo pregava com um senso de urgência: primeira, os pecadores necessitam desesperadamente de salvação; segunda, o evangelho que pregamos é o único meio de salvação; terceira, os pecadores não ouvirão e não crerão se não pregarmos para eles.

... porque os pecadores necessitam desesperadamente de salvação

Já no primeiro capítulo de Romanos, Paulo explicou por que as pessoas precisam tanto da salvação — porque elas estão sob a ira de Deus: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1.18).

Com essa afirmação, Paulo nos conduz ao assunto mais politicamente incorreto em todo o Novo Testamento — a ira de Deus. Se há uma doutrina cristã que é mais uniformemente rejeitada por um mundo pós-cristão e pós-moderno, é a doutrina da ira de Deus. A ideia sobre a ira de Deus é tão repulsiva, que muitas igrejas e teólogos têm procurado negá-la completamente. “Afirmar que Deus tem ira é uma incompreensão”, dizem eles. “O pecado

não é realmente o problema. Deus é mais como um vovô indulgente que deseja que seus netos vivam bem uns com os outros. Não existe ira nenhuma ou, se existe, não é nada mais do que as consequências naturais de nossas ações egoístas. Deus mesmo não reage com ira.” Se isso é verdade, a urgência do evangelho é abrandada consideravelmente; mas isso não é verdade. E aqueles que argumentam que Deus não reage com ira à humanidade pecaminosa devem ler a Bíblia com mais atenção. O evangelho de Jesus Cristo nos revela a ira de Deus.

Parte do problema é que tendemos a antropomorfizar a Deus, a torná-lo mais semelhante a nós e a projetar nele as nossas imperfeições. Por isso, recuamos ante à ideia de Deus ser “irado”. Quando experimentamos ira, ela é geralmente algo que apenas se avoluma em nosso íntimo. Às vezes, é indignação justa; às vezes, ira injusta. Mas, de qualquer maneira, a ira é uma resposta

emocional ocasionada em nós por um acontecimento inesperado. A ira de Deus é diferente. A Bíblia define a ira de Deus como a sua firme oposição ao pecado. Isso significa que a ira de Deus não é algo que apenas se avulta no íntimo dele, depois de observar o pecado humano. Antes, a ira de Deus é uma manifestação constante de seu caráter santo, uma determinação fixa de que ele deve punir e punirá o pecado.

Para muitos em nossos dias, a ideia de que Deus pune o pecado é tão estranha como a ideia de que ele sente ira. Para muitas pessoas, o pecado não é mais uma ofensa; e, quando a palavra é usada — quer nas propagandas, quer na literatura, quer na música — ela significa muito frequentemente algo como “diversão que você não quer, realmente, que ninguém saiba que você está tendo”. Contudo, Paulo não podia ser mais claro em descrever a natureza e os efeitos do pecado humano; e o quadro que ele pintou é grotesco:

Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes.

Romanos 1.21-28

Observe como Paulo descreveu o pecado da humanidade e a rebelião contra Deus como uma série de mudanças insanas. Eles “*mudaram* a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” (v. 23). “Eles *mudaram* a verdade de Deus em mentira” (v. 25). E “as mulheres *mudaram* o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza” (v. 26). O que vemos nisso é a total impiedade do pecado. Diante da escolha entre a obediência e a desobediência, escolhemos desobedecer. Confrontados com uma escolha entre o Deus vivo e verdadeiro ou os ídolos, escolhemos os ídolos. Forçados a escolher entre submissão à autoridade de Deus e as reivindicações ridículas de nossa própria autonomia, escolhemos a autonomia pessoal.

Paulo enfatizou nesta passagem a corrupção da sexualidade humana como uma

manifestação primária da rebelião da humanidade contra Deus. O que Paulo descreve, com muita realidade, clareza e honestidade, é um padrão de perversão sexual. Tanto homens como mulheres mudam a ordem sexual tencionada por Deus em favor de uma paixão intensa e perversa por pessoas do mesmo sexo. Mas a perversão sexual é apenas o começo, porque o ensino de Paulo é mais abrangente do que simplesmente afirmar a pecaminosidade da homossexualidade — embora ele faça isso de modo inquestionável. Seu alvo era acusar de pecador cada ser humano no mundo e ressaltar que o pecado e a rebelião não é a história apenas de uma parte da humanidade, mas de toda a humanidade. Homens e mulheres são igualmente “cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade”. Em seguida, Paulo citou os pecados de todos os homens e mulheres: “Inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de

Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, perversos, sem afeição natural e sem misericórdia” (Rm 1.29-31).

Nenhum de nós escapa desse veredito. Cada um de nós é acusado, detido, indiciado e condenado de nossa rebelião contra Deus. Como Paulo disse pouco depois: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23).

Quando o julgamento de Deus vier, não haverá desculpas para ninguém. Paulo disse claramente: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (Rm 1.19-20). No dia do julgamento, ninguém poderá dizer: “Eu não

sabia que não existia um Deus” ou: “Eu não sabia o que o Senhor exigia de mim”. Não haverá apelos de troca ou defesa. Toda boca se fechará, toda língua se calará, e todo o mundo será considerado responsável para com Deus.

Com muita frequência, ouço alguém dizer: “Você sabe, estou cansado de ouvir essa pregação sobre pecado, juízo e inferno”. Sinceramente, gostaria de saber que igreja essa pessoa frequenta, porque acho que esse tipo de pregação bíblica é muito rara hoje. Em muitos púlpitos, Deus se tornou o vizinho do lado, nosso grande companheiro cósmico ou o líder divino de nosso pequeno grupo, e não o Deus santo, de Abraão, Isaque e Jacó. Talvez a falta de urgência em tanta pregação hoje resulte da falta de entendimento quanto à terrível e infeliz condição da humanidade. O maior problema que os seres humanos enfrentam não é uma deficiência de auto-estima, e sim o fato de que nos rebelamos contra Deus, e ele, em sua santidade, nos chamará à horrível

prestação de contas por nosso pecado.

O evangelho contém necessariamente uma advertência urgente, porque a distinção entre aqueles que obedecem à sua chamada e aqueles que não lhe obedecem não é meramente uma distinção entre uma vida melhor e uma vida pior. É a diferença entre a vida e a morte. É uma distinção eterna, pois o custo da desobediência e o custo de não ouvir o evangelho é morte eterna.

Essa é a razão por que temos de pregar com a urgência de um homem que está prestes a morrer. É porque os seres humanos têm necessidade urgente de salvação. O tempo é curto, a ira de Deus é certa, e a eternidade pende na balança. Além disso, há para cada um de nós uma única maneira de sair desta condição infeliz: a salvação que Deus proporciona por meio do evangelho de seu Filho, Jesus Cristo.

... Porque o evangelho salva

Bem no início da Epístola aos Romanos, Paulo fez uma declaração que nos mostra por que ele estava disposto a suportar muitas coisas por amor ao evangelho. E também provê outra razão por que a nossa pregação jamais deve ser caracterizada por um senso de apatia ou indiferença. “Não me envergonho do evangelho”, disse Paulo, “porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16).

Paulo não se envergonhava do evangelho que pregava porque ele — e somente ele — é o evangelho que salva. Não há outro meio de salvação. No âmago da Grande Comissão de Jesus para a igreja, bem como no âmago de nossa chamada a pregar o evangelho ao mundo, está o entendimento de que há apenas

uma mensagem que salva. Há apenas um Salvador. A humanidade pode ser dividida de várias maneiras diferentes — por etnia, língua, níveis econômicos e educacionais —, mas a única divisão que terá importância eterna é a divisão entre aqueles que conhecem a Cristo e aqueles que não o conhecem.

No versículo seguinte (Rm 1.17), Paulo fez uma breve descrição de como o evangelho salva — um assunto que desenvolverei no restante deste livro: “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”. Quando Paulo falou sobre a “justiça de Deus”, temos sempre de pensar que ele queria transmitir dois ensinamentos. Primeiro, a expressão “justiça de Deus” se refere à justiça de Deus mesmo — sua justiça absolutamente perfeita e santa. Deus não é justo porque avalia muito bem de acordo com algum padrão externo de certo e errado. Ele é justo em sua própria natureza; e isso significa que sabemos o que é justiça — o que é certo e o

que é errado — somente porque o único Deus vivo e verdadeiro nos revelou seu caráter.

Segundo, ao usar a expressão “justiça de Deus”, Paulo pretendia significar a justiça que é imputada, ou creditada, ao crente em Jesus. A grande pergunta do evangelho é como Deus pode relacionar-se com seres humanos pecaminosos sem comprometer sua perfeita justiça. Evidentemente, uma das maneiras é derramar sua ira sobre nós, punindo-nos com justiça por causa de nossa rebelião contra ele. Mas, essa é a única maneira? Há alguma outra maneira pela qual ele pode perdoar nosso pecado, sem tornar-se cúmplice de nosso mal?

Em resposta a essa grande pergunta, o apóstolo mostrou-nos a cruz de nosso Senhor Jesus. “Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus”, escreveu Paulo.

A justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus

Cristo, para todos [e sobre todos] os que creem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Romanos 3.21-26

O que Paulo ensina nessa passagem maravilhosa é a maneira como Deus pôde perdoar nosso pecado sem comprometer sua justiça, por aceitar a morte de seu próprio Filho como um sacrifício pleno e final por nosso pecado. A palavra “propiciação”, no versículo 25, se refere a um sacrifício de expiação. Isso era o que Deus exigia como pagamento pelo pecado — um sacrifício pleno e infinito que seria equivalente ao infinito insulto cometido contra a sua santidade e glória, o insulto

representado pelo pecado humano.

Então, como Deus pôde perdoar o pecado sem violar sua própria justiça? Por exigir um sacrifício que seria igual ao insulto do pecado.

No entanto, a glória do evangelho cristão é não somente que Deus exigiu esse sacrifício, mas também que ele mesmo o proveu. “Deus propôs” a Jesus Cristo, disse Paulo, “como propiciação... no seu sangue, mediante a fé”. Deus exigiu um sacrifício, e ele mesmo proveu esse sacrifício na pessoa de Jesus Cristo. Ao morrer na cruz, Jesus pagou a penalidade exigida para os pecados de todos os redimidos, a fim de que a justiça de Deus fosse revelada, e ele pudesse ser, simultaneamente, “justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus”. Você percebe? Só existe uma mensagem que explica como isso poderia ser possível — a mensagem das boas-novas da encarnação, morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Não é surpreendente Paulo ter dito que não se envergonhar do evangelho!

No entanto, a beleza da história do evangelho não é a única razão por que Paulo pregava com tanta urgência. Ele o fazia também porque era convencido de que o evangelho faz o que diz — ele salva! O apóstolo escreveu isso em Romanos 10, quando explicou a obrigação premente dos judeus de crerem em Cristo:

Porém, que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?

Romanos 10.8-14

Esse evangelho de Jesus Cristo, disse Paulo, é uma mensagem que traz consigo uma promessa: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”. Isso não é apenas uma esperança; é uma promessa segura. Todo aquele que invocar o nome do Senhor *será salvo*. Essa passagem significa exatamente o que ela diz. Significa que todo aquele que responder com fé à mensagem do evangelho será salvo.

Essa promessa é o que alimenta a nossa confiança em pregar o evangelho. Você imagina o que teríamos para dizer, se não tivéssemos essa verdade? “Há uma probabilidade razoavelmente boa de que, se você crer, será salvo.” Ou: “Você terá de usar as suas chances — mas é uma boa aposta!” Nessa passagem de Romanos, não há nada dessas dúvidas ou equívocos, nada, exceto a promessa simples e direta da parte de Deus. Se você crer,

será salvo.

Além disso, essa não é uma promessa feita apenas a algumas pessoas. É uma promessa universal — *todo aquele* que crer será salvo. Essa era uma ideia difícil de ser assimilada por alguns cristãos da igreja em Roma. Eles podiam entender facilmente como a promessa de salvação podia ser feita aos judeus. Afinal de contas, eles eram o povo de Deus — a nação que ele resgatara do Egito, dera-lhe a lei e levara à terra da promessa. O problema estava no fato de que os judeus achavam que a promessa de salvação era somente para eles; e essa era a ideia que Paulo se empenhava para refutar. “Não há distinção entre judeu e grego”, insistiu Paulo, “uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam” (Rm 10.12). O evangelho de Jesus é para todos. Tanto judeus como gregos são igualmente necessitados da salvação, e a promessa do evangelho é oferecida a ambos.

Assim como alguns membros da igreja do

século I tiveram dificuldades para entender essa ideia, assim também algumas pessoas de nossos dias têm dificuldades para assimilá-la. Essa é a razão por que precisamos lembrar-nos frequentemente daquele glorioso quadro no livro de Apocalipse, de pessoas de toda língua, tribo, povo e nação diante do trono de Deus. Nosso Deus ama idiomas, e o fato de que a humanidade consiste de muitas culturas diferentes reflete o desejo de Deus de ser adorado em muitas línguas, de muitas maneiras. Diante do trono de Deus, estarão reunidas pessoas falando toda língua imaginável — suaíli, híndi, inglês, alemão, russo e idiomas eslavos. Até idiomas que já desapareceram serão ouvidos novamente diante do trono de Deus; e todos declararão juntos que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai.

... Porque não haverá crentes se não pregarmos

Havendo destacado a gloriosa abrangência do plano de salvação de Deus, Paulo se voltou ao meio pelo qual Deus determinou realizar a salvação do mundo.

Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!

Romanos 10.13-15

Nessa passagem, Paulo delineou uma lógica de proclamação do evangelho, uma cadeia indestrutível de causa e efeito. Se todos que invocarem o nome do Senhor serão salvos, então é obvio que eles precisam crer naquele a quem invocarão. Mas é impossível que creiam em alguém de quem nunca ouviram falar; e nunca ouvirão se alguém não lhes falar — ou seja, se alguém não lhes *pregar*. Essa é a maneira como a igreja cumprirá a Grande

Comissão e verá o ajuntamento da grande multidão diante do trono de Deus. Se pregarmos o evangelho de Jesus, o mundo o ouvirá. E, quando ouvirem, alguns crerão em Jesus, invocarão o seu nome e serão salvos. O grande resumo de Paulo sobre essa chamada a pregar aparece em seguida: “Assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). A fé vem pelo ouvir a pregação, e o que as pessoas ouvem é a pregação da Palavra.

É importante reconhecermos que isso não se refere apenas a palavras entrando no ouvido. Jesus falou sobre isso na Parábola do Semeador e dos Solos, relatada em Mateus 13. Há pessoas que têm ouvidos físicos perfeitos, mas, apesar disso, não podem ouvir verdadeiramente a mensagem do evangelho. Por outro lado, há pessoas cujos ouvidos físicos não funcionam, mas, apesar disso, entendem e creem no evangelho quando este lhes é comunicado. Portanto, isso é, em última

análise, uma questão de ouvir com o coração; não é apenas ouvir os sons de várias palavras, e sim ouvir e receber a verdade do evangelho.

O privilégio do pregador

Ser um pregador do evangelho de Jesus Cristo é privilégio sublime! Nosso Senhor nos deu a honra, a vocação, a dispensação e a comissão de pregar um evangelho que salva a um mundo que necessita desesperadamente de salvação — e tudo isso para que Jesus seja adorado como Salvador em toda língua, de cada tribo, povo e nação.

Considerando o senso de urgência de Paulo expressado na Epístola aos Romanos, somos confrontados com um desafio inescapável. Cremos realmente que o mundo precisa ouvir a mensagem do evangelho? Cremos, de fato, que o evangelho salva? Cremos verdadeiramente que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus? Se cremos, então nossa mente deve se encher com o desejo urgente de pregar. Isso não é uma opção para

nós ou para a igreja. É nossa comissão.

[1] Baxter, Richard. *Poetical fragments*. New York: Gregg Division of McGraw-Hill, 1971. p. 30. Love Breathing Thanks & Praise.

Pregando a Ossos Secos

Um Encorajamento aos Pregadores

Desde que nosso Senhor estabeleceu a sua igreja, tem havido pregadores — muitos pregadores. Durante todos os seus séculos de existência, a igreja tem ouvido bons pregadores e suportado maus pregadores. Ela tem se gloriado nos pregadores fiéis e expressado tristeza pelos pregadores infiéis. Tem ouvido com atenção cativante os mestres de eloquência e tem-se admirado da loquacidade de tagarelas de púlpito.

Humoristas e gritadores, expositores e contadores de histórias, pregadores temáticos, pregadores evangelísticos, pregadores literários, pregadores de tendas, pregadores pós-modernos, pregadores que buscam atrair os interessados, pregadores famosos, pregadores infames — a igreja tem possuído todos eles.

Tudo isso deve ser equivalente a milhões e milhões de horas de pregação — e de ouvir. Desde o século I até agora, o ato de pregar representa um investimento massivo de tempo, energia e atenção humana. E com que propósito? Os milhões de horas de pregação... isso é importante? O pregador típico talvez pareça Martinho Lutero ou Charles Spurgeon no domingo, porém, muito frequentemente, na segunda-feira de manhã ele se sente como Salomão, em Eclesiastes: “Vaidade! Vaidade! Tudo é vaidade!”

A tarefa de pregar parece geralmente como um correr atrás do vento, e, muitas

vezes, simpatizamos com o pregador em Eclesiastes, que lamentou: “Aquilo que é torto não se pode endireitar; e o que falta não se pode calcular” (Ec 1.15).

Além disso, a obra de pregar tem uma maneira horrível de colocar alguém em problemas. Parece que, se alguém for bastante fiel na pregação, encontrará muito mais problemas. Você prega a Palavra, transmite a verdade das Escrituras, e a próxima coisa que experimenta é estar na primeira página do jornal ou assentar-se diante de um grupo de diáconos e presbíteros. E até a mocidade fica indignada com o que você disse.

Conflito e controvérsia são sempre desagradáveis, parece que estão quase sempre relacionados diretamente com a fidelidade na pregação. Quanto mais empenho você demonstrar em pregar com fidelidade a Palavra de Deus ao seu povo, tanto mais riscos correrá.

Às vezes, os pregadores são até excluídos e

exonerados de seus púlpitos. Essa é uma das realidades do ministério de pregação. Às vezes, a pregação da Palavra se depara com antipatia e resistência — até da parte dos membros da igreja. Por quê? Porque “a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12). Isso significa que Deus usa a Palavra para repreender e corrigir seu povo, sendo o pregador aquele que tem de transmitir essa palavra e colher a reação.

De fato, ousa dizer que, se você está em paz com o mundo, você abdicou da sua vocação. Você se tornou um pregador da corte para algum poder terreno, não importando quão inofensivo ele pareça. Em palavras simples, você foi comprado! Se não há controvérsia em seu ministério, talvez haja pouco conteúdo em sua pregação. O conteúdo

da Palavra de Deus é não somente vivo e eficaz; é também mais cortante do que qualquer espada de dois gumes. Isso significa que ela frequentemente realiza alguma cirurgia. Pela graça de Deus, essa cirurgia leva à cura, mas o corte sempre acontece primeiro; e isso leva à controvérsia.

Perseverando em nossa pregação

Talvez ninguém entendeu isso melhor do que o apóstolo Paulo, que, por fim, se tornou um mártir por causa do evangelho que ele pregava. Ao dar suas instruções finais a Timóteo, Paulo falou sobre estar sendo oferecido como libação, oferecido como um sacrifício. Os sofrimentos que Paulo suportou — açoites, apedrejamento, naufrágio — todos se consumariam em martírio.

Paulo se mostrou enfaticamente cômico da dinâmica sobre a qual ele falara. Como apóstolo, ele entendia a experiência real da pregação. Entendia a frustração e suportava-a. Todavia, como já vimos, parece que Paulo se regozijava na pregação, celebrava-a. Parece que Paulo entendia que todas as frustrações, conflitos, controvérsias e problemas da

pregação faziam parte da sua chamada e do caminho designado por Deus para que ele cumprisse essa chamada. Talvez Paulo estivesse dizendo: “Deixem que isso me aconteça. Fui criado para isso. Fui chamado para isso. É para isso que estou aqui. Aceitemos!”

Não pode ser somente uma determinação inflexível que nos fortalece para a obra vitalícia de pregação. Os riscos são elevados demais, e os perigos, sobretudo letais para esse tipo de fortalecimento. Em vez disso, nossa perseverança na tarefa de pregar tem de ser alicerçada na promessa de Deus de que, por seu próprio poder, ele tornará eficaz a pregação de sua Palavra. Foi por meio do profeta Isaías que Deus falou: “Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55.11). E Paulo confessou que, embora o evangelho fosse considerado loucura pelos que não creem, “aprouve a Deus salvar os que creem pela

loucura da pregação” (1 Co 1.21). Pregamos não porque chegamos à conclusão de que a pregação é o meio mais racional e eficiente de alcançar os perdidos, e sim porque Deus nos ordenou — e porque ele prometeu tomar aquilo que o mundo chamaria de loucura e usá-lo para salvar pecadores.

Uma parábola para o ministro moderno

Deus ministrou ao profeta Ezequiel uma incrível lição objetiva sobre esta verdade. A lição está registrada em Ezequiel 37. Essa passagem contém algo especificamente importante a dizer-nos sobre a nossa chamada para pregar o evangelho neste momento da história. De fato, creio que a história dos ossos secos nos apresentam uma parábola para o ministério em nosso tempo.

Veio sobre mim a mão do SENHOR; ele me levou pelo Espírito do SENHOR e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. Então, me perguntou: Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos? Respondi: SENHOR Deus, tu o sabes. Disse-me ele: Profetiza a estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR. Assim diz o SENHOR Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o SENHOR.

Então, profetizei segundo me fora ordenado; enquanto eu profetizava, houve um ruído, um

barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso. Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles; mas não havia neles o espírito. Então, ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso.

Então, me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados. Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu abrir a vossa sepultura e vos fizer sair dela, ó povo meu. Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o SENHOR, disse isto e o fiz, diz o SENHOR.

Ezequiel 37.1-14

Que texto incrível! E, sendo honestos, que história bizarra! O livro de Ezequiel está cheio de histórias como essa — imagens complexas,

linguagem severa, narrativa inesquecível — tanto que Ezequiel ganhou fama por suas coisas estranhas. Daniel Block, em seu comentário de dois volumes sobre Ezequiel, mostra como alguns eruditos têm procurado interpretar psicologicamente Ezequiel, a fim de descobrirem que tipo de homem tem visões como essas e faz coisas estranhas como as que Ezequiel fez. Block escreveu:

Não surpreendentemente, Ezequiel tem sido objeto de inúmeros estudos psicanalíticos. Enquanto os profetas eram conhecidos frequentemente por agir e falar erraticamente para cumprir propósitos retóricos, Ezequiel pertence a uma classe peculiar dele mesmo. A concentração de tantas características esquisitas em um único indivíduo não tem precedentes: a sua mudez, deitar amarrado e despido, cavar buracos nas paredes das casas, paralisia emocional em face da morte da esposa, viagens “espirituais”, imagens de criaturas estranhas que tinham muitos olhos e de coisas rastejantes, ouvir vozes e sons de água, sintomas de retraimento, fascinação com rostos e sangues, imaginação literária bizarra, cenas pornográficas, entendimento irreal, talvez surreal, do passado de Israel, e a lista poderia prosseguir.

Não admiramos que Karl Jaspers tenha achado em Ezequiel um caso incomparável para análise psicanalítica. E. C. Broome conclui que Ezequiel era um verdadeiro psicótico, capaz de grande percepção religiosa, mas exibia uma série de características diagnósticas: catatonia, conflito narcisista-masoquista, retraimento esquizofrênico, ilusões de grandeza e de perseguição. Em resumo, ele sofria de uma condição paranóica comum em muitos grandes líderes espirituais.^[1]

Block ressalta que a abordagem psicanalítica foi rejeitada, mas ainda há alguns que mostram uma fascinação psicológica por Ezequiel. Como observou Block:

D. J. Halperin atribui as características extraordinárias da profecia de Ezequiel a uma raiva inconsciente mas dominante contra as fêmeas, que ele percebeu como cruéis e poderosas, sedutoras e traiçoeiras, e uma raiva ainda mais profunda contra personagens masculinos por causa de algum abuso que ele sofrera quando criança.^[2]

Tudo isso falha totalmente em compreender Ezequiel. Eis a conclusão de Block:

Ninguém pode negar a singularidade do estilo de ministério de Ezequiel. Mas atribuir essa

singularidade a uma patologia que surgiu de abuso infantil e de um complexo de Édipo significa interpretar erroneamente a profundidade da mensagem de Ezequiel e a sensibilidade de sua personalidade. Suas experiências proféticas, suas ações simbólicas e seus oráculos resultaram de encontros com Deus que tiveram efeito em todo o seu ser, mas estavam todos relacionados diretamente com seu ministério. Aquilo que outros profetas falaram, isso Ezequiel sofreu. Ele era um homem totalmente possuído pelo Espírito Santo de Javé, chamado, equipado e envolvido pela mão de Deus. Ezequiel era um *veículo*, “sinal, presságio” que levava em seu corpo os oráculos que ele proclamava, redefinindo o ditado: “O meio é a mensagem”.^[3]

Ezequiel era isso — um pesadelo para a comissão de púlpito, mas, apesar disso, um profeta de Deus. Ele usou métodos não-convencionais em seu ministério. Teve visões originais, usou linguagem incomum e combinou tudo isso em um estilo singular. Ezequiel vivia em uma época sem precedente, assim como nós.

Se há uma figura bíblica que me ocorre quando penso em uma descrição apropriada

de nosso tempo, essa figura é o vale de ossos secos. Toda esta cultura, legada a nós como consequência e resquício da modernidade, é um vale de ossos secos. Nos aspectos intelectual, cultural, espiritual e relacional, vivemos em meio a um vale de ossos tão secos e mortos que nem mesmo estalam.

A visão de Ezequiel

Conforme lemos nos versículos 1 e 2, o Senhor chamou Ezequiel e o levou a um vale onde lhe mostrou uma visão notável — um vale de ossos secos, descritos no versículo 2 como “sequíssimos”. Antes de prosseguirmos, precisamos estar cientes da antiga preocupação dos hebreus quanto ao sepultamento de mortos. O corpo humano tinha de ser respeitado; e isso significa que os restos dos que haviam partido eram tratados com bastante cuidado. Tão grande número de pessoas mortas, tendo seus corpos expostos, seus ossos descobertos e ressecados no solo de um vale seria um sinal de destruição completa, morte total, desespero, degradação e derrota completa.

Nenhum quadro poderia comunicar mais vividamente à mente de Ezequiel a ideia de

morte, desespero e destruição do que um vale cheio de ossos secos. Além disso, Ezequiel teria sido lembrado imediatamente das maldições da aliança no Pentateuco. Moisés havia advertido ao povo:

O SENHOR te fará cair diante dos teus inimigos; por um caminho, sairás contra eles, e, por sete caminhos, fugirás diante deles, e serás motivo de horror para todos os reinos da terra. O teu cadáver servirá de pasto a todas as aves dos céus e aos animais da terra; e ninguém haverá que os espante.

Deuteronômio 28.25-26

Quando Moisés preparava os filhos de Israel para entrarem na Terra Prometida, ele lhes disse que, se obedecessem ao Senhor, seriam abençoados; nenhum exército seria capaz de levantar-se contra eles. Mas, se negassem o Senhor, desobedecendo-lhe e ignorando os seus estatutos, os juízos de Deus

viriam sobre eles, que se tornariam uma vergonha pública entre as nações. Seriam levados em completa destruição, seus exércitos seriam derrotados, e seus cadáveres, entregues como alimento às aves do céu. Outra vez, em Deuteronômio 28.36, Moisés disse aos israelitas: “O SENHOR te levará e o teu rei que tiveres constituído sobre ti a uma gente que não conhecestes, nem tu, nem teus pais; e ali servirás a outros deuses, feitos de madeira e de pedra”. E acrescentou: “Todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão, e te alcançarão, até que sejas destruído, porquanto não ouviste a VOZ do SENHOR, teu Deus, para guardares os mandamentos e os estatutos que te ordenou” (v. 45).

Ora, quando Ezequiel contemplou o vale de ossos secos, tudo isso já havia ocorrido. Os israelitas tinham sido levados em exílio à Babilônia, e seu rei fora destronado e colocado a serviço do rei dos caldeus.

A visão dos ossos secos não é menos

impressionante para nós do que o foi para Ezequiel. Como ele, vivemos numa época de morte espiritual. A rebelião da humanidade contra Deus progrediu tanto que a maioria não pode nem mesmo lembrar o Deus que resolveram menosprezar e desobedecer. Entre muitas pessoas desta cultura, o julgamento de Deus é visto na ignorância que elas têm quanto ao fato de que são ignorantes. Nossa cultura sobrevive do resíduo de uma cosmovisão cristã — uma cultura que agora acha que Deus é apenas um ótimo conceito.

Mesmo em nossas igrejas há muitos que exalam o aroma de morte. As estatísticas indicam que entre 70% e 80% de nossas igrejas mantêm estabilidade ou estão declinando em seu número de congregantes. E, o que é ainda pior, muitas igrejas estão em declínio e dissipação espiritual. Denominações inteiras estão em confusão e comprometimento ou algo pior. Sem vigor espiritual e destituídas de conhecimento e convicção bíblica, muitas de

nossas igrejas têm a palidez da morte. No aspecto espiritual, a nossa cultura tem perdido sua energia e vigor, tornando-se em nada — nada, exceto um vale de ossos secos, ressecados.

A pergunta de Deus e a resposta de Ezequiel

Morte é morte... não é? Ossos secos são ossos secos. Não têm vida, nem potencial para vida. Ninguém se depara com um vale de ossos secos e se acampa para ver o que acontecerá depois. Não há acontecimento seguinte. Nada vai acontecer... ou vai?

Em Ezequiel 37.3, o Senhor Deus faz uma pergunta a Ezequiel: “Filho do homem, acaso poderão reviver estes ossos?”

O que alguém faria com uma pergunta como essa? O Senhor havia trazido o profeta a esse lugar pavoroso, mostrara-lhe essa visão terrível — o solo árido e poeirento de um vale coberto de ossos tão mortos que nem mesmo os abutres circulavam sobre eles — e lhe pergunta, incrivelmente: “Filho do homem, acaso poderão reviver estes ossos?”

O que Ezequiel pensou naquele momento? É quase certo que ele sabia sobre os milagres realizados por Elias e Eliseu e a maneira como eles ressuscitaram mortos. Mas essas ressurreições de mortos envolveram corpos que estavam bem presentes — a carne ainda estava nos ossos, a vida acabara de partir, momentos antes o ar ainda enchia os seus pulmões. Esse caso de Ezequiel era completamente diferente. Ninguém podia dizer nem mesmo que osso estivera conectado a outro osso, nem quantos corpos aqueles ossos espalhados representavam. E Deus perguntou a Ezequiel: “Poderão reviver estes ossos?”

Como ele responderia? Com conjectura? Especulação? Imaginação? Covardia? Dúvida? Às vezes, toda a nossa teologia é exposta ao risco de fracasso por uma única pergunta? Imagine Jesus voltando-se para seus discípulos e perguntando: “Vós... quem dizeis que eu sou?” Para os discípulos assentados ao redor de Jesus, o mais importante de tudo se

concentrava na solidez daquela única pergunta e na resposta de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.15-16). Uma pergunta e uma resposta — certo ou errado, vida ou morte, esperança ou desespero. Pedro e João, diante do Sinédrio, disseram corretamente: “Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.19-20). Marinho Lutero expressou o mesmo sentimento, ao falar diante da Dieta de Worms: “Minha consciência está cativa à Palavra de Deus”.

Ezequiel compreendeu bem essa verdade — muito bem. Ele conhecia Deuteronômio 32.39, onde o Senhor diz: “Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saró; e não há quem possa livrar alguém da minha mão”. E respondeu a pergunta de um modo que mostrava sua completa confiança na soberania e santidade de Deus. Ele colocou o

assunto de volta nas mãos daquele que dá vida: “SENHOR Deus, tu o sabes”.

A resposta de Ezequiel representa confiança plena, associada com humildade e sabedoria. E, como tal, ela se torna um paradigma de como nós também devemos responder. Nesta época de confusão pós-moderna, morte espiritual, dissipação cultural e confusão eclesiástica, a pergunta também é dirigida a nós: “Poderão viver estes ossos?” Essa não é uma pergunta acadêmica para nós que desejamos pregar a Palavra de Deus. Se os ossos não podem viver, se Deus não pode instilar vida naquilo que está morto, a nossa pregação é vã. Contudo, semana após semana, quando subimos ao púlpito e pregamos o evangelho, dizemos pela fé, juntamente com Ezequiel: “Senhor Deus, tu sabes se esses ossos viverão”.

O sermão de Ezequiel

O que Deus exigiu de Ezequiel em seguida foi admirável: “Profetiza a estes ossos”. Mencionamos antes que Ezequiel teria sido o pesadelo de qualquer comissão de púlpito. Isso talvez seja verdade, mas essa congregação também seria o pesadelo de qualquer pregador! O Senhor estava chamando Ezequiel a se colocar de pé diante dessa multidão de ossos secos e pregar para eles, uma chamada que muitas pessoas diriam ser totalmente irracional. Pregador para ossos secos? Isso é loucura. Afinal de contas, ninguém espera que a vida surja da morte. No entanto, foi isso mesmo que o Senhor exigiu: “Profetiza a estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR”.

Ossos secos? Ouvir? Ossos secos ouvem?

Sim, às vezes eles ouvem. Mesmo em face

dessa exigência aparentemente irracional, Ezequiel pregou. Sua fé resultou em obediência, e ele pregou. “Então, profetizei segundo me fora ordenado”, disse Ezequiel. E acrescentou: “Enquanto eu profetizava, houve um ruído, um barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso”. Imagine o som desse barulho — osso se rejuntando a osso. Algo estava acontecendo, algo sem precedente, algo sobrenatural, algo miraculoso. Ezequiel prosseguiu: “Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles” (Ez 37.8). O que vemos aqui é a reversão do processo de decomposição, o desfazer do que havia acontecido nesse vale. Originalmente, havia um corpo cuja pele desaparecera; depois, a carne fora comida e os ossos se separaram. Mas, agora, os ossos se ajuntam, os tendões retornam a eles, e a carne reaparece.

Mesmo depois de tudo isso, Ezequiel viu que tudo ainda não estava certo. Ele disse:

“Mas não havia neles o espírito”. Havia indício de vida, mas não havia vida — um vale de corpos humanos, mas não havia espírito neles. “Então, ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso” (vv. 8-10). Assim, vemos o dom da vida, dado por Deus mediante o poder de sua Palavra.

Temos de ser cuidadosos para perceber o que Deus estava ensinando ao seu povo nessa profecia. O versículo 11 deixa isso claro: “Estes ossos são toda a casa de Israel”, ossos cuja esperança “pereceu”. Deus chamou Ezequiel para restaurar-lhes a esperança:

Profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó

povo meu, e vos trarei à terra de Israel. Sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu abrir a vossa sepultura e vos fizer sair dela, ó povo meu. Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabalecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o SENHOR, disse isto e o fiz, diz o SENHOR.

Ezequiel 37.12-14

Esses versículos falam sobre a esperança futura da ressurreição. Falam sobre a promessa de Deus, feita ao seu povo, de que ele lhes daria nova vida. É claro que essa profecia se realizou num momento específico da história de Israel e se dirigiu primeiramente a essa realidade — um tempo e um contexto diferentes do nosso. Mas, assim como toda passagem do Antigo Testamento, essa profecia se cumpre em Cristo. Em última análise, sua grande esperança não se limita a Israel como nação. Essa é a esperança da igreja — restauração e ressurreição por meio da pregação do evangelho de Jesus Cristo.

Quando examinamos o vale de ossos secos

em que vivemos, o Senhor Deus faz a cada um de nós a mesma pergunta: Poderão viver estes ossos mortos? E temos de dar uma resposta. O que você faz quando pastoreia uma igreja que não mais se lembra do que é uma igreja? O que acontece quando você chega em um campo de ministério, ou implanta uma nova igreja, e parece não haver vida? O que você faz em uma época de morte espiritual ou num lugar em que a morte da ambiguidade pós-moderna se estabeleceu?

Em nosso vale de ossos secos, há muitas igrejas que esqueceram seu primeiro amor e precisam desesperadamente de um novo sopro de avivamento e reforma. Muitas igrejas precisam de uma reafirmação da fé e uma recaptura da vida do evangelho. Esse é o nosso contexto presente, e temos de crer que o Senhor produzirá novamente, para a sua glória, vida da morte.

E o que é necessário para que isso aconteça? Não foi por acaso que o Senhor Deus

trouxe vida aos ossos mediante a pregação. “Profetiza”, ele disse a Ezequiel. “Pregar” - esta é a nossa vocação: pregar a tempo e fora de tempo, pregar até para ossos secos. Acima de tudo, essa história dos ossos dá testemunho do poder e da soberania de Deus. Ela nos recorda que Deus se deleita em produzir vida a partir da morte. De fato, essa é a essência do evangelho que pregamos. É a esperança de nossa vocação. Por conseguinte, permita que essa história o anime e o inspire. Permita que, ao mesmo tempo, ela o humilhe e o centralize novamente, tornando-o mais sério quanto à tarefa de pregar. Permita que ela acenda em você o desejo de ouvir o barulho e ver os ossos recebendo vida.

Pessoas me perguntam frequentemente: “Você tem esperança?” E a resposta é “sim”. Eu tenho esperança. Não sou otimista. Os cristãos não têm qualquer direito de ser otimistas, mas, ao mesmo tempo, *temos* o direito de ser esperançosos. O otimismo é a crença de que

tudo está se encaminhando para terminar de modo feliz. Por outro lado, esperança significa que conhecemos o Senhor, Deus de toda a criação, que se assenta no céu e governa todas as pessoas da terra. Conhecemos sua graça. Conhecemos sua misericórdia. Conhecemos sua santidade, seu caráter, seu amor. Acima de tudo, conhecemos o seu Filho e, por isso, vivemos com esperança.

Creio que este é um tempo importante para vivermos e um tempo importante para sermos pregadores do evangelho de Jesus Cristo. Em sua soberania, Deus nos colocou neste lugar, neste tempo. Ele nos deu este vale, cheio, sim, de ossos secos, mas cheio também de promessa incrível.

Sem dúvida, os desafios são grandes, e as frustrações são, às vezes, ainda maiores. Entretanto, não pregamos porque achávamos que isso seria fácil. Pregamos porque nosso coração está quebrantado pela morte e destruição espiritual que nos cerca, e porque

vemos a chama da esperança na pergunta que nosso Deus soberano, doador de vida, fez a Ezequiel e agora nos faz: “Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos?” E respondemos como o fez Ezequiel, com fé simples e profunda confiança: “SENHOR Deus, tu o sabes”.

[1] Block, Daniel I. *The book of Ezekiel*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998. p. 10.

[2] Ibid.

[3] Ibid. p. 11.

EPÍLOGO

Uma Paixão por Pregação

Charles Haddon Spurgeon

Em meados do teologicamente desacreditado século XIX, houve um pregador que tinha pelo menos 6.000 pessoas em sua igreja todo domingo. Durante vários anos, os sermões desse pregador foram telegrafados para Nova Iorque toda segunda-feira e impressos nos principais jornais do país. Ele ocupou o mesmo púlpito por quase quarenta anos sem diminuição no fluxo

abundante de sua pregação e sem jamais repetir a si mesmo ou pregar com indiferença.

“O fogo que ele acendeu e se tornou um farol que atravessou os mares e as gerações não era mero fogo de sensacionalismo, e sim uma chama intensa que resplandeceu e ardeu em corações firmes, alimentada pelas fontes da Palavra eterna. Era o milagre de uma sarça que ardia e não se consumia.”^[1]

Esse foi o comentário de Helmut Thielicke sobre o maior pregador da era vitoriana e um dos grandes príncipes do púlpito que serviram à igreja em determinada época: Charles Haddon Spurgeon.

Não exageramos ao dizer que Spurgeon era famoso em seus próprios dias: seu nome se tornou familiar em Londres antes mesmo de ele chegar aos vinte anos de idade. Sua popularidade continua até no século XXI. E seus escritos volumosos ainda estão entre os materiais de devoção e homilética mais vendidos atualmente. O que pode explicar esse

fenômeno? A era vitoriana se destacou como uma era de pregadores magníficos; e Londres — quando o império britânico estava em seu auge — foi o palco para muitos dos maiores ministros de púlpito na história da igreja. Contudo, Spurgeon permanece como o mais amplamente apreciado e influente pregador de seu século. Foi a sua paixão por pregação que o distinguiu para a bênção de Deus como pregador.

Urgência Espiritual

O contexto da vida de Spurgeon foi comum. Nascido em 19 de junho de 1834, em Kelvedon, no condado de Essex, Spurgeon era filho e neto de pastores congregacionais. O pai de Spurgeon, John Spurgeon, era o que se tornaria conhecido pelo nome de pregador bivocacional, servindo em um ministério amplamente itinerante. Mas o avô de Spurgeon, James Spurgeon, era um ministro congregacional bem conhecido. Charles passou grande parte de sua infância na casa pastoral de seu avô, em Stambourne, onde esteve exposto a uma devoção fervorosa e à grande biblioteca de teologia puritana do seu avô.

A família Spurgeon observou cedo um senso especial de urgência espiritual no jovem Charles, e a casa pastoral era um lugar saudável para Spurgeon se deleitar com

investigações precoces em teologia. O catalisador de seu desenvolvimento teológico foi a biblioteca de clássicos puritanos de seu avô. Em um sótão, Spurgeon gastou muitos dias da meninice na companhia de Richard Sibbes, John Owen, Richard Baxter e John Bunyan — especialmente Bunyan.

A intranquilidade de Spurgeon não cessou até 6 janeiro de 1850, quando ele se converteu durante uma reunião na Capela Primitiva Metodista, em Colchester. Seu testemunho sobre aquele dia foi em termos de um fardo removido. Como ele escreveria em sua autobiografia: “A carranca de Deus não está mais sobre mim. Agora, meu Pai sorri. Posso ver seus olhos, que expressam amor cativante. Ouço a sua voz, que está repleta de doçura. Estou perdoado! Estou perdoado! Estou perdoado!”^[2]. Spurgeon logo se uniu a uma igreja batista, impelido pela convicção do batismo de crentes, resultante de seu próprio estudo da Bíblia.

Em poucos meses, Spurgeon pregaria seu primeiro sermão, enganado por um velho amigo. Este lhe pediu que fosse a uma casa em Teversham no domingo seguinte, à noitinha, pois um rapaz iria pregar ali pela primeira vez e ficaria alegre em ter sua companhia. “Essa foi uma frase elaborada astuciosamente”, escreveu Spurgeon depois, “pois um pedido de ir e pregar teria sido rejeitado com uma negação resoluta, mas apenas fazer companhia a um bom irmão que não gostava de estar sozinho e talvez pedisse que eu cantasse um hino ou fizesse uma oração, isso não era uma coisa difícil. Mas o pedido, entendido dessa maneira, foi aceito com alegria”. Spurgeon contou a história:

A nossa Escola Dominical havia terminado. Tomamos o chá e saímos, passando por Barnwell, e mais à frente tomamos a estrada Newmarket. Eu estava acompanhado de um cavalheiro que era poucos anos mais velho do que eu. Conversamos

sobre coisas boas e, por fim, expressei o desejo de que ele sentisse a presença de Deus enquanto estivesse pregando. Ele pareceu assustar-se, assegurou-me que nunca pregara em sua vida e que não poderia tentar fazê-lo. Esperava que seu jovem amigo Spurgeon pregasse. Essa foi uma nova percepção da situação. E pude apenas responder que não era um pastor e, ainda que o fosse, estava despreparado. Meu companheiro repetiu, em um tom mais enfático, que *ele* não era um pregador e que *me* ajudaria em qualquer outra parte do culto; mas, não haveria sermão, se eu não lhes apresentasse um.

Orando a Deus enquanto caminhava pela estrada, Spurgeon resolveu fazer uma tentativa. “Parecia um grande risco e uma provação séria; mas, dependendo do poder do Espírito Santo, eu pelo menos contaria a história da cruz e não permitiria que as pessoas voltassem para casa sem uma mensagem.”^[3]

Aquela ocasião seria a prática e o selo de Spurgeon para o restante do seu ministério. No ano seguinte, Spurgeon foi chamado a

pastorear uma pequena igreja em Waterbeach, onde sua reputação logo se expandiu por todo o condado de Cambridge. Em 1853, sua reputação o levou ao púlpito da famosa Igreja Batista da Rua New Park, em Londres.

A Igreja Batista da Rua New Park já estivera entre as igrejas mais famosas e mais bem frequentadas de Londres. Alguns de seus pastores antecedentes foram Benjamin Keach, John Gill e John Rippon. O templo que cabia 200 assentos tinha apenas 100 quando Spurgeon chegou para pregar seu sermão como convidado. Em dezoito meses depois da chegada de Spurgeon, a congregação seria forçada a ir para o grande Exeter Hall, a fim de acomodar os milhares que vinham para ouvir seu pregador. A cena mudaria em 1861 para o recém-construído Tabernáculo Metropolitano, na região sul de Londres, onde Spurgeon atrairia uma congregação de não menos do que 6.000 pessoas durante 30 anos.

O ministério incomparável de Charles

Spurgeon desafia a elaboração de resumo, mas uma fonte homilética apresenta-o em termos claros: “Antes de chegar aos vinte anos de idade, uma importante igreja de Londres o chamou ao seu pastorado. Em dois anos, ele pregava para audiências de 10.000 pessoas; aos 22 anos ele era o pregador mais popular de seus dias. Quando ele tinha 27 anos, uma igreja que comportava 6.000 pessoas assentadas fora construída para acomodar as multidões que afluíam para ouvi-lo pregar. Por mais de 30 anos, ele pastoreou a mesma igreja sem diminuição de poder ou força de apelo”.^[4]

De fato, Spurgeon dominava o púlpito em seus dias como um Colossus. Seus cultos atraíam milhares, e seus sermões impressos chegavam às ruas em algumas horas depois de sua pregação. Ainda hoje, Charles Haddon Spurgeon está no topo de quase todas as listas dos mais influentes e mais famosos pregadores do mundo de fala inglesa. E, mesmo um século depois de sua morte, milhares de seus sermões

continuam sendo impressos e procurados. O que pode explicar o poder e a essência desse ministério?

Uma paixão pela exposição e proclamação

A característica definidora do ministério de Spurgeon era precisamente aquilo que falta em muitos púlpitos hoje — uma paixão pura pela exposição e proclamação da Palavra de Deus. A pergunta é: *essa paixão pode ser resgatada?*

Spurgeon era, precisamos admitir, um pregador particularmente eficiente. Sua voz era muitas vezes descrita como “ressonante” em seu efeito e entonação. De fato, sua voz era tão poderosa que podia ser ouvida com clareza por 20.000 pessoas sem amplificação. Spurgeon pregou para um total estimado em dez milhões de pessoas durante seu ministério — antes da invenção do rádio ou da televisão. Uma vez, quando testava a acústica do espaçoso Hall Agrícola de Londres, Spurgeon gritou: “Eis o

Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”. Um operário contou depois a Spurgeon que ouvira as palavras enquanto trabalhava nas vigas e fora levado à fé em Cristo. Como descrita por Harwood Pattison: “A voz dele era um órgão poderoso. Sua primeira nota, enquanto enchia de tranquilidade a sala mais ampla, era tão pessoal que cada um de seus ouvintes parecia ser especialmente abordado... Era um clarim em seu poder de despertar e precisava apenas de uma nota comovente para torná-la perfeita”.^[5] Mas a voz de Spurgeon, embora singular, não era o segredo do seu poder no púlpito. Vários outros teólogos da era vitoriana foram abençoados com voz poderosa e dom de inflexão.

O apelo popular da pregação de Spurgeon se devia, em parte, ao seu método singular de elaborar mensagens que eram, ao mesmo tempo, ricas em conteúdo e claras em apresentação. Spurgeon rejeitava a elegância

intelectual dos vitorianos aristocráticos e pregava com franqueza e linguagem popular. Ele usava ilustrações da vida cotidiana e de acontecimentos presentes, e não as alusões literárias comuns nos sermões da era vitoriana. Essa maneira de pregar teve impacto imediato em Londres, que estava faminta por pregação relevante. Um observador comentou: “Faz muito tempo que um pregador proeminente condescendeu em pregar com uma linguagem simples em inglês claro, livre das citações clássicas e de retórica sobrecarregada”.^[6] Spurgeon instruía seus alunos pregadores a lerem a Bíblia e os jornais lado a lado, sendo ele mesmo um exímio espectador de sua própria cultura. Os acontecimentos presentes, ele insistia, ilustram as verdades eternas.

O estilo popular de Spurgeon lhe granjeou tanto amigos como inimigos. Muitas das reações aconteciam nas diferentes classes sociais. Spurgeon se tornou popular em Londres quando a Revolução Industrial estava

em pleno domínio. Uma nova classe média de empresários, lojistas e gerentes estava surgindo. E essas pessoas achavam a pregação de Spurgeon persuasiva e compreensível. Elas afluíam aos cultos da igreja de Spurgeon, acompanhadas por representantes dos pobres e da aristocracia. Depois de observar o jovem Spurgeon, James Grant escreveu no *Morning Advertiser* que ele “tinha feito, evidentemente, de George Whitefield o seu modelo e, como aquele pregador incomparável, esse príncipe dos oradores de púlpito gosta muito de fazer apóstrofes”. Outros apreciavam menos a maneira como Spurgeon pregava. Pastores mais velhos e estabelecidos julgavam aquele jovem que surgira do nada como alguém mal instruído, pelo menos no que dizia respeito à literatura corrente e às referências clássicas. Caricaturas na imprensa popular retratavam Spurgeon como uma pessoa dinâmica e jovem que perturbava o conforto de oradores que se refugiavam no púlpito. Spurgeon era acusado

de usar táticas teatrais e manipulação. Contudo, ninguém menos do que Helmut Thielicke, que viu em primeira mão a propaganda e a manipulação nazista, inocentou Spurgeon desses métodos: “Charles Haddon Spurgeon... ainda era inconsciente dos artifícios da propaganda... Ele ministrava somente pelo poder da Palavra de Deus que criava seus próprios ouvintes e transformava almas”.^[7]

Spurgeon falava com franqueza incomum e fazia referências à vida cotidiana. O *Ipswich Express* descreveu a pregação de Spurgeon como “de sabor desagradável, vulgar e teatral”. Mas o estilo de Spurgeon era vulgar somente conforme os padrões dos aristocratas da era vitoriana. Para muitos dos habitantes de Londres, o que a aristocracia descrevia como “vulgar” eram as coisas da vida cotidiana. De sua parte, Spurgeon não se amedrontou: “Talvez eu seja vulgar, e coisas assim, mas isso não é intencional, exceto o fato de que eu devo

fazer e farei com que as pessoas ouçam. Minha firme convicção é que temos bastante pregadores educados e que ‘os muitos’ exigem uma mudança. Deus me admitiu entre os mais degradados e rejeitados. Que outros sirvam às suas próprias classes. Estes são os meus companheiros; e tenho de continuar para eles”.
[8]

Thielicke observou a “contemporaneidade” dos sermões de Spurgeon, enquanto reconheceu os “riscos homiléticos” que Spurgeon resolver assumir. “Os dogmáticos, os exegetas e os professores de teologia prática podem ser impelidos a fazer as suas revisões; os estetas podem ficar com raiva, e os estudiosos de liturgia, ultrajados, quando leem os sermões dele e ouvem o que ele fez. Os sacerdotes e os levitas sempre têm seus momentos mais difíceis em ouvir com simplicidade e sem preconceito.” Para Thielicke, a contemporaneidade era a glória, e não o escândalo, da pregação de Spurgeon.

“Esses críticos deveriam ver neste homem Spurgeon o pastor que estava disposto a permitir que sua túnica — incluindo a túnica clerical — fosse rasgada aos trapos por espinhos e pedras agudas, enquanto descia para buscar a ovelha perdida... Pregação com ‘contemporaneidade’ é impossível sem que a terra deixe suas marcas nas roupas de um homem”. Além disso, o humor de Spurgeon, disse Thielicke, era “sorriso pascal”, o sorriso que se expressa como um “modo de redenção porque é santificado — porque procede de uma vitória sobre o mundo...”^[9]

Poder de pregação alicerçado em convicção

O método homilético de Spurgeon, embora fosse revolucionário e eficiente, não era o fundamento de seu ministério, nem a fonte de seu poder, assim como não o era o som de sua voz. O verdadeiro fundamento de seu poder era a convicção cristã. Antes de ser um grande pregador, Spurgeon era um grande crente — um homem possuído de paixão profunda pela Palavra de Deus e o evangelho de Jesus Cristo. Por conseguinte, para Spurgeon pregar era, primeira e eminentemente, uma questão de convicção, antes que se desenvolvesse em comunicação. Enquanto os vitorianos minimizavam frequentemente a doutrina, e os tractarianos ensinavam sua teoria de “reserva” doutrinária, Spurgeon pregava um evangelho rico, com

conteúdo substancial e convicção resoluta. Nisso, ele foi considerado quase uma exceção, mas se apegou firmemente à sua fé bíblica, convicções calvinistas e apelo evangelístico.

“Pego o meu texto e faço uma linha direta para a cruz”, explicou Spurgeon. E essa sentença breve era, em resumo, seu método de pregação. Ele pregava frequentemente cinco ou sete sermões por semana, mas os sermões de domingo no Tabernáculo Metropolitano consumiam grande parte de suas energias na preparação. Durante a semana, ele procurava textos para os sermões de domingo, buscando-os em oração, leitura bíblica e conversa com amigos (em especial, com Susannah, sua esposa dedicada), a fim de achar o texto mais apropriado para os sermões de domingo. No sábado à noite, ele se isolava de amigos e parentes por volta das seis horas e permanecia em seu escritório até que sua mensagem do culto matutino estivesse em forma de esboço. Com base no esboço, Spurgeon pregaria uma

mensagem extemporânea que duraria entre 45 minutos e 1 hora, em média.

Spurgeon achava a identificação do texto a sua tarefa mais inquietante. E isso consumia muito de suas energias durante a semana. “Um homem que fica para lá e para cá de segunda-feira até sábado à noite, e sonha indolentemente que terá seu texto enviado por um mensageiro angelical nas últimas horas da semana, esse homem tenta a Deus e merece permanecer em silêncio no domingo”,^[10] ele advertiu. Sua luta é mostrada com clareza nesta passagem:

Tenho dito frequentemente que minha maior dificuldade é fixar a mente nos textos específicos que devem ser os assuntos do discurso no dia seguinte... Logo que a passagem conquista meu coração e alma, concentro nela toda a minha atenção, procuro o significado exato do original, examino atenciosamente o contexto, para verificar o aspecto especial do texto em seu contexto, e rascunho todos os pensamentos que me ocorrem a

respeito do assunto, deixando para um momento posterior o arranjá-los em ordem para apresentação aos meus ouvintes.^[11]

Mas, não importando qual fosse o texto — do Antigo ou do Novo Testamento — Spurgeon acharia um meio de chegar ao evangelho do Salvador na cruz. Esse evangelho era apresentado com a plena importância da expiação vicária e com advertências quanto ao castigo eterno, que pode ser evitado somente pela graça de Deus em Cristo.

A mensagem descomprometida de Spurgeon era ofensiva para alguns, mesmo na Inglaterra vitoriana. Alguns até resolveram admirar o ministério de pregação de Spurgeon, enquanto ignoravam ou menosprezavam sua teologia. Isso Spurgeon não permitiria. Como afirma Iain Murray: “A única maneira de lidar com a teologia de Spurgeon é aceitá-la ou esquecê-la. Creio que esquecê-la foi o que

aconteceu amplamente no século XX. E Spurgeon sem a sua teologia é tão distorcido como os bibelôs baratos retratando Spurgeon que foram oferecidos à venda pelos charlatões há mais de um século”.^[12]

O famoso pregador esteve envolvido em várias disputas teológicas sérias, indo de debates sobre a regeneração até à infame “Controvérsia do Declínio”, em seus últimos anos de vida. Em todas elas, ele tentou manter convicção evangélica clara, enquanto preservava o foco no evangelho. Ele resistia a qualquer comprometimento sobre a expiação vicária, a autoridade e a inspiração da Escritura, a punição eterna dos incrédulos, o pecado original e o caráter absoluto do cristianismo.

A falta de ênfase na expiação vicária que caracterizava muitos de seus contemporâneos inquietava Spurgeon, pois ele não via o evangelho genuíno numa pregação que se embaraçava com o testemunho bíblico do que

Deus fizera em Cristo em favor dos redimidos. Como ele disse: “Tenho sempre considerado, juntamente com Lutero e Calvino, que a essência e a substância do evangelho estão na palavra Substituição — Cristo assumindo o lugar do homem. Se entendo o evangelho, ele significa isto: eu mereço ser condenado para sempre; a única razão por que eu não devo ser condenado é esta: Cristo foi punido em meu lugar, e não há necessidade de executar a sentença duas vezes por causa do pecado”.^[13]

Spurgeon se preocupava com a função e a eficácia do sermão. Um estudante em sua famosa escola de pastores perguntou-lhe como poderia se focalizar mais claramente em trazer pessoas à fé. “Você espera por convertidos toda vez que prega?”, indagou Spurgeon. E o estudante replicou logo: “Claro que não”. Spurgeon retornou-lhe: “Essa é a razão por que você não tem nenhum”.^[14] Spurgeon fazia do conteúdo a sua preocupação primária, confiando que Deus usaria a sua mensagem

para penetrar o coração de seus ouvintes. “Os sermões devem conter ensino autêntico, e suas doutrinas devem ser firmes, substanciais e abundantes. Não subimos ao púlpito por amor ao próprio discurso. Temos instruções a transmitir, importantes em último grau, e não podemos nos dar ao luxo de proferir coisas insignificantes.”^[15]

Ele advertia seus alunos a avaliarem seus sermões pelo conteúdo, e não pela estrutura ou desígnio. “Dividir bem um sermão pode ser uma arte bastante útil; mas, como usá-la, se não há nada para dividir?... O maior discurso já apresentado é um fracasso ostentoso se a doutrina da graça de Deus está ausente; passa por sobre a cabeça dos homens como uma nuvem, mas não derrama chuva sobre a terra sedenta. E, por isso, a sua recordação é desapontamento ou algo pior para aqueles que aprenderam sabedoria pela experiência de necessidade urgente.”

“Irmãos”, ele apelava, “avaliem seus

sermões. Deem-lhes consistência. Não os julguem importantes pela quantidade de palavras que vocês proferem; antes, procurem torná-los valiosos pela qualidade do conteúdo”.^[16]

Spurgeon se apegava com firmeza à teologia calvinista, mesmo quando estendia um apelo universal aos pecadores, chamando-os a que se arrependessem e cressem no evangelho. Quando lhe perguntavam como ele podia reconciliar seu entendimento da eleição com sua pregação evangelística, ele respondia de imediato: “Não tento reconciliar amigos”.

Essa qualidade de vigor e vitalidade produziu um dos mais notáveis ministérios da igreja na era moderna — ou em qualquer outra era. Por ocasião da morte de Spurgeon, o texano B. H. Carroll foi comovido a apresentar uma mensagem de celebração da vida e do ministério de seu colega inglês: “Com quem podemos compará-lo entre os homens? Ele combinava o poder da pregação de Jonathan

Edwards e Whitefield com o poder de organização de Wesley e com a energia, o ardor e a coragem de Lutero. Em muitos aspectos, ele era mais parecido com Lutero. Em outros, muito parecido com Paulo”.^[17] Apesar da aclamação que recebia, Spurgeon nunca tencionou ser o centro da atenção, na vida ou na morte. Ele sempre apontava para a cruz. Como Thieliicke disse claramente: “A sua mensagem nunca era improdutiva porque ele era apenas um recipiente”.^[18] Spurgeon confirmaria prontamente essa declaração de Thieliicke. Ele pregava a graça de Deus com tanto poder porque havia experimentado a graça de Deus.

Em nossa época, distante mais de um século da época de Charles Spurgeon, faríamos bem se lembrássemos esse grande homem e o impacto de seu ministério. Além disso, deveríamos ser lembrados da centralidade da confiança bíblica e da convicção teológica na tarefa de pregação. Onde estão os Spurgeons

desta geração?

[1] Thieliicke, Helmut. *Encounter with Spurgeon*. Trans. John W. Doberstein. Cambridge, MA: James Clark & Co., 1964. p. 1.

[2] Spurgeon, Charles H. *Autobiography, vol. 1*. Chicago: Fleming H. Revell Company, 1898. p. 110.

[3] _____. Our first sermon. *Sword and trowel*, London, Jan. 1880.

[4] Fant Jr, Clyde E.; Pinson Jr, William M. *20 centuries of great preaching: an encyclopedia of preaching*, vol. 6, Spurgeon to Meyer, 1834-1929. Waco, TX: Word Books, 1971. p. 3.

[5] Pattinson, T. Harwood. *The history of christian preaching*. Philadelphia: Baptist Publication Society, 1903. p. 335.

[6] Ray, Charles. *A marvelous ministry: the story of C. H. Spurgeon's sermons*. London: Passmore & Alabaster, 1905; repr. Pasadena, TX: Pilgrim, 1985. p. 17.

[7] Thieliicke, Helmut. *Encounter with Spurgeon*. Trans. John W. Doberstein. Cambridge, MA: James Clark & Co., 1964. p. 1.

[8] Spurgeon, Charles H. Letter, April 24, 1855. Disponível em: <<http://www.spurgeon.org/misc/letters.htm>>.

[9] Thieliicke, Helmut. *Encounter with Spurgeon*. Trans. John W. Doberstein. Cambridge, MA: James Clark & Co., 1964. p.

40-41.

[10] Spurgeon, Charles H. *Lectures to my students*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979. p. 93.

[11] _____. *Autobiography, vol. IV*. Chicago: Fleming H. Revell Company, 1898. p. 66.

[12] Murray, Iain. *The forgotten Spurgeon*. Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1966. p. 5.

[13] Spurgeon, Charles H. *Autobiography*. Chicago: Fleming H. Revell Company, 1898. p. 113.

[14] Pike, G. H. (Ed.). *Speeches by C. H. Spurgeon, at home and abroad*. London: Passmore & Alabaster, 1878. p. 85.

[15] Spurgeon, Charles H. *Lectures to my students*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979. p. 70.

[16] Ibid. p. 70-71.

[17] Carroll, B. H. *Memorial address for C. H. Spurgeon*. Nashville, TN: Minister's Institute, February 1892.

[18] Thielicke, Helmut. *Encounter with Spurgeon*. Trans. John W. Doberstein. Cambridge, MA: James Clark & Co., 1964. p. 1.



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais

gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel